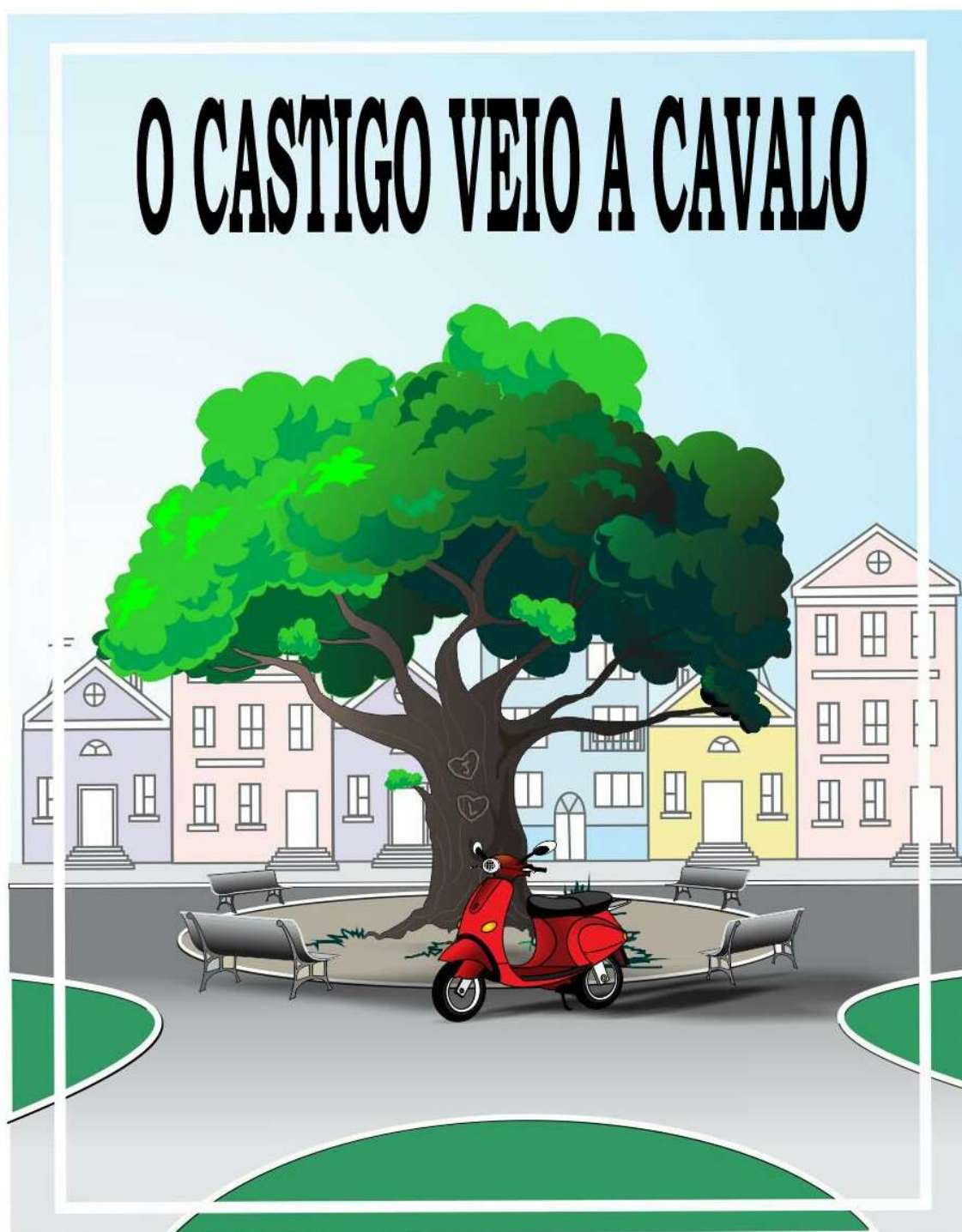


APÊNDICE A – LIVRO PARADIDÁTICO O CASTIGO VEIO A CAVALO



IZABEL CRISTINA DA SILVA

**LIVRO PARADIDÁTICO: UMA PORTA ABERTA PARA O ENSINO DE
GEOGRAFIA**

Relatório, acompanhado do material textual, apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Geografia ao Programa de Pós-Graduação em Geografia (GEOPROF) – área de concentração Ensino de Geografia –, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Campus de Caicó-CERES.

Orientador: Prof. Dr. Gleydson Pinheiro Albano.

Modalidade de Trabalho de Conclusão: Material Textual.

RESUMO

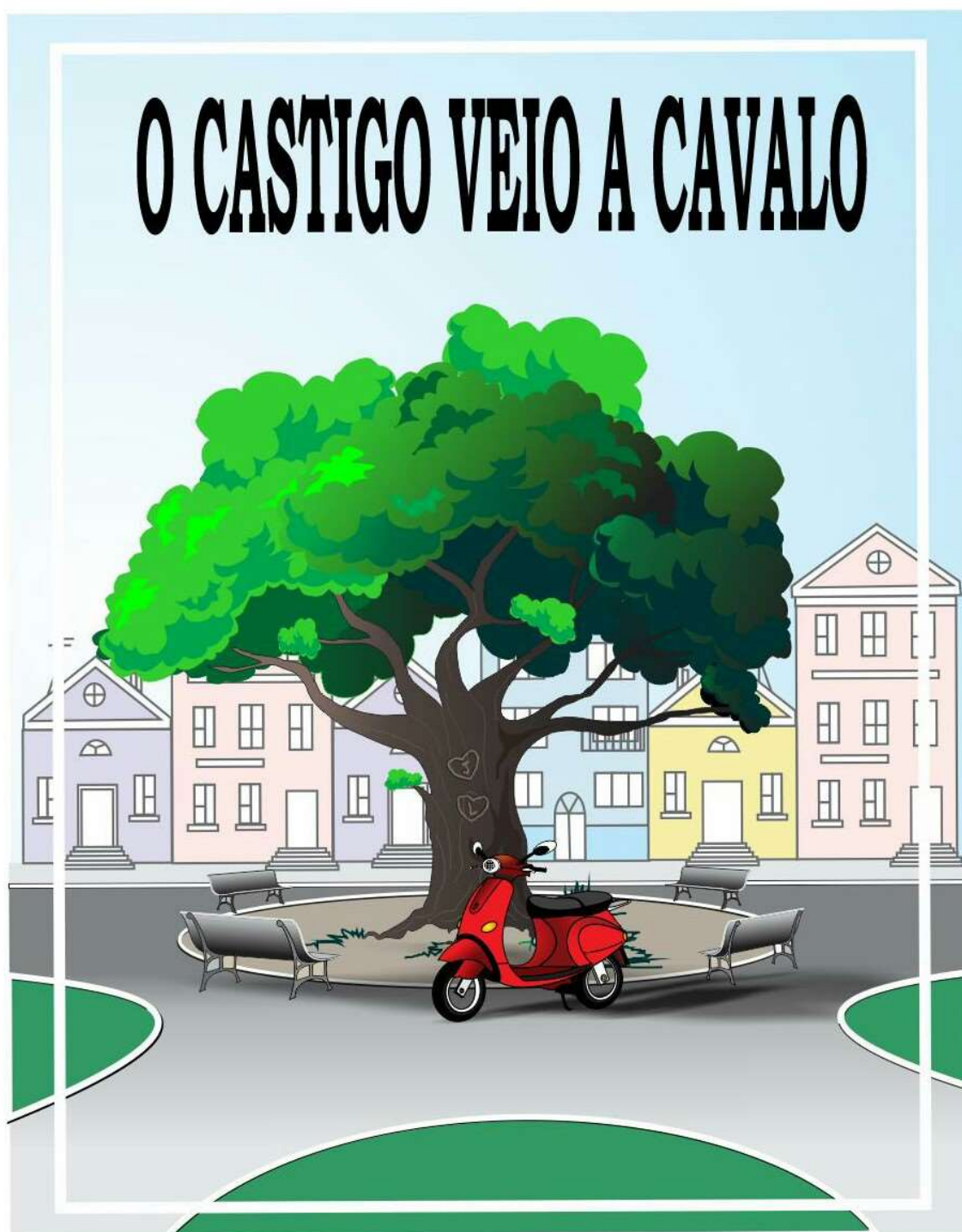
Este trabalho tem como objetivo apresentar como se deu a elaboração do livro paradidático *O Castigo Veio a Cavallo*, um material didático que possibilita ao professor de Geografia trabalhar os conteúdos da referida disciplina, além dos conceitos de lugar e paisagem, por meio de uma perspectiva regional. Assim, parte-se do pressuposto de que a leitura escrita é fundamental para o processo de ensino-aprendizagem, além da relevância de se levar em consideração a vivência do aluno. Cabe destacar que os livros paradidáticos são materiais que praticamente não são utilizados pelos docentes de Geografia. Embora saibam da existência deles no contexto escolar e de suas possibilidades de uso, ainda não conseguem inseri-los no ambiente de sala de aula. Dessa maneira, foi elaborado um material a partir das dificuldades apresentadas pelos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental e seus respectivos professores de Geografia. Produziu-se, assim, uma obra na qual a personagem Beli narra sua aventura com seus amigos Léo e Tajuba pela Região do Seridó Potiguar. No percurso dessa jornada, os alunos leitores vão descobrir aspectos econômicos, culturais, sociais e históricos da Região do Seridó, que darão subsídio para o professor trabalhar os conteúdos e conceitos da Geografia abordados no 6º ano do Ensino Fundamental. Levaram-se em consideração os atrativos que aguçam os alunos na escolha de um livro, além de usar uma linguagem menos formal. Para o educador, preparou-se uma proposta metodológica a partir do enredo do livro, mas cabe ressaltar que não é um receituário, posto que a melhor estratégia é aquela que conduz o aluno ao aprendizado, de modo que o professor é quem conhece a realidade dos seus alunos. Por fim, esperamos que esse livro contribua para o processo de ensino-aprendizagem da Geografia, incentivando os docentes a utilizar esse recurso didático.

Palavras-chave: Livro Paradidático. Leitura. Seridó Potiguar. Geografia.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 LEITURA E ENSINO: EIS A QUESTÃO!	23
2.1 Mas, afinal, o que é leitura?.....	27
3 MATERIAIS DIDÁTICOS: O PÓ DE PIRLIMPIMPIM?	32
3.1 Os três mosqueteiros: livros didáticos, paradidáticos e literários	34
4 PELA ESTRADA AFORA.....	43
4.1 A Leitura e o Lúdico: duas faces de uma mesma moeda!.....	47
4.2 Espelho, espelho meu: o que os alunos gostam de ler?.....	51
5 COMO ANDAM AS AULAS DE GEOGRAFIA?	59
5.1 O calcanhar de Aquiles.....	59
5.2 Livro paradidático: o patinho feio?	65
6 SERI MEU SERIDÓ	70
6.1 Pelas veredas do Seridó: breve histórico	71
6.2 Seridó nas aulas de Geografia	81
7 ABRE-TE SÉSAMO: REVENDO A PESQUISA	86
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS.....	96
APÊNDICES	103
APÊNDICE A – LIVRO PARADIDÁTICO O CASTIGO VEIO A CAVALO.....	104
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA DO 6º ANO	222
APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS DO 6º ANO.....	225
APÊNDICE D – LISTA DE LIVROS PREFERIDOS PELOS ALUNOS DO 6º ANO	228
APÊNDICE E – LOCALIDADES POR ONDE OS PERSONAGENS PASSARAM	232

APÊNDICE A – LIVRO PARADIDÁTICO O CASTIGO VEIO A CAVALO



Minha Mãe (*in memoriam*), cada palavra esboçada nesse livro relembra um riso seu, uma lágrima sua, as palavras ditas, o abraço acanhado, a vida interrompida, a despedida que não foi possível...

SUMÁRIO

I.O INÍCIO DO FIM	107
II. A CHEGADA À CASA DE MEUS AVÓS	116
III.A CAMINHADA	120
IV.A SERRA	124
V.O MONSTRO	132
VI.A ESPIONAGEM	136
VII.A DESCOBERTA	142
VIII.O MAPA	150
IX.GOSTARIA DE TER ASAS	169
X.NOVS RUMOS	177
XI.A VACA VAI PRO BREJO	193
XII.ENQUANTO O JUIZ NÃO APITA O FINAL, AINDA HÁ JOGO	203
XIII.A DESPEDIDA	206

CAPÍTULO I

O INÍCIO DO FIM

Era um dia daqueles bem quentes, típico da região do Seridó Potiguar. Era o ano de 1990. Olho para Léo, que se encontra sentado embaixo de um pé de juazeiro, suado igual a um pano de cuscuz, acenando e dando uma piscadela para mim, e eu retrucando com um olhar nada amigável, de mau-humor. Ora bolas, mas preciso contar esta história desde o princípio e não do fim.

Léo é sobrinho de um amigo dos meus pais. Ele é natural de uma cidade chamada Anta Gorda, que fica no Estado do Rio Grande do Sul; ele veio passar as férias conosco aqui, em Caicó, Rio Grande do Norte.

LOCALIZAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DE CAICÓ-RN E ANTA GORDA-RS

Meus pais resolveram sair de férias, mas, antes de viajarem, mandaram que eu e Léo fôssemos com Tajuba, seu tio, para a casa dos meus avós, que moram na área rural. A casa fica no sopé da Serra de São Bernardo, zona rural da nossa cidade. Para mim, aquilo era o fim do mundo, já que meus pais sempre me pagavam uma viagem bacana nas férias. Era comum eu sair em excursão com as amigas, mas, neste ano, como saí da linha, o meu castigo era ficar sem meu sonhado passeio.

Meu pai se chama Augusto, ele é um homem baixo, cabelos escuros, olhar sereno. Ele é contador, trabalha bastante, mas é um pai presente. Nunca levo bronca dele, essa parte fica por conta da mamãe, porém, quando ela recorre a ele é sinal que eu estou muito encrencada.

Minha mãe se chama Lourdes, mas todos a chamam de Lú, ela é uma morena alta, cabelos encaracolados, tem um rosto comprido, com um nariz bem afilado, onde ela inquietamente tenta arrumar seus óculos de grau. Ela, ao contrário de mim, tem um corpo exuberante, é alta e elegante. É uma mulher doce e amável, mas, quando eu apronto alguma travessura, o doce e amável desaparecem rapidamente, ressurgindo depois de algumas horas ou dias, dependendo do que eu aprontei.

Ela é professora de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/Campus de Caicó, e adora o que faz. Sempre ouço o seu discurso:

-Sou professora por amor.

Bem, para mim, isso não facilita em nada a minha vida, só complica. Estou cansada de ouvir certos comentários na minha escola:

-Mas, Belí, você não fez a tarefa? Sua mãe é professora.

-Belí, sua nota em Geografia deveria ser 10, sua mãe é...

Blá, blá, blá, gostaria que todos entendessem que minha mãe é minha mãe e que eu sou eu. Falando nisso, já deu para perceber que eu tenho um temperamento forte. Mas quem, aos 13 anos, não tem? É muita coisa para administrar. De segunda a sexta, tenho de acordar às 5h30min com o barulho insuportável do meu despertador. Depois, tenho de tomar banho, domar meus cabelos, vestir a farda da escola, e, a pior parte, tomar café logo cedo. Essa é a parte mais complicada. Não gosto de comer cedo, mas minha mãe mantém uma regra firme, que eu ouço quase todos os dias:

-Ninguém sai de estômago vazio para a escola. Saco vazio não se mantém de pé.

Eu não tenho como argumentar contra ela tão cedo da manhã. Geralmente, como uma fruta, e sem essa de pegar e sair correndo. Tenho de sentar à mesa e

comer junto com ela. Depois, eu bebo um pouco de café e como alguma coisa. Só aí é que estou liberada para ir à escola. Não posso esquecer que é ela quem me deixa e pega no colégio, mas estou tentando convencê-la de me deixar ir sozinha. Já está mais do que na hora de ter minha independência. Para isso, bolei um plano arriscado, diga-se de passagem. Tentei convencê-la a comprar uma motoneta para mim, pois boa parte das minhas amigas já tem uma e vão sozinhas para a escola.

Um belo dia, resolvi executar o plano: ela foi me pegar no colégio e tentei convencê-la de que perdia muito tempo em ir me deixar e buscar, pois ela tinha os trabalhos da faculdade e a casa para cuidar. Ela ouviu tudo calmamente. Aparentemente, ficou pensativa. Então, deduzi que poderia pôr em prática a segunda parte do plano. Consegui alguns panfletos desses que as lojas de motonetas distribuem com ofertas de seus produtos. Depois, estrategicamente, coloquei na caixa dos correios da minha casa, pois uma das minhas tarefas das terças-feiras à tarde era pegar as correspondências e ajudar mãe a verificar o que tinha chegado.

Chegou o grande dia, ela estava sentada no sofá e eu fui correndo pegar as correspondências, verifiquei que o panfleto estava lá e coloquei no meio dos outros papéis. Respirei fundo e voltei para a sala, onde ela já estava esperando, estirei o braço e entreguei toda a papelada, depois sentei ao lado dela, como de costume. Ela olhou as primeiras correspondências, entregou uma para eu rasgar e jogar no lixo. Depois, pegou o panfleto e, para minha tristeza, mal olhou, pedindo para eu descartar. Fiquei agitada imaginando o que eu iria fazer. Aí tive a brilhante ideia de improvisar uma fala.

-Mãe, olhe que motonetas bonitas, econômicas! Estão com um preço ótimo. Algumas das minhas amigas já vão à escola nelas. Assim, os pais economizam tempo e dinheiro.

Mal terminei de falar, minha mãe ajeitou os óculos, olhou para mim com aquele olhar. Sabe aquele olhar de mãe, que parece que estão lendo nossos pensamentos? Às vezes acho que realmente elas têm esse poder. Não preciso nem descrever o tamanho do sermão que eu ouvi por quase uma hora seguida, sem ter a oportunidade de abrir a boca. Resultado do meu plano: fiquei de castigo por três dias sem assistir à TV.

Mas, nesse período, eu tive tempo suficiente para pensar na minha vida e em como ela é cansativa. Além de acordar cedo para ir à escola, tenho de fazer tarefa, ajudar minha mãe nas tarefas de casa, e, ainda, tenho aulas de educação física duas

vezes na semana no período da tarde, sem falar no calor. Falando em Educação Física, é minha grande infelicidade e tem a ver com o meu plano que foi frustrado por minha mãe.

Cá estou eu de férias, mas de castigo na casa dos meus avós. Perdi a viagem que minha mãe prometera. O que eu fiz? Bem, não me orgulho em nada do que eu fiz, mas tem a ver com a aula de Educação Física.

Depois do fracasso de convencer minha mãe a comprar uma motoneta, eu resolvi que pelo menos poderia aprender a pilotar uma. Foi numa sexta-feira que eu e minhas duas amigas, Carol e Ana, resolvemos solucionar o meu problema. Nesse dia, minha mãe foi ao médico e eu fui à escola de moto-táxi. Quando desci em frente à quadra esportiva da minha escola, eu não entrei, fui, rapidamente, para uma pracinha que tem próximo à escola, onde minhas amigas já estavam me esperando com a motoneta. Meu coração parecia que ia sair pela boca. Minhas mãos estavam geladas, de tão nervosa que eu estava.

Carol e Ana me receberam na maior algazarra, deram-me as instruções necessárias para eu pilotar:

-Liga aqui, acelera aqui, freia aqui.

Pronto, era tudo que eu precisava saber. Subi na motoneta, coloquei o capacete. Nossa! Finalmente ia realizar uma parte do meu sonho. Não ia ganhar a moto, mas, pelo menos, ia pilotar.

O que eu não imaginava é que nem tudo ia sair como planejado. Liguei e acelerei de vez. A última coisa que eu vi na minha frente, em meio aos gritos de Carol e Ana, foi a árvore na qual eu e minhas amigas costumávamos escrever as iniciais dos nomes dos meninos mais bonitos da escola. Bati em cheio e apaguei geral.

Acordei muito tempo depois. Era como se estivesse em um sonho de contos de fada, mas, ao invés de ver o príncipe, eu dei de cara com minha mãe. Ela não estava com cara de fada madrinha, nem ao menos tinha a varinha de condão. Oh, céus! Onde estou? Vou ouvir a maior bronca. Ouço a voz da minha mãe:

-Isabeli Maria da Silva, como você se sente? Você está bem?

Agora sei que **o castigo veio a cavalo**, fico paralisada, não sei se digo que estou bem ou mal, mas resolvo balbuciar que estou bem. No entanto, estava sentindo dores em todas as partes do corpo, mas achei melhor fingir, pois ela estava com cara de brava. Como eu sei? Quando ela pronuncia meu nome completo é sinal de que o

tempo vai fechar para mim. Ah! Tinha esquecido de falar, meu nome é Isabeli, mas todos me chamam de Beli.

Olho em volta e percebo que estou deitada numa cama de hospital. Neste momento, o médico entra, me examina, faz algumas perguntas, mostra alguns exames a minha mãe e anuncia a minha alta. Antes de sair da sala, olha para mim e fala:

-Tenha mais cuidado, mocinha! A árvore não é de espuma.

Fico irritada, aperto os olhos para conseguir ler o nome dele que está bordado no jaleco: Dr. Alberto. Hum! Vou guardar esse nome e vou fazer uma queixa formal ao presidente, prefeito, delegado. Por que é que todo mundo se acha no direito de opinar sobre minha vida? Deixemos esse médico para lá, pois o meu real problema estava agora ao meu lado no carro, indo em direção a minha casa. E só deu tempo chegar a casa, nunca pensei que minha mãe conseguisse falar tantas palavras em tão pouco tempo. De quebra, descobri que meu pai ia chegar para ajudar no sermão. Resultado: perdi a viagem com minhas amigas.

Sei que pisei na bola, mas eles foram duros demais nesse castigo. Até hoje, não pronuncio o nome do objeto que quase me matou naquela árvore. Passei 15 dias de cama com a perna engessada, mais 15 dias fazendo fisioterapia, e, ainda, fiquei sem mesada pelos próximos anos, até meu pai descontar o dinheiro que ele gastou consertando o objeto de Carol.



E foi assim que eu acabei vindo passar as férias na casa dos meus avós. Meus pais sabem que eu não sou chegada a sítio, mas tudo isso faz parte do corretivo.

Meus avós são legais. Minha avó se chama Rita. Ela é um amor. É baixinha, tem os cabelos longos, que não corta de jeito nenhum, usa sempre presos com uma presilha. Ela cozinha maravilhosamente bem. Tem um amor inigualável pelo sítio que herdou dos meus bisavós e que pertence a nossa família há gerações. Ela é aposentada. Foi professora por muitos anos. Acho que minha mãe herdou o amor pela profissão dela. Vó Rita é casada com o Vô Chico há 48 anos. Sempre viveram no sítio. Minha mãe já tentou convencê-los a vir morar na cidade, mas as tentativas foram em vão.

Meu avô é um homem muito trabalhador. Apesar de sua idade, 66 anos, ele tem uma disposição invejável para o trabalho. Vô Chico, ao contrário da minha avó, é um homem alto, de pele morena, olhos grandes e possui uma voz que até parece de um cantor. Eles tiveram somente minha mãe de filha, e minha mãe também só teve um filho: eu. Ela fala que dou trabalho por cinco. Acho um exagero da parte dela.

Gosto de visitar o sítio, uma vez por outra, mas confesso que faz muito tempo que não vou ali, nem lembro mais ao certo como é a casa. Meus avós é que vão a minha casa. Eu os amo, mas ficar no meio do mato¹ em plenas férias não estava nos meus planos. Para completar a tragédia, meus pais deixaram o marrento do Leonardo e o seu tio Tajuba em minha companhia. Não tenho nada contra Tajuba, eu já o conhecia de outras épocas. É um homem alto, cabelos escuros, olhos claros, pele bronzeada, deve ser de tanto andar pelo meio do mato. Ele é simpático e gentil, é amigo dos meus pais, fez faculdade junto com minha mãe. É por isso que ele sempre vem realizar pesquisas aqui, principalmente no sítio dos meus avós. Tajuba pesquisa sobre as plantas da caatinga² e o seu uso medicinal.

¹Mato: o campo (por oposição à cidade); a roça.

Ele já veio outras vezes realizar estudos aqui, mas, desta vez, apareceu acompanhado de seu sobrinho, com o qual não fui com a cara. O garoto se chama Leonardo, mas todos o chamam de Léo. Ele é mais alto do que eu. Deve ter mais ou menos um metro e setenta de altura, tem a cor clara, os olhos verdes, tem um cabelo bem fino - que é valorizado pelo corte, deixando uma mecha cair sobre sua testa. Não posso negar que ele é bonitinho, mas não simpatizei muito com ele, e acho que o sentimento foi recíproco. Ele é muito azedinho para o meu gosto, mal chegou e já deu uma de sabido.

²Caatinga: tipo de vegetação característico do Nordeste brasileiro, formado por pequenas árvores, habitualmente espinhosas, que perdem as folhas no curso da longa estação seca.

Mesmo não gostando dele, tínhamos que compartilhar 30 dias de férias na casa do meu avô Chico e da minha avó Rita. Tenho a nítida sensação de que esses dias serão longos e provavelmente os piores da minha vida, no entanto, como eu não tenho outra opção, já gastei todos os argumentos com os meus pais e nada os comoveu. Tive que arrumar a mala para partirmos, eu e toda a comitiva.



CAPÍTULO II

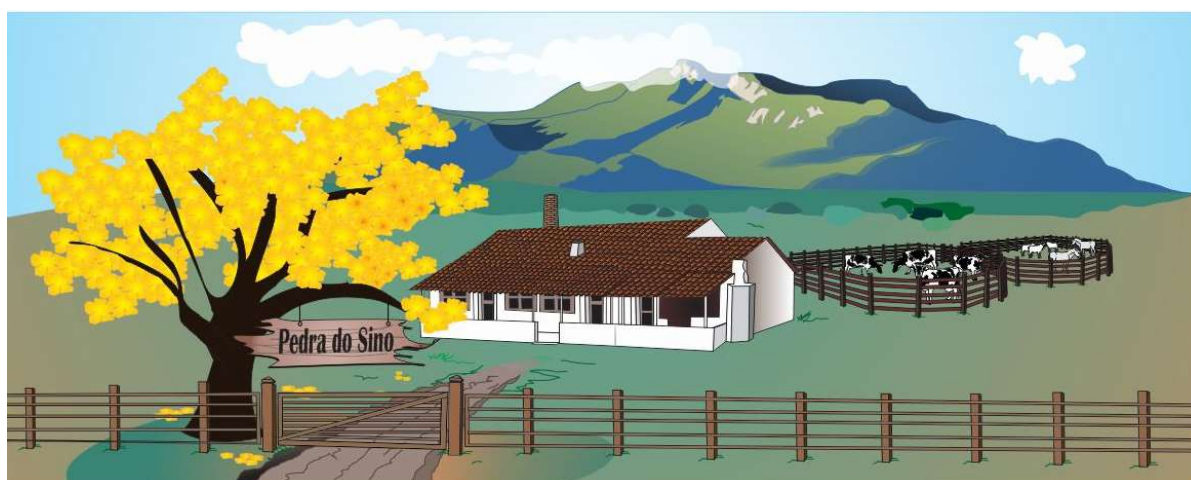
A CHEGADA À CASA DE MEUS AVÓS

Era um final de tarde de sábado. O percurso de quase uma hora foi feito ao som da conversa dos meus pais com Tajuba. Eu e Leonardo permanecemos calados, até que finalmente avistamos a entrada do sítio, com uma grande porteira³ e uma tábua de madeira pendurada em um frondoso pé de craibeira⁴ com suas flores amarelas. Na tábua está talhado o nome do sítio: Pedra do Sino.

³Porteira: portão de entrada em propriedades rurais.

Esse nome sempre chama minha atenção, mas meu avô fala que é apenas uma brincadeira dos meus bisavós, que moraram ali. No centro do sítio fica a casa, ela é enorme. Meus avós conservam a arquitetura antiga, não gostam de modificar, dizem que aquela casa guarda muitas histórias, modificá-la seria destruir sua vida. Um pouco mais distante da casa ficam os currais, onde os animais criados pelo meu avô ficam presos: bois, vacas, ovelhas e jumentos. Ao fundo, fica a Serra de São Bernardo. Respiro profundamente, acho-a bela e imponente.

⁴Craibeira: árvore que nasce em regiões de caatinga, cerrado e pantanal. De 12 a 20 metros de altura, possui tronco tortuoso de casca grossa.



Avisto vô Chico acenando com a mão para nós. Ele está abrindo a porteira para o carro passar. Vó Rita está em pé no alpendre a nos esperar. Pai para o carro em frente à casa. Nós descemos para nos cumprimentarmos. Minha mãe pede a bênção aos meus avós, que a abraçam e a beijam. Acho isso engraçado. Minha mãe sempre faz isso, nunca perdeu o costume.

Meu pai cumprimenta meus avós com um abraço. Ele olha para mim e eu sei o que significa, aproximo-me dos meus avós e lhes peço a bênção. E, antes que eu faça qualquer movimento, acolhem-me em um abraço e me beijam. Para completar o teatro, ainda falam que o bebê deles está crescendo, até que finalmente me soltam. Neste momento, dou de cara com Leonardo que está rindo discretamente. Como ele é detestável! Meus avós cumprimentam calorosamente Tajuba, pois eles já se conhecem há bastante tempo.

Terminados os cumprimentos, meus avós convidam todos para tomar café. Meus pais pedem para eu retirar as nossas bagagens. Explicam para meus avós que não dá tempo de tomar café, pois eles têm de viajar logo para Natal, sem atrasos para não perderem o voo. Minha avó faz cara feia, mas sabe que não pode relutar contra esse argumento. Todos se despedem, meus pais me abraçam, e, como sempre, pedem para eu me comportar. Eu não gosto nem um pouco dessa parte.

Fico parada no alpendre⁵ olhando o carro sumir na estrada. Era a minha última esperança de ir embora. Eu acreditava que meus pais iriam desistir desse castigo absurdo, mas vi que eu estava redondamente enganada. Volto a minha triste realidade e percebo que meu avô já está em altos papos com Leonardo. Vejo que ele ficou encantado por aquele garoto. Não sei o que ele viu de tão interessante naquele menino, a ponto de esquecer a sua pobre neta, abandonada à própria sorte. Por trás de nós, ouço a voz da minha vó:

⁵Alpendre: espaço coberto e aberto na fachada de uma casa, que dá acesso ao interior.

- Chico, traga as visitas para cá! Vocês vão ficar aí parados?

Imediatamente, meu avô nos conduz para o interior da casa. A porta central é enorme, a parede tem uma espessura tão grande, que me caberia dentro facilmente. Passando pela porta, fico em pé no centro da sala, ela tem duas grandes janelas, que dão para a área externa. Os móveis são antigos, mas bem conservados. Tudo é feito de madeira, um jogo de sofá coberto com veludo vermelho, um centro que meu avô usa para descanso dos pés e minha avó ralha com ele todas as vezes que vê essa

cena. Tem um móvel comprido com um espelho no meio da sala. Nele, meu avô coloca o chapéu. Acredito que seja uma chapeleira, se é que existe esse nome.

Por fim, muitas fotos emolduradas e fixadas na parede da sala. Minha avó fala que não são fotos, são retratos⁶. Vai entender! As fotos são dos meus antepassados. Uma delas chama muito a minha atenção, era de dois homens, estavam próximo de uma espécie de baú e tem alguma coisa que lembra moedas, a foto está com falha justamente nesse ponto, e mais atrás está uma casa que é muito parecida com a dos meus avós. Paro e pergunto ao meu avô:

⁶Retratos: representação da imagem de uma pessoa real, pelo desenho, pintura. Gravura, etc., ou pela fotografia.

- Vô Chico, quem são essas pessoas da foto? E que moedas são essas?

Ele, parou um instante, coçou a cabeça e falou:

- Esse de chapéu é seu bisavô. O outro é um amigo dele.

Eu insisto: E essas moedas?

-Não estou vendo moedas nenhuma aí, Beli. Esse retrato é muito antigo. Você está vendo coisa que não existe.



- Vô, é, sim. Antes que eu terminasse de concluir o meu argumento, ele arqueou a sobrelance para mim e falou em um tom nada amigável:

-Vamos deixar essa prosa⁷ para lá e vamos para a cozinha banhar as mãos para jantarmos.

Aquilo soa como um aviso. Aceno com a cabeça, concordando. Sei quando não devo prosseguir em uma batalha. Quando olho para o canto da sala, vejo Leonardo fazendo um ar de riso, tenho vontade de dizer umas verdades a ele, mas me controlo, e apenas o xingo mentalmente de branquelo azedo.

⁷Prosa: indivíduo loquaz, conversador; proseador.

Ouçõ a voz da minha vó vindo lá da cozinha:

-Deixem de tagarelíce⁸ e venham jantar, que a comida está esfriando. Aqui se janta cedo.

Imediatamente, somos fisgados pelo cheiro maravilhoso que vem da cozinha, e, sem percebermos, estamos todos em volta da mesa. E, que mesa farta! Tinha me esquecido do quanto minha avó gostava de cozinhar e de como a alimentação deles era diferente da minha. O cardápio é anunciado, em voz alta, pela minha avó:

⁸Tagarelíce: costume de tagarelar (falar muito).

- Cuscuz, tapioca, carne assada na brasa, coalhada, fubá doce, umbuzada, leite, queijo e batata-doce.

Tajuba dá um assovio e isso quebra o meu encanto diante de tanta fartura. Olho para Leonardo e ele está com cara de peixe fora d'água. Ouçõ a voz da minha vó:

- O garoto não gostou dos alimentos?

Antes que ele respondesse, Tajuba olha para ela e responde:

- De onde ele vem, Dona Rita, não tem todas essas comidas, mas ele vai experimentar para conhecer a culinária do Seridó.

-Vamos, Léo, sirva-se. Saco vazio não fica em pé.

Nesse momento, Tajuba lhe entrega um prato e faz menção para ele se servir. Ele recebe com cara de quem não quer comer, mas, para bancar o educado, coloca comida no prato. Eu assisto a tudo de camarote e quando ele se aproxima para pegar um pouco de cuscuz, que está próximo de mim, eu dou um riso vingativo, pois eu não tinha esquecido do risinho que ele soltou há pouco na sala. Ele fica sem jeito e derrama comida na toalha da mesa, eu o fuzilo com o olhar.

CAPÍTULO III

A CAMINHADA

Somos interrompidos pela voz do meu avô:

- Beli, combinei com Tajuba e com Leonardo para amanhã realizarmos uma caminhada na serra. É uma distância considerável. Você quer ir ou quer ficar com sua avó?

Olho de relance para Leonardo e percebo um ar de desdém no rosto dele, deve estar achando que isso não é coisa para mulher. Viro-me para meu avô e respondo:

- De que horas partiremos?

Meu avô olha surpreso para mim, pois ele sabe que eu não sou muito adepta a longas andadas, acenando com a cabeça em consentimento e avisa:

- Precisamos organizar o seguinte material: cantil com água, chapéu, calça comprida, calçado fechado e comida. Iremos sair às quatro horas da manhã, antes do sol raiar, pois é mais frio e o menino Leonardo não está acostumado com o nosso calor.

Meu avô olha para ele e pergunta:

- Meu rapaz, você já fez alguma caminhada longa?

Ele olha para o meu avô, com os olhos brilhando, e responde:

-Sr. Chico, não se preocupe, estou acostumado a fazer trilhas com meu tio. Não tenho problemas em andar no mato e, muito menos, em acordar cedo.

Lanço um olhar para o alto e penso: ele está se achando o máximo, o garoto do Sul, que gosta da vida rural. Um medo paira na minha cabeça, e se eu não aguentar o percurso? Que mico eu vou pagar. Como eu me arrependo de não ter ido para as aulas de educação física, mas eu bem que poderia ficar em casa com Vó Rita, diria ao acordar que estou doente. Hum! Isso levantaria suspeitas. Inspiro profundamente e decido ir. Não vou dar o pé para aquele garoto se achar o tal. Eu irei, ao acordar, vou incorporar o espírito aventureiro de Emília, minha personagem preferida, e irei.

Meus devaneios são interrompidos, desta vez, pela voz suave da minha avó:

- Beli, vamos nos acomodar para dormir. Você quer que eu lhe acompanhe até o quarto?

Olho mais que depressa para ela e respondo:

- Não, Vó, eu acho o caminho.

Olho em volta e percebo que todos tinham terminado o jantar e já estavam indo para seus quartos. Mais do que depressa, dou um beijo de boa noite na minha vó e vou saindo de fininho, mas sou interrompida pela voz do meu avô:

-Beli, você não está esquecendo nada?

Aquilo soou como uma repreensão. Ele está querendo que eu dê boa noite aos convidados. Penso em não obedecer, mas lembro daquilo que os meus pais recomendaram tanto: obedeça a seus avós, pois, quando voltarmos, vamos querer saber de tudo. Ando em direção ao meu avô, dou um beijo de boa noite e falo com uma voz quase rouca:

- Boa noite, Tajuba! Boa noite, Leonardo!

Não dou o gosto de chamá-lo de Léo, pois não sou amiga dele. Ouço um “boa noite” em coro, em retribuição ao meu.

Finalmente, vou para o quarto. Abro a porta e percebo que tudo está igualzinho como da última vez que estive ali. Minha avó não gosta de mudar os móveis de lugar. O quarto tem uma cama de solteiro, um guarda-roupa, um móvel que minha vó chama de penteadeira, um cabide para as roupas, uma cadeira. A ventilação dele é através de uma grande janela que dá para o jardim.

O quarto tem uma porta que dá para um banheiro. Ao contrário do que eu tinha na cidade, não tinha chuveiro elétrico, espelho, descarga automática. O banho é chamado de cuia. A água é guardada em um tanque de alvenaria e você tira com uma vasilha estranha. O pior não é isso, encosto a mão dentro da água e ela está tão fria que fico paralisada só de pensar em tomar um banho para dormir e outro de madrugada, antes de sair para a caminhada. Oh, céus! O que eu estou fazendo aqui? Tenho vontade de chorar, mas resisto e resolvo enfrentar aquela água gelada, pois eu tenho uma reputação a zelar. Se o sabichão do Leonardo consegue, eu também consigo.

Volto para o quarto, desfaço minha mala, coloco minhas roupas no guarda-roupa, o par de tênis em um canto do quarto e penso: bem que eu poderia ter esquecido de trazê-los. Só assim não precisaria acordar de madrugada, nem tomar banho e muito menos ir caminhar. Mas, deixo o meu par de tênis, pego a toalha, os produtos de higiene e vou para o banho do terror. Não quero nem lembrar como foi, sei que foi o mais rápido da minha vida. Em pouco tempo, estava embaixo do cobertor na minha cama. Ele é feito pela minha vó, ela chama de coberta de taco⁹. Ela emenda

pequenos pedaços de tecidos e os transforma em uma bela manta; adormeço sentindo a maciez.

Acordo atordoadada com uma batida na porta e o som de uma voz. Penso que estou na minha casa, dormindo na minha cama, que é de casal, pois quando pequena rolava muito e caía constantemente, aí minha mãe resolveu comprar uma cama maior. Com a batida na porta, eu rolei e acabei me esparramando no chão. Bela maneira de iniciar um dia que, por sinal, promete. Em meio às dores que sinto, ouço a voz da minha avó:

⁹Coberta de taco: expressão local que se refere a um tipo de lençol feito a partir de pedaços de tecidos que são emendados um a um até chegar ao tamanho de um lençol.

-Beli, acorde! Seu avô já está quase pronto com seus amigos. Beli, você está acordada? Que barulho foi esse?

Reúno o resto de forças que tenho e respondo:

- Estou, vó. Só tropecei na cadeira. Vou já.

Levanto do chão frio, sou tentada a voltar para meu leito, mas sei que se eu fizer isso vai ser motivo para aquele garoto chacotear de mim. Decidida, pego a toalha e rapidamente vou para o banheiro. Descubro que tomar banho pulando faz com que eu sinta menos frio. Infelizmente, não posso usar essa tática na minha casa. Minha mãe me mataria, pois respinga água para todos os lados e o banheiro fica todo molhado. Na casa da minha avó não acontece isso, pois o banheiro é todo de alvenaria e a água é absorvida rapidamente.

Termino o meu banho, visto uma calça jeans azul, coloco uma meia preta e calço o meu tênis preto, resolvo usar uma camiseta branca, pego meu boné, minha garrafa de água e coloco tudo dentro da minha mochila. Fecho a porta do quarto e saio em direção à cozinha, onde ouço a conversa animada dos demais. Como alguém pode estar tão animado e feliz a essa hora, se eu mal consigo manter os meus olhos abertos?

Todos param a conversa e olham para mim. Devo estar com a cara péssima, mas não recuo, continuo a caminhar em direção à mesa, onde eles estão sentados. Minha avó quebra o gelo:

- Bom dia, Beli! Dormiu bem?

Tento ser simpática, mas é muito difícil conseguir esta façanha às quatro horas da manhã:

-Bom dia, vó. Acho que dormi bem. A noite passou muito rápido.

Meu avô olha para mim e pergunta:

-Beli, não vai dar bom dia para nós?

- Bom dia! Bom dia! Bom dia! Falta mais alguém para eu desejar bom dia?

Percebo que todos estão com vontade de rir, mas por medo ou educação se contêm. Vó pede para eu pegar um tamborete, que são cadeiras de madeira com assento de couro. Eu sento rapidamente. Minha avó nos entrega pequenos sacos de papel com lanche que ela preparou, especialmente, para a viagem, para colocarmos na mochila. Depois, ela passa uma garrafa grande com água para abastecermos nossas garrafas. Em seguida, coloca algumas comidas - bolo, ovos, tapioca, cuscuz, batata-doce-, e bebidas - café e leite- na mesa. Fico pensando em como é que alguém prepara um banquete desses a essa hora.

Todos se servem, menos eu. Olho para a comida, que está com uma aparência muito boa, e sei que deve estar uma delícia, pois a boia da minha vó é *show*, mas não consigo comer, pois está cedo e meu estômago está embargado. Meu avô olha para mim e sinto que tenho que engolir algo, olho para toda aquela fartura e resolvo enfrentar uma tapioca com um pouco de ovos e uma xícara de café, para ver se me mantenho acordada. Com muito esforço, engulo tudo e bebo o café quentinho que, por sinal, faz-me um bem danado. Meu avô anuncia a nossa partida:

- Vamos, pessoal! Está na hora.

CAPÍTULO IV

A SERRA

Nós nos levantamos e seguimos vô Chico porta afora. Demos “tchau” para vó Rita e batemos em retirada. Passamos pela porteira, o caminho não é muito largo e temos de caminhar de dois em dois, para minha irritação. E, adivinhem?! Eu e Leonardo vamos atrás. Caminhamos em silêncio, a conversa fica por conta do meu avô e Tajuba, que são dois tagarelas.

Seguimos em direção à parte mais baixa da serra, caminhamos cerca de trinta (30) minutos, meu avô faz a primeira parada embaixo de uma árvore que eu não lembro bem o nome. Só consigo sentir meu coração acelerado e minhas pernas doerem, além de algumas moscas gigantes que querem sugar todo meu sangue. Vô chama de mutucas e fala que eu tenho de andar com um galho de uma planta para espantá-las.

-Vamos descansar, tomar um pouco de água e chupar umbu. Leonardo, você conhece essa fruta?

- Não, Seu Chico. Na região onde eu moro não tem.

- Pois bem, essa árvore é o umbuzeiro e seu fruto é o umbu. Ele é muito saboroso, aquela bebida que tinha no jantar, chamada umbuzada, é feita com essa frutinha. Essas mais verdes são mais azedas, e aquelas mais maduras são mais doces. As abelhas gostam muito das flores para produzir o mel, infelizmente, os umbuzeiros estão sendo cortados, assim como outras plantas da nossa vegetação.

Olho para Leonardo e ele já está com uma fruta atracada na boca, divirto-me um bocado, pois ele mordeu com muita força, quase que fica banguela¹⁰. Tajuba percebe.

- Vai com calma, sobrinho! Não é banana, tem um caroço.

Todos rimos da situação, mas Leonardo tira de letra, não faz nem cara feia. Aproveito para tirar alguns para eu chupar durante a caminhada. De repente, quando me viro, vejo o meu avô com uma faca cortando um pedaço da raiz do umbuzeiro, só não sei para quê, mas pressinto que vou descobrir rapidamente.

-Olhe, Leonardo! A raiz dessa planta guarda água em seu interior, é só espremer. Coloque sua mão aqui.

¹⁰Banguela: diz-se de pessoa cuja arcada dentária é falha na frente; desdentado.

Logo, ele estira a mão e meu avô espreme a raiz. Incrivelmente, sai um líquido. Vô acrescenta:

-Beba! Não é igual à água, mas sacia a sede.

Observo e vejo que ele não reluta ao experimentar, eu só espero que meu avô não peça para eu fazer a mesma coisa. Maldito pensamento.

-Beli, quer um pouco?

-Não, vô. Não estou com sede.

Ainda bem que ele se dá por satisfeito. Logo após, vejo-o dar o sinal de que iremos partir. Fico aliviada por ele não insistir para que eu experimentasse aquele líquido estranho.

-Vamos, pessoal! Ainda temos muito chão pela frente.

Como eu gostaria de ficar deitada embaixo dessa árvore, eu não caminhei nem uma hora (1h) e já sinto minhas pobres pernas doerem. Um pensamento paira na minha cabeça: será que essas dores são sequelas do meu acidente? Não, aquele médico fez tanto exame, que eu nem sabia que existia. Volto à minha realidade, reúno o resto das minhas forças e me junto a eles. Continuamos a caminhada, eu e aquele garoto permanecemos em silêncio. Percebo que estamos subindo mais, pois andar começa a ficar mais difícil. Começo a ficar ofegante, estou quase colocando a língua para fora, minhas batatas das pernas¹¹, nem se fala, doem tanto, que não as sinto mais. Depois de uma (1) hora de tortura, meu avô atende aos meus apelos:

-Vô, vamos parar um pouco! Estou exausta.

- Está certo, Belí. Vamos repousar embaixo daquele pé de juazeiro, pois a sombra é favorável.

Finalmente, uma pausa para descansar e tomar água. Minha vontade era sentar, mas meu avô, antes que sentássemos, nos alertou:

- Cuidado quando forem abancar. O juazeiro tem espinhos grandes, que caem no chão. A furada não é muito agradável.

Olho para ele e faço cara de brava.

-Beli, o fato de se ter espinho não desmerece o valor da planta. Experimente essa frutinha.

Olho, cismada, para aquela fruta coberta com uma pequena pele aveludada e a cor que lembra a terra, enfio na boca sem pensar muito e tenho uma grande surpresa:

- Ela é muito doce! Quero mais.

¹¹Batatas das pernas: expressão local que se refere às panturrilhas das pernas.

Todos riem da minha expressão. Meu avô recolhe mais algumas e me entrega. Depois, oferece a Leonardo e a Tajuba, acrescentando:

-Veja, Leonardo! Tanto esse juazeiro como o umbuzeiro fazem parte da nossa vegetação, que se chama caatinga. Antigamente, não tinha pasta para escovar os dentes, a gente tirava raspas do tronco dessa árvore e colocava na escova para escovar. Até hoje eu uso, olhe como meus dentes são brancos! Além do mais, o juazeiro sempre é verdinho, mesmo no período de seca, pois suas raízes são longas, conseguem puxar água de onde tiver. Você já deve ter visto isso nos seus livros da escola.

- Estudei um pouco sobre a caatinga, mas não sabia que tinha árvores frutíferas. Imaginava que era só mato seco.

Meu avô dá uma leve risada e responde:

-Não. Nossa vegetação tem muita riqueza.

Eu fico entediada com aquele *blá, blá, blá*. Parece com a aula da minha mãe. Resolvo interromper.

- Vô, já estamos perto? O que é que o senhor quer nos mostrar?

Ele, com toda paciência do mundo, coisa que eu não herdei, responde:

-Tenha calma, estamos quase lá. Vai valer a pena.

Fico irritada, mas de nada adianta, não descanso quinze (15) minutos e já ouço o chamado.

- Vamos! Se não vai ficar muito tarde e quente.

Sem opção, tenho de levantar e segui-los. A trilha agora fica mais estreita e somos obrigados a caminhar em fila indiana, igual quando vamos pegar merenda na cantina da escola. Depois de quinze (15) minutos de subida, ouço meu avô:

- Chegamos, pessoal!

Aquele anúncio soou como música para meus ouvidos, assemelhando-se aos dias em que a diretora anuncia que vai ter aula vaga. Eu desabo literalmente no chão e todos olham para mim com ar de preocupação:

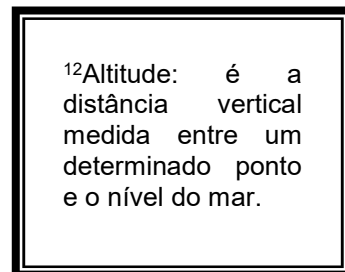
-Não me olhem com essas caras. Eu estou bem. Respiro, profundamente. Só estou um pouco cansada.

Todos riem da minha expressão e, pela primeira vez, não fiquei chateada. Na verdade, não tive forças nem para fazer cara feia. Fecho os olhos e, quando penso que vou relaxar, ouço a voz do Vô Chico:

-Vamos comer o lanche que Rita preparou!

Abro lentamente os olhos e me sento. Consigo observar com calma o lugar. Uau! Fico boquiaberta. Estamos em uma parte da serra que é um pouco plana, com árvores frondosas, característica do período de chuvas. De lá, dá para avistar todo o sítio dos meus avós. Que paisagem linda! Tudo é tão verde e pequeno! Consigo visualizar, um pouco distante, a cidade de Caicó, quase por completa. Paro um pouco a observação para ouvir a explicação do vô. Eu agora sei de quem foi que minha mãe também herdou a vocação para ser professora. Vamos à aula.

- Esta serra recebeu o nome de São Bernardo, mas antigamente chamava-se Samanaú, essa modificação se deu por causa de mudanças que a igreja católica promoveu, mudando nomes ligados a tradições indígenas para nomes cristãos. Ela tem uma altitude¹² de 638 metros. É considerada a maior do município de Caicó. Existe uma lenda muito antiga que diz que ela é um castelo encantado. Quando criança, eu olhava para essas ondulações meio pontudas e pensava que eram as torres.



Eu faço um ar de riso e meu avô percebe.

-Você lembra, Beli? Quando você era pequena adorava ouvir essa história e dizia que você era a princesa do palácio.

Não acredito que ele desenterrou essa história do meu passado. Ele não pode me expor dessa maneira. O pior é que eu me lembro disso e continuo achando a serra parecida com um castelo. Resolvo fazer cara de desentendida. Ainda bem que ninguém fez nenhum comentário desagradável. Ele prossegue com sua aula, adora uma plateia, principalmente, quando percebe que estão gostando.

-Bem, mas o que eu quero é que vocês vejam como está a paisagem vista daqui de cima.

Ele mostra o seu roçado com a plantação de milho e feijão. O curral dos animais, a casa, o pomar, a horta da vó Rita. Observo como ele se emociona ao falar daquele lugar, compreendo, nesse instante, como ele ama tudo aquilo. Suas raízes estão ali, por isso que ele nunca quis morar na cidade conosco.

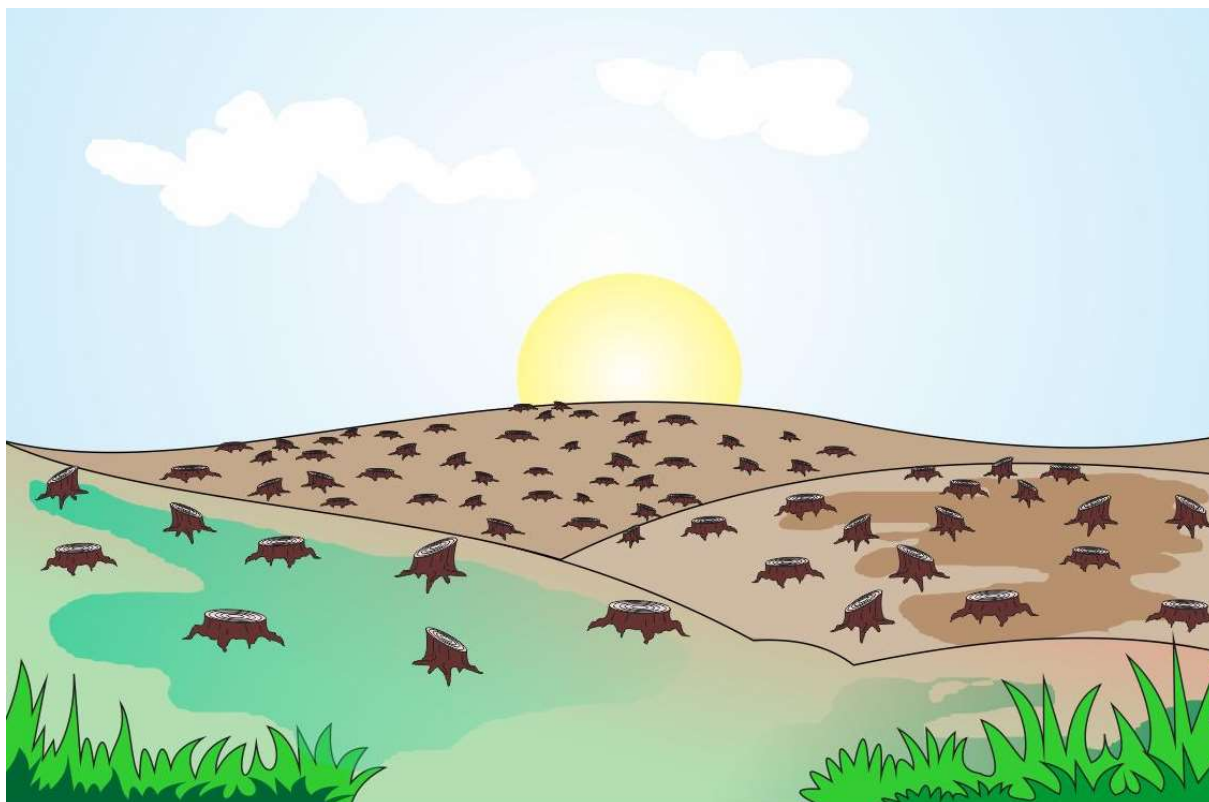
Meus pensamentos são interrompidos pela voz de Tajuba que, por sinal, andava muito calado:

- Seu Chico, é muito bonito. O senhor consegue preservar bem, mas, toda vez que venho aqui, percebo que os sítios vizinhos estão passando por grandes transformações.

- Pois é, Tajuba! Esses dias, peguei a vaca Estrela comendo uma sacola plástica misturada com o pasto. O pessoal que vem para a fazenda do vizinho joga o lixo em qualquer canto e o vento acaba trazendo para o meu sítio. Eles dizem que o progresso chegou ao campo, mas eu acho que isso é falta de educação. Está vendo, Tajuba, todo esse desmatamento¹³?

Olho para onde meu avô está apontando e fico assustada com a paisagem que vejo. Os sítios vizinhos estão com aspecto triste. Estão quase todos desmatados. Não dá para ver quase as plantas da caatinga. Parecem mais uma área de lazer.

¹³Desmatamento: ato ou efeito de desmatar; desflorestamento.



-Vô, o que está acontecendo com esses sítios?

- Ah, minha neta, muitos proprietários acabaram vendendo suas terras para irem morar na cidade. Os novos donos não têm muita preocupação em preservar, pois eles querem só uma área de lazer para passar o final de semana e feriados. Outros acabam construindo alguma fábrica, e, depois, deixam esse lixo todo aí.

Percebo que ele está triste olhando para essa realidade. Ficamos todos em silêncio por um bom tempo, só contemplando as paisagens extremamente contraditórias. Finalmente, alguém quebra o silêncio:

-Vamos, pessoal! Está na hora de bater em retirada.

Todos nós interrogamos em um só coro:

- Já?

Olhamos uns para os outros e caímos na risada. Até meu avô riu. Em seguida, ele segue caminho, avisando:

- A descida é mais tranquila, mas tenham cuidado, pois para baixo todo santo ajuda.

E não é que ajuda, até demais? Perdi o equilíbrio e ia descendo ladeira a baixo. A minha sorte foi um tronco de árvore que eu segurei firme. Como eu ia por último na fila, ninguém percebeu, levantei-me rapidamente e continuei. Nunca consegui entender: quando caímos, a primeira coisa que fazemos é olhar se alguém está nos olhando, e, mais rápidos do que um gato, colocamo-nos de pé. Continuo descendo, rindo de mim mesma.

Percebo que Tajuba vai recolhendo algumas garrafas vazias e alguns plásticos deixados por alguém no caminho. A descida é tranquila, pois o esforço é menor e a respiração fica menos ofegante. Vô aproveita para mostrar mais algumas plantas, lembro-me de ouvir os seguintes nomes: aroeira, mandacaru, angico, catingueira, pereiro, faveleira, jurema, imburana e cipó bugi. Acho que vou criar um cachorro e colocar o nome de Bugi, gostei desse apelido.

Mais adiante, vô para e nos mostra algo interessante:

- Vejam, pessoal!

Avisto um homem montado em jumento tangendo¹⁴ um rebanho de gado.

-Sr. Chico, que maneiro!

- É verdade, Leonardo, esse é nosso mais precioso meio de transporte, mas já tem muita gente abandonando eles na beira das estradas, estão substituindo por motos.

¹⁴Tangendo: tocar animais para estimulá-los na marcha.



Continuamos a descida sem nenhuma alteração e chegamos finalmente a casa. Estou exausta, mas procuro não dar na vista. Sentamos embaixo do alpendre para relaxar um pouco e, antes de fechar os olhos, ouço a voz de Vó Rita:

-Descansem um pouco para esfriar o corpo, antes de irem ao banheiro. Não é bom chegar com o corpo quente e tomar banho.

Nós concordamos. Ficamos em repouso total, no entanto, eu estava planejando pular, de roupa e tudo, dentro do tanque do banheiro. Estava sentindo muito calor. Ficamos em descanso uns trinta (30) minutos, até Vó nos autorizar a tomar o banho. Nunca desejei tanto este momento. A água fria que me fez tremer, logo cedo, agora era objeto do meu desejo. Que calor! Eu não tinha hábito de realizar caminhadas, muito menos de subir uma serra.

CAPÍTULO V

O MONSTRO

Entrei no quarto muito depressa. Tirei o meu par de tênis e joguei-o literalmente em um canto qualquer. Arranquei a roupa, peguei a toalha e zarpei para o banheiro. Vou confessar, não tomei banho de cuia. Simplesmente, executei uma parte do meu plano arquitetado há alguns minutos, quando ainda estava deitada no alpendre. Olhei para o tanque e imaginei uma superbanheira, entrei e fiquei lá de molho por um bom tempo com os olhos fechados. Que sensação boa! Mas tudo que é bom dura pouco. Resolvo abrir os olhos e vejo algo se mexendo na parede da banheira, ou tanque.

Repentinamente, penso que estou tendo uma visagem. Bem que poderia ser, no entanto, quando me aproximo mais:

- Ui! Ui! Ui! Ui, mãe!

Lembro que ela não está. Por que será que, sempre na hora do perigo, chamamos pela nossa mãe?

- Ui, voooooó! Tem um monstro no banheiro. Socorro!



Fico imóvel, não consigo dar um passo. Inesperadamente, ouço a voz da minha vó:

-Beli, vou entrar.

Não consigo responder nada, vejo ela abrir a porta. Ela olha para mim e pergunta:

-Você está bem? Cadê o monstro?

Eu permaneço imóvel. Só consigo apontar. Ela olha para ele e dá uma boa gargalhada.

-Beli, esse é o monstro?

Faço cara feia. Ela olha para mim e controla o riso para falar:

-Beli, isso é uma rã. Não faz mal a ninguém.

Ela, gentilmente, coloca o monstro na sua mão e cobre com a outra.

- Pronto, Belí! Já pode ficar calma. Vó já salvou você.

Olho para ela e percebo que estou sem roupa. Que vergonha! Além do mais, ela descobriu que eu não estava tomando banho de cuia. Ainda bem que ela não fez nenhum comentário sobre isso. Ela simplesmente deu as costas e saiu. Antes de fechar a porta, falou:

-Termine o banho e vista-se para o almoço. Já está tarde.

Meu coração está batendo muito forte. Respiro fundo e saio de dentro do tanque. Observo se não tem outro monstro-rã. Termino rapidamente o banho e vou me vestir para o almoço. Neste momento, ouço um pequeno barulho, mas esse monstro eu reconheço, é meu estômago avisando que está com fome.

Termino de vestir a roupa e saio do quarto no sentido da cozinha. Quando chego, todos já estão sentados aguardando a autorização da minha vó para iniciar a comilança. Estranhamente, todos olham para mim e caem na risada. Olho para Vó e ela se defende:

-Não olhe assim para mim, Belí. Eu não falei sobre o monstro.

Meu avô complementa:

-Beli, todos nós ouvimos os seus gritos e fomos até o quarto, mas só sua avó entrou, pois imaginamos que você estivesse no banho.

Bem, sendo assim, vamos almoçar. Olho para a minha avó com o olhar de quem pede desculpas. Sento à mesa para matar minha fome. Nossa! A mesa estava farta! Meus avós não eram ricos, mas não faltava uma boa refeição, principalmente no período de chuvas. Minha vó, como sempre, tinha que anunciar os pratos:

-Hoje, temos: carne assada na brasa, paçoca, arroz de leite, batata-doce, feijão-verde, farofa, verdura e suco de goiaba.

Hum! Olhar para toda aquela comida me abriu ainda mais o apetite. Pego um prato e ouço meu avô:

-Mocinha, antes de comer, precisamos fazer uma oração para agradecer pelos alimentos.

Logo, solto o prato e faço silêncio. Meu avô pronuncia algumas palavras. Olho de canto de olho e percebo que Leonardo está se divertindo às minhas custas. Concentro-me novamente na oração do Vô. Um pensamento veio em meio à oração: vou me vingar desse garoto.

Bem, quando percebo, todos já estão se servindo. Eu, apressadamente, faço o mesmo. Dou a primeira colherada e saboreio. Hum! Como a comida da minha vó é deliciosa. Muito melhor do que a da minha mãe. Que ela não sonhe com uma coisa dessas. Olho discretamente para Leonardo e vejo que ele está comendo com dificuldade o arroz de leite. Parece mais que está mascando chiclete. Divirto-me um bocado com essa cena. O almoço é regado pela conversa dos meus avós e Tajuba sobre a vida no sítio. Quando terminamos de comer, minha vó levanta e pega uma lata, dessas que vêm com leite em pó, coloca sobre a mesa e faz o anúncio:

-Temos rapadura de sobremesa, esse é o doce do sertanejo. Comam para tomar a água do almoço.

Nossa! Aqui não se para de comer nunca. Tem até uma água do almoço. Bem, não vou fazer desfeita com Vó. Sei que ela não gosta que rejeite a comida dela, e eu gosto desse doce. É maravilhoso.

Enfim, depois de alguns minutos, terminamos a comilança e minha vó já está organizando a louça para lavar.

-Dona Rita, a senhora quer ajuda com a louça?

É a voz de Tajuba, muito educado como sempre.

-Não, meu filho. Pode ir para o alpendre, lá tem redes para vocês tirarem um cochilo.

Ela olha para mim. Sei que esse pode ir para o alpendre não se aplica à minha pessoa, mas já estou acostumada com o trabalho escravo da minha casa. Bem, estou sendo dramática. Minha mãe e minha vó trabalham bastante. Ajudo minha avó, enxugando a louça, guardando no lugar, ouvindo suas orientações, pois não conheço bem sua cozinha.

O mais engraçado é que não tem água encanada. Então, minha vó lava louça com duas bacias cheias de água. Na primeira, ela retira o sabão da louça, e, na segunda, ela enxágua para ficar sem nada do sabão, só aí ela coloca no escurridor para ser secada. Bem, a grande vantagem desse método é a economia de água.

Termino a minha tarefa e vou para o quarto repousar. Quando deito na cama, sinto todos os ossos do meu corpo doerem. Não imaginava que estivesse tão cansada. Esse foi o meu último pensamento, antes de cair em sono profundo.

-Beli, Beli!

Ouçõ uma voz distante me chamando. Depois de muito esforço, abro os olhos com dificuldade e vejo que é minha avó, ao lado da minha cama me acordando.

- Oi, Vó? Algum problema?

Não, Beli. Vim acordar você para jantar. Já anoiteceu. Todo mundo já comeu, mas eu estou esperando por você.

Arregalo os olhos. Nossa! Como eu dormi! Fazia tempo que não tirava uma soneca no meio da tarde.

- Estou indo.

Levanto, vou ao banheiro e vejo meu reflexo no espelho. Fico assustada, como estou com cara de lençol amarrotado. Depressa, jogo água no rosto e enxugo-o com a toalha. Prendo meu cabelo, pois é a melhor opção de domá-lo. Feito isso, saio do quarto e vou para a cozinha. Sei que minha avó deve estar com fome, pois eles comem cedo. Adiante vejo ela sentada à mesa.

-Beli, sente-se aí. Vou servir você. Tem cuscuz, coalhada, leite, café, bolo e a sobra do almoço.

Penso um pouco. Meu estômago ainda está muito cheio, parece que eu comi um boi no almoço. É melhor não exagerar.

- Vou querer um pouco de cuscuz, uma fatia de bolo e uma xícara com café.

-Só isso, Beli?

Faço um aceno que sim. Ela se dá por satisfeita e me serve. Durante o jantar, permanecemos caladas. Ainda estou meio lenta. Não costumo acordar muito disposta.

-Vó, cadê o pessoal?

- O seu avô e Tajuba foram lá no estábulo olhar a vaca que está para dar cria, e Leonardo está lendo alguma coisa aí no alpendre.

Termino o jantar, em silêncio, depois, lavo a louça.

-Vó, a senhora não vai para o alpendre?

-Agora, não. Vou colocar o feijão de molho para a feijoada de amanhã. Vá indo, que eu chego já.

CAPÍTULO VI

A ESPIONAGEM

Droga! O que vou dizer quando chegar lá? Penso em ir para o quarto, mas não estou com sono. Resolvo tentar um contato com Leonardo, quem sabe não sai uma conversa agradável? Bem, chego ao alpendre como quem não quer nada e o vejo sentado em uma cadeira de balanço. Está lendo algum livro que não consigo identificar o nome. Aproximo-me de fininho e sento na outra cadeira. Ele não dá nem sinal de vida. O barulho das folhas das árvores é o único som que consigo ouvir. Não aguento esse silêncio. Vou ter que puxar conversa.

-Você sabe onde está o Vô e Tajuba?

Ele responde, sem se dar o trabalho de olhar para mim.

-Eles estão no estábulo.

Que menino chato! Levanto e resolvo ir aonde estão eles. Desço o batente do alpendre, já saindo, ouço:

-A senhorita vai só? Está um pouco escuro.

Paro e fito ele:

-Vou sim, não tenho medo.

-Bem, então, não foi você logo cedo que gritou que tinha um monstro no seu banheiro?

Nossa! Tinha esquecido do ocorrido. O que eu devo dizer? Pense rápido, Beli! Fico igual uma estátua. Que mico! Não consigo sair do lugar. Lembro da rã e fico em pânico. Quando dou por mim Leonardo já está ao meu lado com uma lanterna.

-Vamos! Eu vou com você. Quero falar algo com meu tio.

Eu apressadamente começo a andar, mas não consigo parar de olhar para o chão.

-Beli, pare de olhar tanto para o chão. As rãs não vão lhe fazer mal.

Eu dou de ombros e continuo a observar. Quando menos espero, estamos no estábulo. Vejo a luz acesa. Na casa dos meus avós não tem água encanada, mas tem energia elétrica. Vejo Leonardo apontando uma passagem para a gente entrar, mas ouço algo que me chama atenção. Acenando, peço para ele fazer silêncio. Tive a impressão de ter ouvido meu avô falar em perder o sítio. Faço sinal para nos

aproximarmos de uma abertura entre as tábuas e nos concentramos em ouvir melhor a conversa.

Neste momento, ouço um sussurro de Léo:

-Isso não está certo.

-Calado! Isso parece ser importante.

Concentro-me e ouço Tajuba perguntar ao meu avô:

- Seu Chico, o que houve? Explique melhor essa história.

Depois de um instante, ouço a voz de Vô Chico.

-Tajuba, as coisas aqui no sítio não andavam nada bem. A falta de água, os barreiros¹⁵ já estavam secando, as cacimbas¹⁶ não tinham água suficiente e os animais estavam ficando magros. Ninguém queria comprar. Eu não aguentava ver os bichos sofrendo. A solução era perfurar poço, comprar ração na cidade. Você sabe que o preço sobe muito em período de seca.

¹⁵Barreiros: pequenos reservatórios de água construídos nas comunidades rurais.

Eu não tinha dinheiro. Aí um amigo falou que o banco estava fazendo empréstimo. Fui lá, o bancário explicou tudo e eu fiquei animado demais. Fiz um empréstimo de 50.000 de cruzado novo. Fiquei tão feliz que assinei os papéis, sem pensar direito, pois eu contava que ia chover logo, e, com o apurado¹⁷ da plantação e dos animais, eu pagaria tudo.

¹⁶Cacimbas: buraco que se cava nos leitos dos rios em busca de água.

Observo pela brecha que Vô está balançando a cabeça. Está com aspecto triste. Ouço a voz de Tajuba:

-Não choveu, não foi, Seu Chico?

-Foi isso mesmo. Eu ainda consegui pagar as primeiras prestações, mas depois o negócio desandou. As chuvas só chegaram este ano. Está tudo verde, a plantação está bonita. Os animais estão engordando, mas vendendo tudo não dá para pagar a metade da dívida. Eu não prestei atenção ao tal do juro que corre quando não pagamos uma prestação.

¹⁷Apurado: soma de quantias apuradas ou arrecadadas.

Observo que Vô retira do bolso um papel e entrega a Tajuba. Ele lê atentamente o papel, em silêncio.

- Seu Chico, o empréstimo foi com garantia real. O senhor deu seu sítio como sinal, caso não conseguisse pagar o empréstimo. No final do mês, o banco vai leiloar sua propriedade.

Aquilo foi como uma bofetada na minha cara. Eu preocupada com a viagem que eu perdi e meus avós prestes a perderem o sítio que eles tanto amam. Olho para Leonardo, e, pela primeira vez, ficamos com a mesma expressão nos olhos. Voltamos a nos concentrar na conversa.

-Seu Chico, por que o senhor não pede ajuda para sua filha? Eu também tenho algumas economias, não é muito.

Meu avô interrompe Tajuba, antes de ele concluir:

- Não, de maneira alguma. Não vou levar meus problemas para minha filha. Ela já tem essa menina que anda dando trabalho.

- Droga! Essa menina de quem Vô está falando sou eu.

-Ela também não tem dinheiro para pagar uma dívida desse tamanho. O leilão já está marcado.

- Seu Chico, o senhor precisa pelo menos contar a eles.

-Eu sei. Na hora certa, vou falar. Dê sua palavra que não vai falar nada.

Tajuba estende a mão e aperta a de Vô. Sei que o segredo foi selado. Bem, eles só não imaginam que tem dois orelhudos ouvindo tudo.

- Tajuba, só falei para você, pois precisava de alguém para desabafar.

-É, seu Chico, a única solução é pagar a dívida.

Observo que eles ficam em silêncio. Depois, eles se levantam para sair do estábulo. Nessa hora, pressinto que vamos ser descobertos. Aceno para Leonardo, sinalizando que precisamos sair rapidamente.

Afastamo-nos um pouco em silêncio e, depois, saímos em disparada. Pernas para que te quero?! Chegamos ao alpendre, sentamos nas cadeiras e cuidamos em recuperar o fôlego. Não podíamos dar na vista.

Depois de alguns minutos, Vô e Tajuba chegam.

Penso que escapamos por pouco. Vejo meu avô tentando disfarçar sua tristeza. Ele passa por mim, dá um cheiro na minha cabeça e avisa que vai dormir. Tajuba também está muito abatido.

- Léo, vamos entrar para dormir. Amanhã acordaremos cedo.

Leonardo levanta, pega o seu livro e acompanha Tajuba. Eu também os acompanho, pois já está na hora de ir para cama. Peço a bênção aos meus avós e Vó Rita pede para eu esperar. Quando percebo, ela vem trazendo um copo:

- Olhe, Beli! Leve este copo de leite com canela para você tomar antes de dormir.

Eu recebo e vou para o quarto. Entro e coloco o copo sobre a cadeira. Pego a toalha e vou para o banho. Eu estava tão triste pela descoberta que fiz, que não lembrei nem da rã. Terminei o banho, vesti o pijama e fui para a cama. Rolei de um lado para outro, mas não consegui dormir. Pensei em contar para meus pais, mas nossas economias não davam para pagar a dívida. Nossa casa e o carro eram financiados. Oh, céus! O que eu faço? Minha cabeça está a mil. Não consigo pensar em nada. Resolvo tomar o leite com canela. Deito novamente, mas nada de sono. Então, resolvo fazer algo que minha mãe me ensinara.

-Beli, quando estiver em apuros, tenha fé e faça uma prece.

Bem, resolvi fazer. Mas como será que se faz uma prece? Então, resolvi fazer um pedido para Senhora Santana. Se ela salvou o vaqueiro do boi bravo, então, ela vai mostrar uma forma de salvar o sítio dos meus avós. Mas lembro que o vaqueiro prometeu que construiria uma igreja em sua homenagem. E, eu, o que devo prometer? Pense, Beli! Coloque a cabeça para funcionar.

Hum, já sei! Pronto, está prometido. Acabo dormindo em meio à oração.

Acordo ao som do canto do galo. Nossa! É pior do que meu despertador. Observo a hora e vejo que passa das 4 horas da manhã. Ainda é noite para mim. Tenho vontade de comer o galo assado no almoço, mas, por enquanto, acho melhor tentar voltar a dormir. Rolo para um lado, rolo para o outro, e, nada. Perdi o sono, não acredito. Então, resolvo trocar de roupa e ir para a cozinha verificar se a vó já está por lá. Quando chego, percebo que ela já passou por lá, pois sinto o cheirinho de café. Vou até a porta que está aberta e vejo que ela está dando milho às galinhas. Resolvo ir para onde ela está.

-Oi, Beli! Como passou a noite?

- A bênção, Vó!

Se minha mãe visse essa cena ficaria orgulhosa, pois eu sempre me esqueço de pedir a bênção.

- A noite passou voando. Acordei com o canto do galo. Ainda estou cansada.

-Ora, só podia. Você andou muito ontem, subindo essa serra. Seu avô tem cada ideia!

Minha atenção se volta para as galinhas, comendo o milho a essa hora.

-Beli, você quer terminar de dar comida às galinhas?

Paro um pouco para pensar. Olho para todas aquelas aves, são tão pequenas! Acho que não corro perigo.

-Tudo bem, Vó.

-Segure a cuité com o milho.

Minha avó falou grego agora. Franzo o cenho para ela.

-Você não sabe o que é uma cuité?

-Não, Vó.

-É essa vasilha. É feita de um fruto de uma árvore chamada cuitezeira. Quando fica madura, a gente retira da árvore, serra no meio com um serrote, retira o miolo e coloca areia. Depois, coloca no sol para secar. Para finalizar, retiramos a areia, lavamos e utilizamos na cozinha. Eu gosto de colocar batata-doce ou milho.

-Nossa, Vó! Isso é uma parte de um fruto? É enorme!

Recebo a cuité e ouço as instruções:

-Beli, você vai jogando milho aos poucos. Jogue em lugares diferentes, pois tem galinhas que não deixam as outras comerem.

-Ok!

-Vou terminar de preparar o café da manhã, pois seu avô sai cedo.

-Certo, pode deixar comigo.

Início meu trabalho e me divirto um bocado. As galinhas correm para onde eu jogo o milho. Sinto-me como uma treinadora. Concluo minha tarefa sem cometer nenhum erro. Minha mãe vai ficar orgulhosa de mim. Ando precisando marcar uns pontos positivos com ela. Sei que ela viajou muito brava comigo. Ouço a voz de Vó Rita:

-Beli, já terminou?

-Já. Estou indo.

Rapidamente, vou para a cozinha. Começo a arrumar a mesa para o café, enquanto Vó coloca todas aquelas gostosuras que ela faz. Olho para o relógio e vejo que já passa das 5h. Ouço o barulho de alguém vindo. Quando olho em direção à porta, vejo Vô, Tajuba e Leonardo. Todos com a cara de quem dormiram bem.

- A bênção, Vô.

- Deus lhe abençoe, Belí. Vamos, moçada, sentar para tomar café que o dia está só começando.

Nossa! Na casa do Vô tanto se come como se trabalha. Todos nós sentamos à mesa e Vó coloca a garrafa de café e o bule de leite, que estavam faltando. Todos se servem rapidamente. Não dá tempo nem de Vó apresentar o cardápio.

A conversa gira em torno do possível nascimento do bezerrinho da vaca Estrela. Terminado o café, todos caminham para o estábulo. Eu fico para ajudar Vó com a louça. Termino e pego a vassoura e o espanador. Na verdade, é um pano. Vou para o alpendre para iniciar a arrumação da casa.

-Beli, vá varrendo, que eu vou até a horta colher umas verduras.

Aceno com a cabeça, confirmando que sim. Já não acho mais chato ajudar nas tarefas.

CAPÍTULO VII

A DESCOBERTA

Saio em direção ao alpendre. Varro e, depois, vou para a sala. Inicio a limpeza, varrendo o canto da sala. Paro, um pouco, para observar os quadros, como Vó chama, os retratos pendurados na parede. Percebo que eles estão empoeirados. Resolvo limpá-los, pois é muito alto para vó subir em um tamborete. Vou até a cozinha e pego um, coloco perto dos quadros e subo. Retiro o primeiro. É do meu avô com minha avó. Observo como é engraçada a foto. Parece mais uma pintura, além do mais tem uma moldura dourada de mais ou menos 4 cm de largura.

Termino de limpar e penduro novamente no prego que está na parede. Pego o segundo retrato, o mesmo que chamou minha atenção quando eu cheguei ao sítio. Fico olhando. Tenho certeza que tem um baú com alguma coisa dentro, parece com moedas. Vejo a casa por trás dos dois homens, é dos meus avós, não tenho dúvida. Fico tentando decifrar aquela foto. Sei que foi no sítio. Mas, o que tem dentro do baú?

De repente, ouço a porta bater. Tenho um baita de um susto e acabo soltando o retrato no chão. Ouço o barulho de algo quebrando. Meu coração dispara. Eu mal consigo acreditar no que vejo. Desço do tamborete e coloco as mãos sobre a minha cabeça. O que foi que eu fiz? Minha avó vai ficar uma fera. Fico sem ação. Minutos depois ouço uma voz familiar:

-Beli, você se machucou?

Olho de lado e vejo que é Leonardo que está falando. Balanço com a cabeça que não e ele vem em minha direção.

- Beli, levante daí. Vou pegar a vassoura para juntar os cacos de vidro. Tenha calma! Isso dá para consertar. Não rasgou a foto.

Só então eu percebo que o desastre não foi tão grande, e, pela primeira vez, fico feliz em vê-lo ao meu lado. Levanto e pego a foto e os pedaços da moldura. Enquanto isso, ele junta os pedaços de vidros.

Quando pego o retrato, percebo que caem alguns papéis dobrados. Eles estavam entre o suporte de trás da moldura e a foto. Sento na cadeira para observar melhor. Trata-se de papéis com aspecto envelhecido.

-Leonardo, veja o que caiu de trás do retrato.

Imediatamente, ele solta a vassoura e caminha em minha direção.

-Beli, o que será isso? Você não vai abrir?

Nesse momento, sou tomada por uma curiosidade sem limite, abro cuidadosamente para evitar que rasgue e começo a examiná-los.

Não consigo acreditar no que meus olhos estão vendo.

-Veja! É um mapa.

-Beli, precisamos examinar melhor. Pode ser só uma brincadeira.

-Não acho que seja brincadeira. Você lembra que quando eu cheguei aqui, eu perguntei ao Vô sobre essa foto e se era um baú com moedas que os dois homens estavam segurando? Ele ficou todo nervoso e cuidou de encerrar o assunto.



-Lembro, Beli. Mas não podemos ler isso agora. Guarde esses papéis ou mapa, seja lá o que for, e vamos organizar essa bagunça. Depois, examinamos com calma do que se trata.

Paro por um instante, ele tem razão. Se meu avô chegar e vir isso, ele é capaz de tomar e queimar. Logo, corro para o quarto e o guardo dentro da minha mochila. Depois, retorno para a sala para ajudar a Leonardo. Limpamos tudo.

- Leonardo, quando vamos olhar os papéis?

- Depois combinamos. Você precisa contar o que aconteceu com o quadro para Dona Rita. Aí você aproveita e tenta descobrir algo sobre a foto.

- Bem pensado. Essa é uma boa ideia. Enquanto isso, você faz boca de siri. Não conte nem para Tajuba. Primeiro, vamos descobrir se tudo isso não é uma grande bobagem.

- Certo, Beli. Agora, preciso ir pegar a água, que vim buscar para Seu Chico. E você trate de disfarçar esse seu nervosismo.

Ele tinha de soltar o veneno. Eu, nervosa? Organizo a bagunça e começo a pensar como contar a Vó o que ocorreu e ainda descobrir alguma coisa sobre essa foto, retrato, sei lá mais como chamar. Em volta nos meus pensamentos, ouço a porta da cozinha bater e sei que é ela que voltou da horta. Respiro fundo e incorporo o espírito do detetive Sherlock Holmes. Caminho rapidamente para a cozinha.

Coloco uma mão para trás para segurar o quadro, quer dizer, o resto do que sobrou. Essa atitude me causa calafrios. Vejo Vó organizando as verduras e o milho sobre a mesa, e resolvo ir chegando de fininho.

- Vó, que milho bonito!

Ela olha para mim e levanta uma sobrancelha. Essa não foi minha melhor fala. Sinto que estou encrencada.

- Beli, aconteceu alguma coisa?

Fico paralisada. Não consigo pensar no que vou dizer.

- Beli, fale alguma coisa.

- Bem, Vó, fiz uma besteira. Eu estava varrendo a sala e resolvi limpar as fotos ou os retratos como a senhora chama. Aí, eu subi no tamborete, e, quando estava limpando, a porta bateu e olhe o que aconteceu.

Neste momento, estiro a mão e mostro a moldura toda quebrada e, junto com ela, a foto. Minha vó olha para mim e estira a mão para pegá-los. Meu coração está quase saindo pela boca. Não sei o que vai acontecer. Já estou encrencada com minha mãe, será que vou ficar com minha vó?

- Beli, você se machucou? Não fique assim tão aflita. Isso é só uma moldura, tem conserto. Você está bem?

Essas palavras devolvem o meu chão novamente. Depois de alguns instantes, eu consigo responder.

- Estou, Vó. A senhora não ficou brava?

-Claro que não. Isso poderia acontecer com qualquer um e, depois, essa moldura já tinha mudado de cor de tão velha. Só assim, eu peço para seu avô levar para a cidade para colocar outra.

Neste momento, dou um beijo estalado na bochecha da Vó.

- Vó, a senhora é mara!

Ela olha sem entender.

-Maravilhosa!

Caímos na risada. Sinto que é o momento certo para eu iniciar minha investigação. Sento em um tamborete e pego a foto.

-Vó, quem é esse, que está aqui com o meu bisavô?

Ela para um pouco o que está fazendo e olha para a foto.

-Esse daí é Januário.

- Por que o vô ficou bravo quando eu perguntei sobre essa foto?

- Ah, menina, é uma longa história e Chico não gosta de relembra-la.

Fico agitada com as palavras da Vó.

-A senhora poderia contar o que aconteceu?

-Beli, Beli, o que é que você está planejando?

-Nada. Só quero saber mais sobre meu bisavô.

- Está certo. Vou contar se você prometer que depois vai deixar essa história para lá e vai me ajudar a preparar a canjica.

Balanço a cabeça confirmando que sim, mesmo não concordando com todos os termos da promessa. Eu estou me sentindo igual uma criança quando vai ganhar um doce.

Vó começa a tirar a palha que cobre o milho e vai contando a história:

-Bem, seu bisavô, que é também meu pai, se chamava Manoel Augusto. Ele tinha uma grande amizade com Januário. Esse que está com ele aí no retrato. Ele morava aqui nessa casa, veio trabalhar aqui e nunca mais foi embora. Não tinha família. Eles sempre gostaram de viajar pela região do Seridó. Levavam boiadas de um canto para outro no período de estiagem. Eles eram muito inteligentes. Quando estavam aqui no sítio, juntavam gente para ouvir as histórias que contavam. Muitas pessoas traziam cartas que recebiam de seus parentes distantes para eles lerem, pois, por essa redondeza, só eles que eram letrados. Bem, um dia eles foram chamados para transferir uma boiada de um grande produtor de algodão-mocó. Esse homem era muito rico. Nesse serviço, eles tiraram sorte grande, pois acabaram

salvando a vida da filha do fazendeiro. A moça estava morrendo afogada em um poço, quando eles iam rebanhando um boi. Eles a salvaram. O fazendeiro ficou muito agradecido e ofereceu esse bauzinho que tem aí nessa foto com moedas de ouro em reconhecimento pelo que eles fizeram.

-Mas, Vó, esse fazendeiro tinha esse ouro em casa?

- Ah, minha neta, antigamente os bancos eram difíceis e longe demais. Era muito comum as pessoas mais afortunadas guardarem sua riqueza em baús. E tem mais, enterravam no chão com medo dos ladrões. Muitas pessoas morreram e deixam tesouros escondidos. É o que os mais velhos chamam de botija¹⁸. Existem muitas por essa região. Muitas pessoas ficaram ricas, encontrando esses tesouros deixados há muito tempo.

-Mas, Vó, como as pessoas encontram? Existe um mapa?

¹⁸Botija: tesouro enterrado.

-Que nada, menina! Os mais velhos contam que a pessoa que morre aparece em sonho dando a localização da botija à pessoa escolhida.

Nossa! Fico toda arrepiada. Não gostei dessa parte, mas eu lembro que encontrei um possível mapa. Então, nada de sonho com gente morta.

-Beli, você está prestando atenção?

-Estou, Vó. Estava só pensando alto. Continue.

- Bem, eles não queriam aceitar o baú, mas o fazendeiro insistiu. Disse que eles poderiam usar para ajudar a família. Então, eles voltaram para casa com esse baú com moedas de ouro.

Quando chegaram, chamaram um amigo deles e tiraram esse retrato para colocar na parede de lembrança.

-Mas, vó, e o que foi que houve com essa riqueza?

-Infelizmente Januário morreu antes de usufruírem das moedas, seu bisavô ficou arrasado, ele o considerava como um irmão.

Fico perplexa com essa informação.

-Mas, Vó, e as moedas?

- Seu bisavô ficou triste. Ele deu sumiço no baú. Dizem que enterrou com o corpo de Januário, pois ele foi sepultado por seu bisavô, no alto da serra, era um desejo do falecido. Mas ele nunca revelou o lugar do sepultamento. Papai morreu aqui mesmo, e eu fiquei cuidando do sítio. Você tinha três aninhos. Essa história virou uma lenda. Nunca foi encontrada uma só moeda. Sua mãe nunca lhe contou essa história?

-Não, Vó. Mas, a senhora acredita que ele deu as moedas?

-Olhe, ninguém tem certeza de nada. Papai era muito astuto. Pode ter distribuído ou escondido. Ninguém sabe. A única pessoa que poderia saber era sua bisavó, mas ela faleceu pouco tempo depois de papai.

-Vó, por que o Vô Chico não gosta de falar nisso?

-Porque muitas pessoas o chatearam que ele casou comigo pensando em herdar o baú. Pronto, Beli. Isso é toda a história. Satisfeita?

-Estou.

-Agora, você vai me ajudar a fazer o almoço e a canjica.

Nossa! Eu tinha esquecido essa parte. Estava precisando de um tempo para pensar em tudo isso. Estava com uma vontade de olhar os papéis que encontrei, mas, por enquanto, precisava ajudar, como eu prometi. Respiro fundo. Preciso me concentrar. Caso contrário, eu vou acabar fazendo um desastre na cozinha.

-Vó, o que eu devo fazer?

-Lave essas verduras que estão dentro dessa cuité. Corte para colocar naquela panela para fazer a feijoada.

- Está certo.

Preciso ter cuidado. Minha cabeça está a mil por hora. Começo a lavar as verduras. Depois, vou para a mesa cortá-las. A manhã passou voando, fiquei entretida, ajudando na cozinha. Já passava das 11 horas, quando o Vô, Tajuba e Leonardo retornaram do trabalho para almoçar. Todos lavam as mãos antes de ir para a mesa. O almoço ocorre como de costume. Na verdade, eu voltei a pensar na história do tesouro e como iria contar a Leonardo tudo o que descobri. Olho para ele e sei que não está se aguentando de curiosidade. Preciso bolar um plano urgentemente.

Já estamos quase terminando a refeição, resolvo colocar em prática um plano arriscado, principalmente, pelo fato de não ter combinado com Leonardo. Mas resolvo arriscar.

-Leonardo, você é bom em matemática?

Ele olha meio que intrigado com a pergunta repentina, mas, como é esperto, logo a sua ficha cai.

-Sou. Você está precisando de ajuda?

-Estou. Você poderia tirar algumas dúvidas de um conteúdo?

-Claro. Que horas?

-Bem, ainda vou ajudar a Vó e tomar banho. Daqui a uns quarenta (40) minutos.

- Combinado.

Ninguém estranhou nossa conversa repentina. Todos continuaram o que estavam fazendo, sem nenhum comentário. Penso que vão ser os quarenta (40) minutos mais longos da minha vida. A possibilidade de existir um tesouro me fez esquecer as diferenças que tenho com aquele garoto.

Todos terminaram de comer, e eu, apressadamente, inicio meu trabalho de ajudante da cozinha. Quando concluo, vou o mais rápido que posso para o quarto. Fico tentada a olhar os papéis, mas não seria honesto da minha parte. Resolvo tomar o meu banho. Visto um *short*, uma camiseta azul e prendo meus cabelos rebeldes. Pego minha mochila com o material escolar, que minha mãe me obrigou a trazer para estudar, lembro que isso faz parte do meu castigo, pois eu jamais, em sã consciência, traria material para estudar nas férias.

Enfim, pego a mochila e verifico se tudo está no lugar onde eu coloquei logo cedo. Saio do quarto em direção ao alpendre. Para minha surpresa, Leonardo já está lá sentado em uma cadeira. Isso só comprova as minhas suspeitas. Ele está tão curioso quanto eu. Ele acena para eu ir aonde ele está.

-Beli, não acho seguro conversarmos aqui.

-Também acho. Vamos para debaixo daquele pé de juazeiro. Se alguém desconfiar, a gente fala que lá é mais frio.

- Ok. Muito inteligente da sua parte. Vamos levar duas cadeiras e essa mesinha que tem aí nesse canto do alpendre.

Nossa! Ele fez um elogio. Sinto o meu rosto corar.

-Beli, vamos!

- Vamos!

Pegamos as cadeiras e a mesa e fomos em direção à árvore. Depois de alguns minutos, sentamos. Meu coração começou a bater forte. Não sei o que vamos descobrir, mas estou aflita.

-Beli, coloque o livro de matemática e seu caderno sobre a mesa, para o caso de alguém aparecer aqui.

Como ele é esperto! Imediatamente, faço o que ele sugeriu. Depois, pego os papéis e coloco sobre a mesa. Mas antes de começar a abrir, ele me interrompe.

-Beli, você não vai contar como foi sua conversa com sua vó?

Eu tinha esquecido essa parte. Não acredito que vou ter de contar tudo. Bem, não tenho alternativa. Depois de dez (10) minutos, eu termino de falar tudo o que eu descobri com a Vó. Só agora eu posso abrir os papéis e analisar com calma.

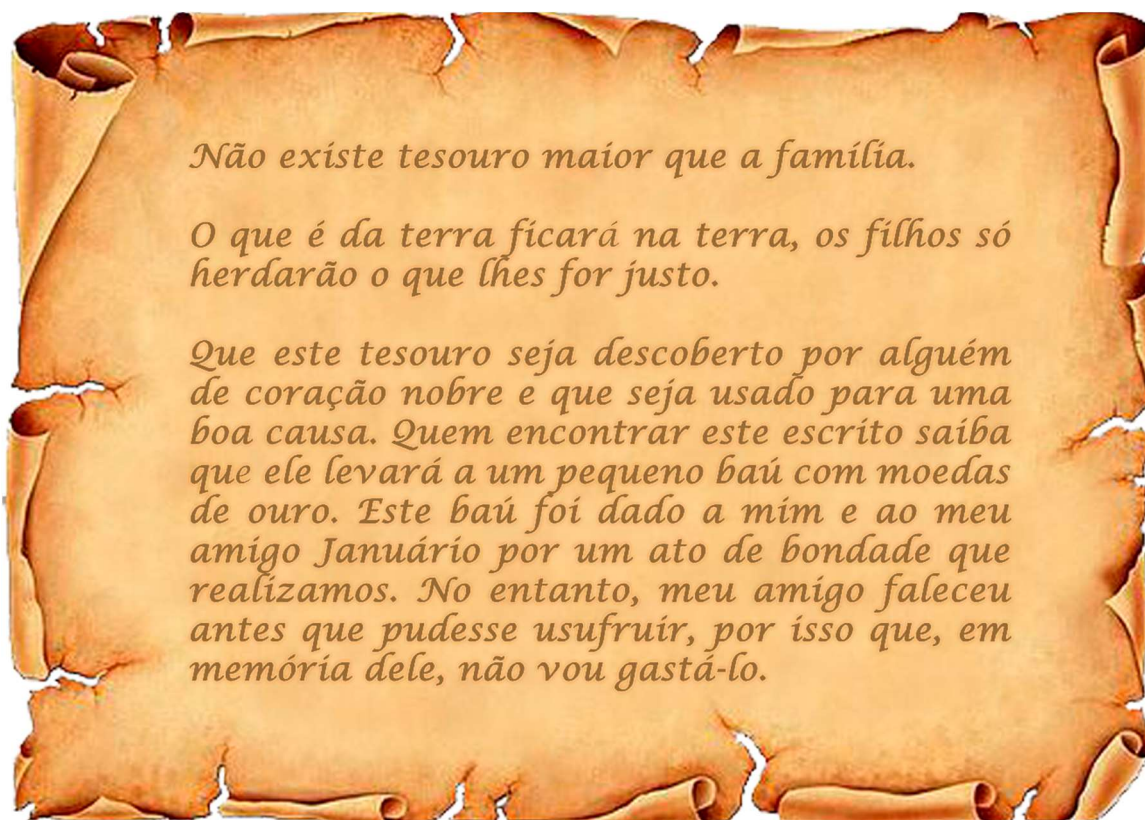
CAPÍTULO VIII

O MAPA

Cada papel, que mede mais ou menos 20 por 20 cm, tem um aspecto envelhecido. No primeiro, tem um desenho que se assemelha ao território do Rio Grande do Norte; ao lado tem o desenho da rosa dos ventos indicando o norte; na parte central do mapa está escrito Rio Grande do Norte, além dos limites do estado. Nas outras folhas tem muitos escritos.



Olho para Leonardo e ele dá sinal para que eu leia:



Não existe tesouro maior que a família.

O que é da terra ficará na terra, os filhos só herdarão o que lhes for justo.

Que este tesouro seja descoberto por alguém de coração nobre e que seja usado para uma boa causa. Quem encontrar este escrito saiba que ele levará a um pequeno baú com moedas de ouro. Este baú foi dado a mim e ao meu amigo Januário por um ato de bondade que realizamos. No entanto, meu amigo faleceu antes que pudesse usufruir, por isso que, em memória dele, não vou gastá-lo.

Termino de ler com os olhos arregalados. Olho imediatamente para Leonardo e ele está pensativo.

-Beli, então, a história que sua vó contou é verdadeira. Existe mesmo um tesouro, ou isso é uma peça que ele deixou para pregar em alguém.

Nesse momento paro um pouco:

- Hum! Não acho que ele esteja querendo pregar uma peça, pois ele escondeu muito bem esses papéis. Caso contrário, teria deixado em um lugar mais fácil.

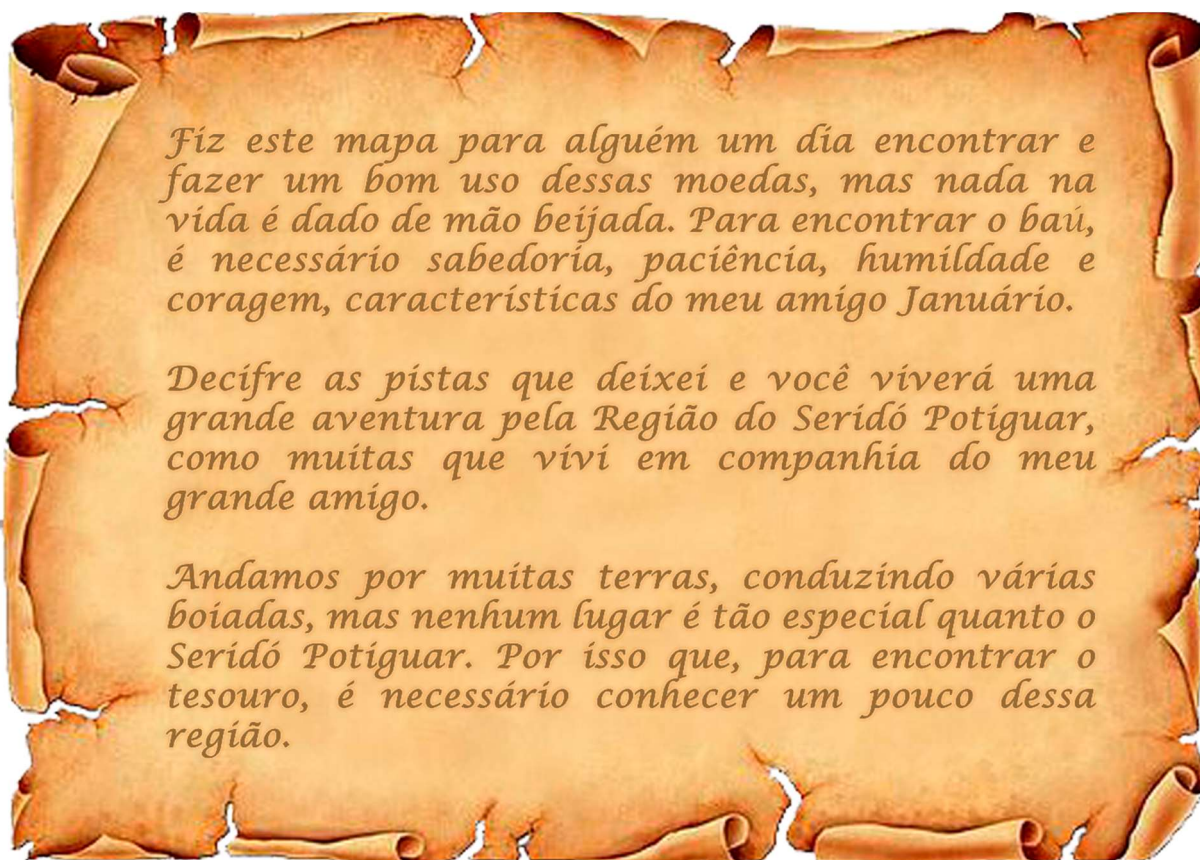
Paramos por alguns segundos. São muitas informações para nossas cabeças.

-Beli, continue a ler.

-Leonardo, não parece ser um mapa do tesouro. Não tem desenhos e nem um X marcando o local onde se encontra o baú.

-Você anda assistindo muitos desenhos animados. Isso é uma espécie de mapa, só falta a escala e a legenda. Continue lendo.

Aula de Geografia a essa hora. Melhor retornar à leitura.



Paro e olho para Leonardo. Estou sem fôlego.

-Mas, o que ele quer dizer em “decifrar”?

- Vamos descobrir já. Continue a leitura, Beli.

Nossa! Ele parece mais curioso do que eu.

-Olhe, o papel utilizado para fazer o mapa parece com... Hum! Deixe eu lembrar... já sei! Com o papel que mãe usa para embalar os enfeites da árvore de natal.

- É papel de embrulho, retruca Leonardo.

-Beli, tenha cuidado para não rasgar o mapa. Vamos, termine a leitura.

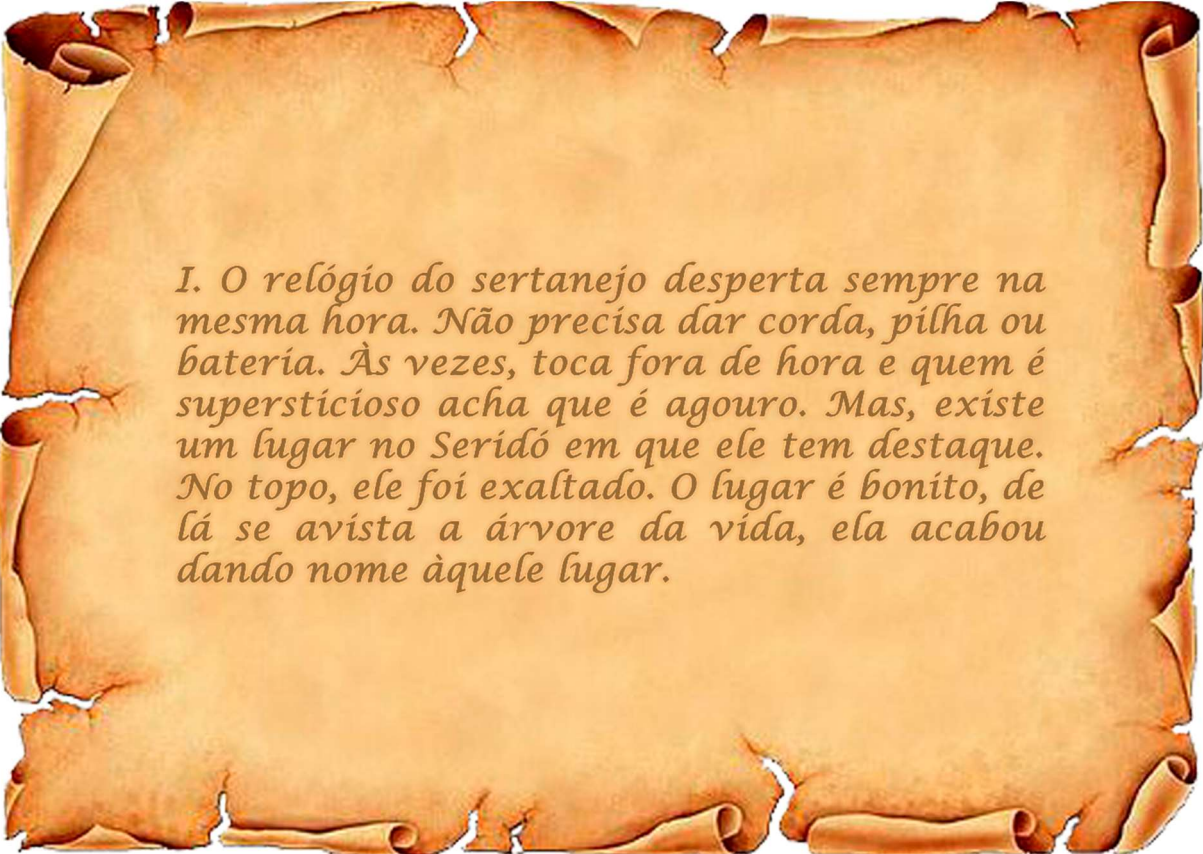
Rapidamente, retorno a ler:

Nesse momento, paro e olho para Léo:

- O que ele quer dizer com “conhecer”?

-Beli, continue. Não tire conclusões precipitadas.

Que menino mandão! Observo que na próxima folha existe uma marcação com algarismo romano. Mostro a Léo e ele faz um gesto para que eu leia:



I. O relógio do sertanejo desperta sempre na mesma hora. Não precisa dar corda, pilha ou bateria. Às vezes, toca fora de hora e quem é supersticioso acha que é agouro. Mas, existe um lugar no Seridó em que ele tem destaque. No topo, ele foi exaltado. O lugar é bonito, de lá se avista a árvore da vida, ela acabou dando nome àquele lugar.

Paro de ler e fico sem ação:

- Leonardo, ele escreveu um enigma. Como vamos encontrar esse tesouro? Seria mais simples se escrevesse onde está e pronto.

-Beli, tenha calma. Ele foi muito inteligente. Lembre-se que essa foi a maneira que ele encontrou de relembrar as viagens e aventuras que viveu com Januário.

- Mas o que vamos fazer?

Interrogo.

Vamos terminar de examinar o que está escrito. Continuamos a observar e acabamos descobrindo que as pistas são dependentes.

Fico pasma.

-Que lugar é esse, Léo?

-Beli, é uma espécie de charada. Para entendermos a segunda pista, é necessário encontrarmos a resposta da primeira.

Depois de ouvir, levanto subitamente e começo a andar em círculos. Falo comigo mesma. Pense, Belí! Pense! De repente vem a ideia:

- Já sei! Vamos contar tudo para Tajuba e pedir ajuda. Não conseguiremos resolver isso sozinhos.

- Boa ideia!

Léo exclama com ar de felicidade estampado no rosto. Só agora percebo que já o chamo de Léo.

Elaboramos um plano para conseguirmos contar tudo a Tajuba sem que Vô e Vó percebessem, e, pela urgência que tínhamos, resolvemos que seria logo mais após o jantar, quando todos estivessem deitados. Revisamos tudo que tínhamos para contar a Tajuba, pois foram muitas informações que descobrimos nas últimas horas. Finalizamos tudo, guardamos todo o material na minha mochila, inclusive, o mapa e as pistas. Esses, eu coloquei dentro de um livro para evitar que eles rasguem com o movimento da mochila. Saímos em direção a casa. Tivemos o cuidado de levar as cadeiras e a mesa. Enfim, retornamos para o interior da casa e somos fisgados pelo cheiro do café da Vovó, mas, antes, eu precisava deixar a bolsa no quarto.

Retornei e fui direto para a cozinha, onde todos já se fartavam.

- Hoje, eu fiz orelha de pau para o café.

É a voz da minha vó, anunciando o cardápio. Bem, não pensei muito no porquê daquele nome “orelha de pau”. Cuidei logo de sentar, colocar café na xícara e comer logo essa orelha seja lá de que for. Nossa! Não é que é gostosa! É uma mistura de bolo com bolacha. Como uma, duas, três... Resolvi não contar mais.

Jogamos conversa fora durante todo o café. Até Léo desatou a falar. Concluído o lanche, vou direto ajudar à Vó. Termino a tarefa e vou para o quarto. Dessa vez, não deito na cama. Resolvo armar uma rede que está no torno. Está quente demais e resolvo me balançar. Deito e começo o balanço, fico pensando em tudo que está acontecendo e minha cabeça fica a mil por hora.

Entre um balanço e outro, acabo tirando um cochilo. Acordo de repente. Não me lembro do que estava sonhando. Olho para a janela do quarto e percebo que já anoiteceu. Nossa! Como eu estou suada! Resolvo tomar um banho, pois já deve estar quase na hora do jantar. Tomo um banho demorado para aliviar o calor, mas sempre de olho bem aberto para ver se não vai aparecer outro monstro. Essa lembrança me faz dar uma boa risada.

Saio do banheiro. Visto uma roupa mais leve e vou verificar onde está todo mundo. De longe, já ouço a voz do Vô. Percebo que estão todos no alpendre conversando, até Vó Rita, que, por um milagre, não está na cozinha, lugar predileto dela.

Chego de fininho e reparo que Vô está contando uma das suas muitas histórias, que, por sinal, agrada a todos. Sento perto da Vó. Em pouco tempo, ele conclui. Não entendi muito bem, pois cheguei atrasada. Vô encerra a contação de histórias e começamos a conversar sobre assuntos relacionados ao sítio. O tempo passa e chega a hora da comilança. Vô faz o anúncio.

- Vamos jantar! Hoje eu estou enfadado. Quero dormir cedo.

Meus olhos faíscam de alegria. Olho para Léo, que deve estar pensando o mesmo que eu. Nosso plano tem tudo para dar certo. Levantamos todos e vamos para a cozinha. Jantamos como de costume. Vó diz qual é o cardápio e Vô puxa a oração. Em meio à conversa, terminamos de comer. Vô pede licença para se recolher. Tajuba e Léo também o seguem. Eu fico para ajudar a Vó, e, principalmente, para me certificar de que ela vai se deitar o mais breve possível.

Finalmente, ela conclui as tarefas e diz que vai dormir. Antes de ir para o quarto, ela me pergunta se eu quero um copo de leite. Eu, rapidamente, sinalizo que não. Ela me dá um beijo de boa noite e vai para o seu aposento. Eu a sigo em direção ao meu. Entro e sento na cama. Preciso dar um tempo para ela se organizar e começar a dormir. Foram 30 minutos intermináveis. Deitei, sentei novamente, balancei na rede, e, finalmente, peguei os papéis. Abri a porta do quarto e saí lentamente. Fui andando de ponta de pé até a porta do quarto dos meus avós. Chegando lá, coloquei o ouvido bem perto da porta e pude ouvir o ronco. Tive a certeza de que eles estavam dormindo. Saí de fininho e fui em direção ao quarto onde estavam Tajuba e Léo.

A luz estava acesa, pois vejo o claro por baixo da porta. Aproximo-me e dou uma leve batida. Imediatamente, vejo a porta abrir. Léo está do outro lado em pé próximo à porta e Tajuba está sentado na rede. Léo faz sinal para eu entrar, e, eu, apressadamente, obedeco. Tajuba faz gesto para eu sentar em uma cadeira que está próxima à cama e Léo se acomoda sobre a cama de solteiro.

Ele já tinha contado toda a história a Tajuba. Faltava apenas mostrar o mapa, as pistas e ouvir o que ele tinha a dizer.

Pego tudo e entrego a Tajuba. Ele recebe e passa bastante tempo examinando, sem mencionar uma só palavra. Eu e Léo nos olhamos, não aguentamos mais de tanta curiosidade. Até que, finalmente, ele tira os olhos dos papéis e fala:

- O que vocês estão querendo fazer?

Olho para Léo e vejo que ele não vai falar, então, resolvo abrir o jogo. Procuro falar o mais baixo possível para não acordar os meus avós, apesar de achar que eles, se não acordam com o barulho do ronco, não vão acordar com nossa conversa.

- Tajuba, achamos que esse mapa é verdadeiro e queremos procurar o tesouro para salvar o sítio do Vô e da Vó.

Tajuba olha para mim e franze o cenho. Noto que tenho de dar uma explicação. Então, desembucho¹⁹ tudo de uma vez. Ele, no início, fica meio áspero, mas depois fica comovido.

¹⁹Desembucho:
descobrir, confessar.

- Olhe, Beli e Léo, ouvir a conversa alheia é muito feio, mas fico tocado pela atitude de querer ajudar aos meus amigos queridos. No entanto, não sabemos se esse mapa e pistas levam realmente a um tesouro. Isso tudo pode não passar de uma brincadeira.

Léo argumenta:

- Mas, Tio, e se o tesouro existir?

Eu aproveito e complemento:

- Tajuba, você também quer ajudar aos meus avós, então, é a nossa única esperança. Não temos nada a perder, precisamos de você.

Olho no fundo dos olhos dele e percebo que não vai resistir aos nossos apelos.

Ele balbucia:

- Digamos que eu embarque nessa loucura com vocês, o que vamos dizer para o Sr. Chico e D. Rita? Pelo que eu li a gente vai ter que viajar pelo Seridó.

Fico paralisada, não tinha pensado nisso, mas, antes que eu bole algo, Léo diz:

- Tio, você pode falar que precisa fazer umas pesquisas e vai nos levar para ajudar.

Meus olhos se enchem de esperança com essa ideia. Olho para Tajuba e o vejo coçar a cabeça, sinal de que está em dúvida:

- Está bem, pessoal, não gosto de mentiras! Mas, como é uma causa justa, e eu acho que isso não passa de uma brincadeira, vamos tentar. Mas tem uma condição:

- Vocês vão ter de me obedecer!

Ele mal concluiu o que estava dizendo e nós já estávamos balançando a cabeça, confirmando.

Tajuba exclama:

- Precisamos analisar com cuidado as orientações e depois focar na primeira pista. Voltamo-nos para os papéis e percebemos que são várias pistas. Tive a

brilhante ideia de ir para a última, numa tentativa de encontrar a localização do tesouro de forma mais rápida. No entanto, quebrei a cara. Não dá para entender o sentido das palavras. Tajuba percebe minha astúcia:

- Beli, seu bisavô foi esperto. Para entender a pista final tem que decifrar as demais. É uma espécie de quebra-cabeça.

- Por que o Bisa não foi mais prático? Poderiam ter escrito a localização exata e pronto.

Tajuba intervém:

- Beli, como está escrito aqui, o tesouro é para quem tiver merecimento e coragem, pois foi assim que eles adquiriram. Mas tem um detalhe, vamos precisar de materiais sobre a região do Seridó/RN. O que eu tenho não é suficiente. Existem muitos fatos que eu desconheço.

Balanço a cabeça concordando com ele e, nesse momento, dou-me conta de que Léo está mudo. Puxo assunto:

- Léo, você está bem? Parece preocupado.

Ele meio que volta à realidade e fala:

- Estava pensando como vamos fazer essa busca desse tesouro sem um carro.

Olho para Tajuba na esperança de ele ter uma solução. Ele fica pensando alguns minutos e expõe sua ideia:

- Vou falar com seus avós que eu preciso do carro emprestado para realizar a pesquisa.

Imediatamente, um pensamento paira na minha cabeça: o carro do Vô? Aquela caminhonete amarela caindo aos pedaços, que só funciona a bujão? Não conseguiremos passar da porteira.

Tajuba olha para o relógio e pronuncia:

- Já é tarde. Vocês precisam ir dormir. Amanhã cedo converso com seus avós e vamos até a cidade pegar um material na biblioteca. Lá, poderemos tentar decifrar essa primeira pista.

Eu levanto e vou para o quarto, mas, antes, eu pego o mapa e as pistas das mãos de Tajuba e levo comigo. Confesso que sou um pouco ciumenta. Fui eu quem encontrei. Pronto e ponto.

No dia seguinte, acordei entusiasmada. Não reclamei do canto do galo, tampouco da água fria, com a qual eu tive de tomar banho. Fui igual uma flecha para

a cozinha. Não via a hora de decifrar os enigmas. Minha avó olhou para mim com surpresa:

- Beli, você caiu da cama? É muito cedo, menina!

Dou um sorriso meio sem graça para ela. Nossa! Era cedo mesmo. O café da manhã ainda não estava servido. Bem, já que estava ali era melhor ajudá-la para passar o tempo. Lavei a louça, enxuguei, descasquei batata-doce, fiz tantas coisas, até que, finalmente, chega todo mundo para fazer a refeição.

Estou com um frio na barriga. Não me sentia assim desde o dia que resolvi pilotar o “objeto”. Espero que o final dessa história seja melhor. Iniciamos o café como de costume. Não consigo prestar atenção em muita coisa. Estava eufórica demais para ouvir Tajuba falar com meus avós. Depois de muita conversa, ele resolve tocar no assunto:

- Seu Chico e Dona Rita, estou precisando coletar uns dados para minha pesquisa. Preciso ir a alguns lugares aqui do Seridó e estou precisando de uns ajudantes. Queria saber se eu posso levar Beli e Leonardo para essa tarefa.

Olho nervosamente para meus avós. De repente, Vó Rita menciona algo:

- Por mim, tudo bem!

- E, você, Chico, o que acha? Insiste Tajuba.

Vô para um pouco:

- Por mim, não tem problema, você tendo cuidado neles, e, além do mais, não são mais crianças. Vai ser bom para Beli, pois a mãe fez queixa que ela foi mal na escola.

Nesse instante, não consigo fitar Vô. Como a mamãe pode espalhar minha vida particular? Mas, tudo bem. Não tenho tempo para isso, o importante é que ele permitiu que eu fosse. Percebo que Vô ainda está a falar.

- Tajuba, você precisa de um transporte. Depois do café, vamos olhar se a caminhonete ainda está funcionando.

- Eu ia pedir mesmo o carro, Sr. Chico. Tenho de ir à cidade pegar um material para estudar com Leo e Beli, e decidir os lugares em que iremos fazer a pesquisa.

Terminamos o café rapidamente, Vô sai com Tajuba e Leo. Eu fico ajudando à Vó.

Depois de algum tempo, Tajuba entra pela porta da cozinha e anuncia:

- Beli, a caminhonete pegou. Vamos até a biblioteca. Você vai?

Fito Tajuba e penso: como assim, você vai? Claro que eu vou, a dona do mapa sou eu.

- Vou sim, Tajuba. Vou pegar minha mochila.

Depois de alguns instantes, estou no alpendre, parada, olhando para o carro. Fazia tempo que eu não o via e posso garantir que o negócio piorou muito. Vô não é muito zeloso com o carro. Também, mal usa. O espelho retrovisor do motorista é preso por uma fita preta. Os assentos estão rasgados, parece que estavam servindo para as galinhas fazerem seus ninhos.

A porta do passageiro é amarrada com uma corda, fico perplexa. Enfim, acho que não vamos conseguir passar da porteira. Perdida em meus pensamentos, ouço a voz de Vó:

- Esperem. Vou passar essa vassoura aí na boleia²⁰ para tirar a sujeira, e colocar essa colcha de taco para vocês sentarem.

²⁰Boleia: a cabina do motorista.

Terminados os ajustes, preparamo-nos para entrar no carro. Mas, tem um detalhe, como a porta do passageiro é amarrada por uma corda, temos de entrar e sair pela porta do motorista. Primeiro, entra Léo. Depois, eu. E, por fim, Tajuba, que vai pilotar essa máquina. Acomodados, observo que tem um terço pendurado no espelho interno do veículo. Olho para ele e faço uma prece para sobrevivermos àquele carro.

Tajuba dá a partida e o motor faz um barulho ensurdecedor. Em meio a isso, ouço a voz do Vô:

- Acelere e arranque²¹. Lembre-se de parar sempre em ladeiras.

²¹Arranque: partir bruscamente.

O que será que ele quis dizer com parar em ladeiras? Prefiro não saber. Ele dá uma arrancada tão forte no carro, que eu quase descolo minha cabeça do pescoço. Depois de tanta aflição, conseguimos passar da entrada do sítio, e isso deu uma aliviada no meu coração.

Fomos o caminho todo conversando sobre o que íamos fazer na biblioteca. Depois de quase 1h, chegamos. Tajuba desliga o carro em frente à biblioteca Olegário Vale que fica no centro da cidade de Caicó. Eu já conheço esse lugar. Já vim com a professora de Geografia. Esperamos ele descer para sairmos. Observo que ele tira

uma pedra grande de cima da carroceria e coloca em frente ao pneu dianteiro. Não aguento de curiosidade:

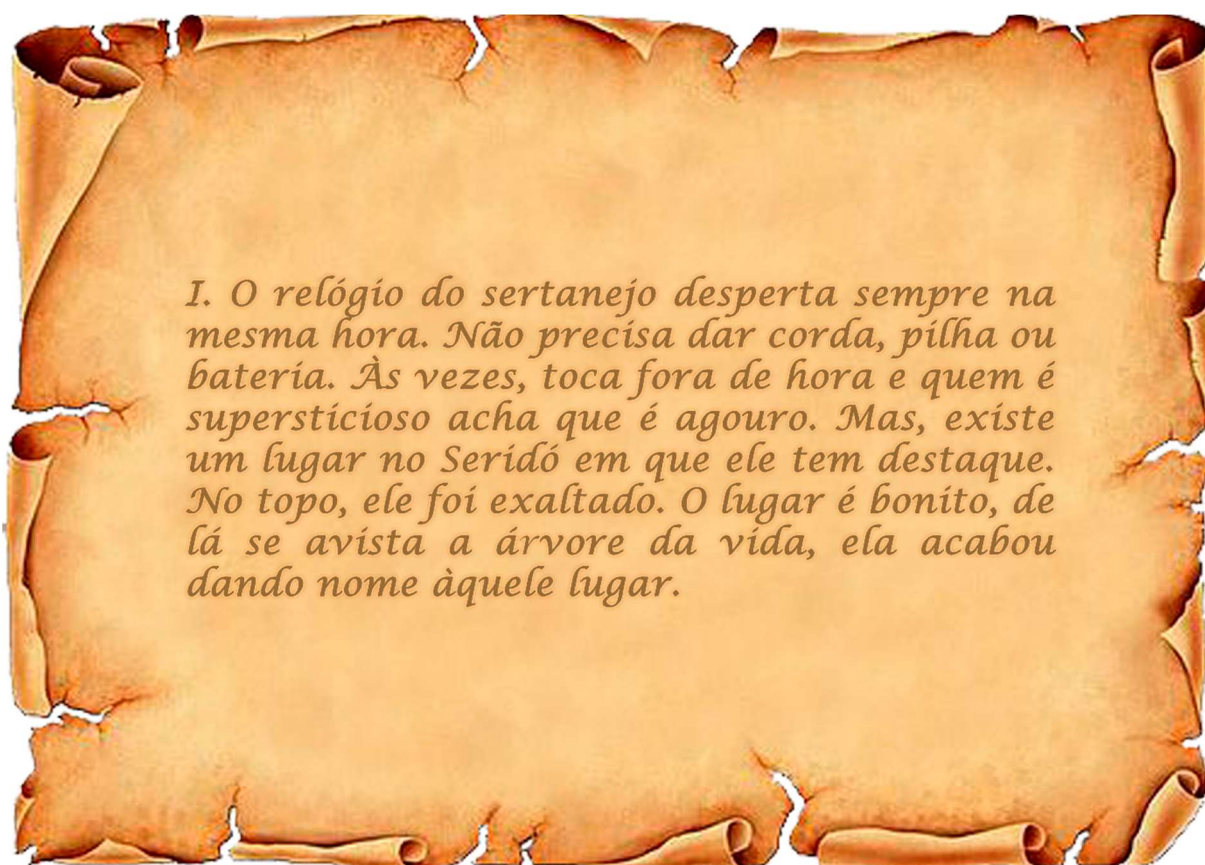
- Tajuba, para que isso?

-Beli, o carro não tem freio de mão. Se eu não colocar esse calço, ele pode descer de ladeira a baixo.

Fico sem cor, mas prefiro ignorar esse detalhe. Depois do meu acidente, não ando muito corajosa.

Entramos na biblioteca. Tajuba conversa algo com a bibliotecária. Em seguida, ela nos conduz a uma estante repleta de material sobre o Seridó. Tajuba nos aponta os materiais que devemos pegar. Depois, vamos direto para uma sala de estudo.

Entramos, colocamos os materiais sobre a mesa. Imediatamente, Tajuba pede o mapa e as pistas. Eu tiro com cuidado e coloco sobre a mesa. Ele começa a ler a primeira pista:

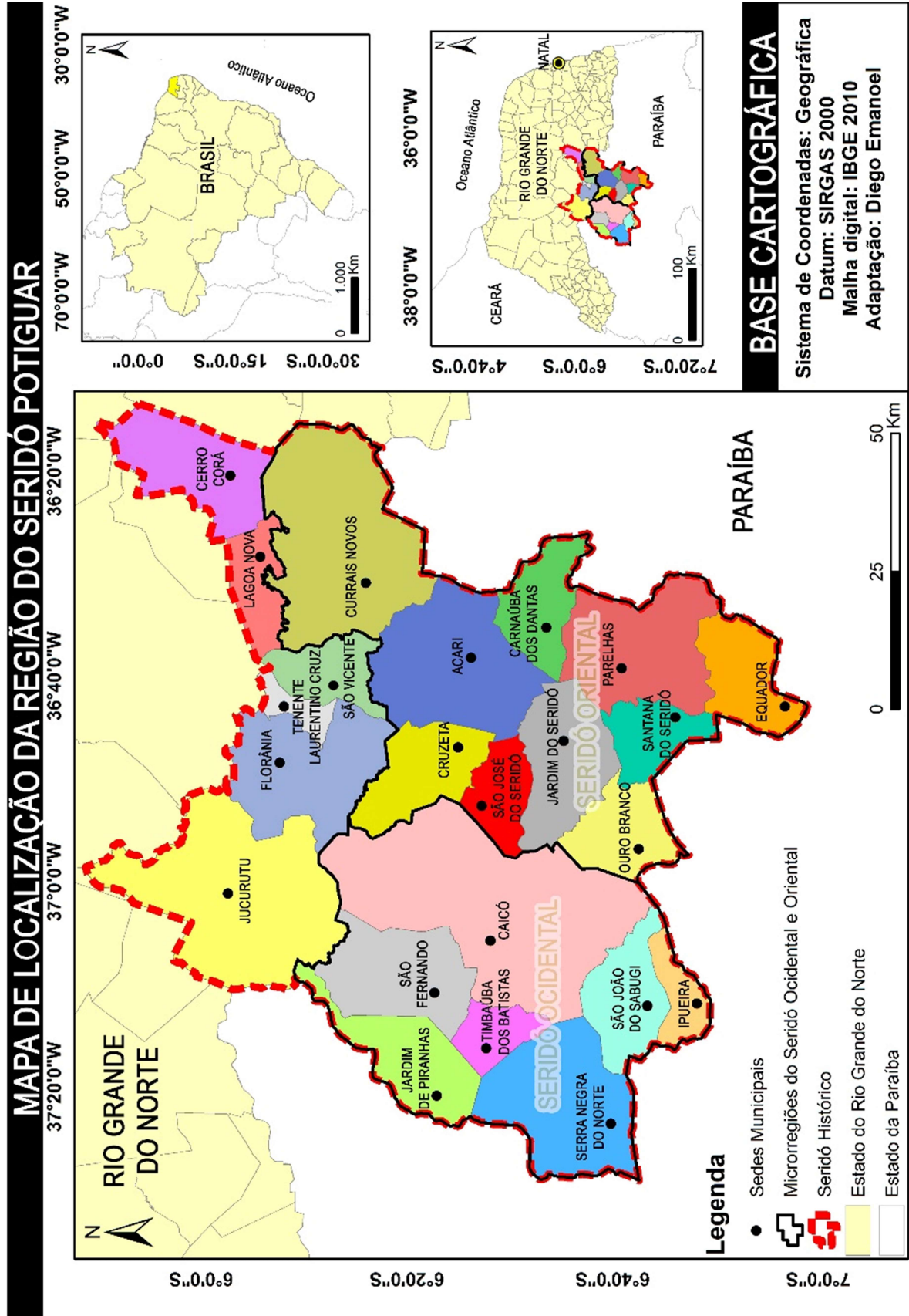


Eu e Léo já tínhamos lido essa pista e não entendemos nada. Tajuba pensa um pouco e pede um mapa do Rio Grande do Norte. Rapidamente, eu pego o que está na mochila dele e abro sobre a mesa. Tajuba acrescenta:

- É bom pegar uma caneta para marcar alguns pontos.

Antes que ele termine já estou com o lápis em mão. Ele olha para o mapa novamente:

- Bem, como diz aqui, o tesouro, se é que ele existe, está em algum lugar do Seridó Potiguar, pois seu bisavô e Januário conheciam bem essa região. Vamos marcar os municípios que compõem essa região, assim ficará mais fácil.



Tajuba faz uma observação:

-Aqui nesse mapa, temos duas divisões: a do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – em que constam esses municípios com o contorno preto; e essa outra divisão, que é a do Seridó historicamente construído. Pelo contorno que seu bisavô fez, se trata dessa última regionalização, até porque na época que ele viveu, muitos desses municípios delimitados pela divisão do IBGE não existiam.

Nossa! Olho para o mapa e começo a contar. São 23 municípios, isso vai dar uma trabalheira danada. Finalmente, ouço Léo, que anda muito caladão:

-Tio, como vamos encontrar esse tesouro em meio a tantas possibilidades?

Olho para Tajuba, ele está coçando a cabeça:

- Vamos ter que decifrar as pistas, caso contrário, vai ser impossível.

Arregalo os olhos e acrescento:

- Nós temos que conseguir. Precisamos salvar o sítio ou pelo menos tentar.

Tajuba pega a primeira pista:

- O que ele quis dizer com “O relógio do sertanejo desperta sempre na mesma hora. Não precisa dar corda, pilha ou bateria. Às vezes, toca fora de hora e quem é supersticioso acha que é agouro. Mas existe um lugar no Seridó que ele tem destaque. No topo ele foi exaltado.”?

-Nessa época, relógio não era um acessório comum. Geralmente, quem possuía eram os abastados²².

Léo acrescenta:

- Como é que um relógio funciona sem corda, pilha ou bateria?

²²Abastados:
endinheirados

Tajuba complementa:

- E seu bisavô não tinha posse para possuir um relógio desses.

Eu estou de antena ligada. Meus pensamentos estão a mil. Olho para o mapa:

- O que significa essa palavra agouro?

- Tajuba se adianta:

- É mal presságio, tipo que vai acontecer algo de ruim.

Pensamos, pensamos. Olhamos alguns livros, mas não encontramos nada. Até que Tajuba nos interrompe:

- É melhor irmos para casa. Já está quase na hora do almoço. Precisamos nos acalmar e examinar tudo isso com calma.

Ele junta o material e saímos em direção à bibliotecária. Ela escreve alguma coisa. Tajuba assina e saímos em direção ao carro. Entramos pela porta do motorista. Observo que ele retira a pedra, que estava escorando o pneu. Coloca em cima da carroceria e entra no veículo. Aproveita que o carro começa a descer ladeira a baixo e dá a partida no motor. Assim, retornamos para o sítio. No caminho, dividimos o material para lermos e tentarmos descobrir algo. Ficamos pensativos. Cada um tentando entender que relógio é esse.

Chegamos ao sítio por volta de 11h30min, bem na hora do almoço. Descemos, lavamos as mãos e fomos almoçar. O Vô já estava terminando. Rolaram algumas conversas sobre nossa viagem. Enfim, o dia passou em meio aos afazeres e a aflição de descobrir o enigma. À noite, jantamos normalmente. Depois, fui para o quarto. Na realidade, eu não estava com tanto sono, mas curiosa para examinar o material que pegamos na biblioteca.

Sentei na cama e comecei a examinar. Li, reli e, para meu desespero, não encontrei nada. Até pensei que isso tudo não passava de uma peça deixada por alguém naquele quadro. Fui dormir desanimada.

Acordei cedo demais com o barulho do galo. Lembrei que tinha sonhado com muitos relógios. Resolvo tomar um banho e ir jogar conversa fora com Vó. Quando chego à cozinha, vejo que ela está terminando de coar o café. Ela olha para mim e oferece uma xícara daquele líquido precioso. Eu aceno que sim com a cabeça.

Ela senta à mesa comigo e me acompanha com outra xícara de café. Depois, pergunta:

- Por que levantou cedo de novo? Está doente?
- Não. Esse galo hoje cantou quase dentro do quarto.

Ela olha para mim e fala:

- É verdade, Sebastião essa noite cantou fora de hora. Isso não é bom. É agouro. Vou mandar seu avô tirar notícia de sua mãe e de seu pai hoje.



Arregalo os olhos e solto a xícara na mesa. Começo a balbuciar, galo... Relógio é o galo! Nesse instante, encho Vó de beijinhos e saio pulando pela cozinha. Percebo que ela está sem entender nada. Percebo que estou dando bandeira:

- Ah, Vó, é um desafio que Tajuba propôs para mim e Léo. E, eu acabo de descobrir a resposta com sua ajuda. Ela sorri. Vejo que não desconfiou de nada.

- Vó, vou para o quarto. Mais tarde, eu venho.

Saio da cozinha, antes que ela consiga dizer uma só palavra.

Chego ao quarto, pego a primeira pista e um caderno. Escrevo o nome galo, mas não consigo entender o resto, talvez, eles tenham descoberto algo. Arrumo a mochila, vejo que já está na hora do café da manhã. Vou novamente para a cozinha e vejo que todos já estão comendo na maior euforia. Não me contengo e acabo anunciando:

- Tajuba, vamos nos reunir agora pela manhã!

Eu consegui alguns dados para sua pesquisa.

Tajuba e Léo olham para mim com os olhos arregalados.

- Beli, vou ver. Primeiro, tenho que ajudar Seu Chico.

Vô rapidamente fala:

- Não. Podem ir estudar. O trabalho hoje é pouco. Dou conta sozinho.

Ninguém ousou a discordar. Todos nós estávamos curiosos. Depois que terminamos o café, saímos para pegar nosso material. Antes, Vó pergunta se queremos estudar na mesa da cozinha. Eu falo que preferimos colocar a mesinha que está no alpendre embaixo do pé de juazeiro. Depois de alguns minutos, estávamos embaixo da árvore. Retiro o material e percebo que todos estão ansiosos. Antes me certifico se alguém descobriu alguma coisa, e, para minha tristeza, ninguém conseguiu. Pois bem, eu descobri, com a ajuda inconsciente da Vó, o que é o relógio. Todos olham para mim.

- Fala, Beli! Exclama Léo.

- É o galo.

- Galo? Indaga Léo.

- Sim, Léo. Veja a pista, “ele não tem bateria e nunca se atrasa”. A vó falou que quando ele canta fora de hora é agouro.

Tajuba interrompe:

- Mas é verdade. Tinha esquecido, as pessoas não gostam quando o galo canta fora de hora. Isso foi muito inteligente. As pessoas de antigamente costumavam acordar com o cantar do galo. Agora, precisamos entender o resto da pista.

Eu retruco:

- Se o relógio é o galo, que lugar é esse que ele está no topo? Que “árvore da vida” é essa?

Tajuba coça a cabeça. Ele está pensando:

- Eu li sobre isso em algum livro da biblioteca.

Ficamos em silêncio na esperança de que ele acabe lembrando.

-Já sei, é a carnaúba. Esse nome é porque dela se aproveita tudo: faz vassoura, chapéu, cera, óleo, cestos, além da sua fruta, que é comestível. Tudo isso é aproveitado sem precisar cortar a árvore.

Rapidamente, Léo abre o mapa e começa a olhar, e, de repente, fala agitadamente:

- Olhem, olhem. Existe um município com o nome de Carnaúba dos Dantas.

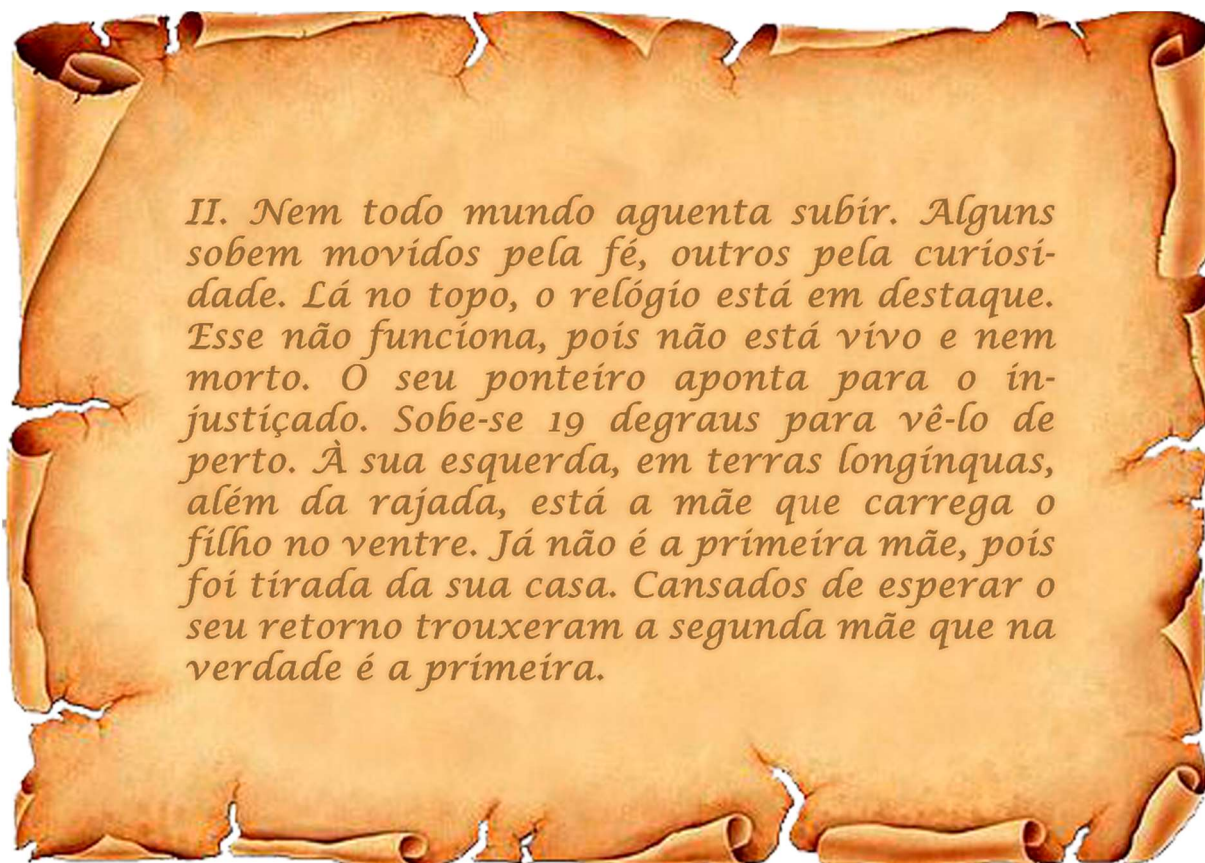
Rapidamente, voltamos nossos olhos para o mapa.

- Mas, e o galo? Interrogo.

- Lá, tem um monte com um galo no topo. O Monte do Galo. Acrescenta Tajuba.

Léo faz uma observação:

- Quer dizer que a pista nos leva ao Monte do Galo. Vamos ver se agora dá para entendermos alguma coisa da segunda pista:



Léo termina de ler e eu fico pasma. Não consegui entender nada. Olho para Tajuba na esperança de uma luz no final do túnel. Finalmente, ele fala algo:

- Bem, sabemos que o relógio é o galo e que ele está em Carnaúba dos Dantas. Mas, o resto não faz sentido. Só tem um jeito: temos que ir até lá para subir o monte e descobrirmos o que isso significa.

Olho para ele e penso: O que ele quer dizer com subir o monte? Eu ainda não estou recuperada da subida da serra. Ele continua:

- O tempo está correndo, pois o leilão do sítio tem data marcada. Acho melhor irmos à Carnaúba dos Dantas amanhã para ver o que descobrimos.

Não sei se fico feliz ou preocupada, mas acho que essa escalada vai ser moleza. Conversamos mais um pouco, acertando os detalhes da viagem. Acertarmos que sairíamos logo na manhã do dia seguinte. Tajuba ficou encarregado de falar com meus avós.

Retornamos para casa, em meio às descobertas, o dia acabou passando muito rápido. Meus avós concordaram com nossa viagem. Vó Rita se prontificou em preparar nossa alimentação para a aventura.

CAPÍTULO IX

GOSTARIA DE TER ASAS

Acordo com o canto do galo. Já não o detesto. Acabo lembrando que o nome dele é Sebastião. Acho engraçado a Vó dar nome ao bicho. Pego meu relógio e vejo que já está quase na hora que marcamos para viajarmos. Levanto rapidamente, tomo banho. Estou tão eufórica, que nem reclamo da água. Pego uma calça de malha para facilitar na caminhada, calço meu tênis e coloco uma camiseta rosa, que eu adoro. Apanho a minha mochila com todo o material da investigação e saio em direção à cozinha. Fico surpresa ao ver que Léo e Tajuba já estão tomando o café. Dou bom dia e Vó me entrega uma xícara de café. Depois, mostra a cesta repleta de comida. Na verdade, a cesta dá para alimentar um batalhão.

A conversa flui animadamente e somos interrompidos por Vô Chico, que avisa que o carro está pronto. Terminamos o café e saímos. Cumprimos o mesmo ritual para entrar no carro. Todos acomodados, Tajuba dá a partida, mas, desta vez, eu estou preparada. Agarro no assento do carro para evitar que minha cabeça seja arrancada com o impulso. Saímos em meio ao barulho do motor e aos acenos dos meus avós. Tajuba dirige cerca de 30 minutos em estrada de barro. Depois, entramos na estrada asfaltada. A viagem é tranquila. A vegetação está bem verde, pois está no período de chuvas. Tirando os buracos, uns daqui e outros dali, que o pneu do carro cai dentro e eu penso que vamos ficar lá mesmo. Fora isso, tudo transcorreu normalmente. Conversamos sobre a pista, até que chegamos em uma espécie de trevo. Tajuba reduz a velocidade, que não era alta:

- Olha aqui, pessoal. Vamos entrar aqui à direita. Já estamos bem perto do Monte do Galo.

Observo em volta e percebo que a paisagem já não é mais como a que eu observava anteriormente. Vejo poucas árvores. Na verdade, vejo árvores cortadas. Muitos galpões e algumas chaminés que lançam uma espécie de fumaça preta.

Olho de relance para Léo e percebo que ele está observando a mesma coisa. Nosso olhar se encontra, mas, de repente, somos interrompidos por Tajuba:

- Olhem aí as cerâmicas. Você já tinha vindo aqui, Beli? Sua mãe sempre faz pesquisa aqui.

Nossa! Fico sem fala. Não tenho muito interesse nas viagens de estudo da minha mãe, sempre arranjo uma desculpa. Respiro fundo e respondo:

- Não venho muito. Tenho as tarefas da escola. Mas, lembro vagamente de a professora de Geografia falar sobre essas cerâmicas.

Tajuba apenas acena com a cabeça, confirmando que entendeu. Já Léo está com um aspecto de reprovação diante da minha resposta. O nosso olhar agora não tem nada de amigável. Ele volta a ser o garoto chato. Bonito, mas insuportável.

Tajuba resolve dar uma de guia:

- Aqui, em Carnaúba dos Dantas, tem muitas cerâmicas²³. Elas são responsáveis pela fabricação de tijolos e telhas para construção civil.

Fico inquieta:

- E a fumaça preta?

- Os tijolos e telhas, Beli, são produzidos a partir de barro, mas é necessário levá-los ao forno para cozinhar. Caso contrário, eles desmancham na primeira chuva. A matéria-prima²⁴ para o cozimento é a lenha. Essa fumaça é proveniente dessa queima.

²³Cerâmicas:
arte de
fabricação de
artefatos de
argila cozida,
tais como
louças, tijolos,
telhas, vasos...

Olho novamente para os fornos, para a fumaça e para a quantidade de lenha empilhada.

-Mas, Tajuba, isso não prejudica a natureza?

- É delicado, Beli. Muitas dessas árvores, que são queimadas, são plantas nativas da caatinga: jurema, oiticica, entre outras. Isso contribui com o desmatamento e a extinção de espécies. A fumaça, como não tem filtro nas chaminés, polui a atmosfera.

²⁴Matéria-prima: a
substância bruta
principal e
essencial com
que é fabricada
alguma coisa.

Eu fico pasma.

- Então, por que não fecha?

Dessa vez, quem tomou a palavra foi o candidato a professor do ano, Léo:

- Você já imaginou quantas pessoas sobrevivem dessa atividade extrativista? Se fechar, essas pessoas vão sobreviver de quê?

Engulo em seco. Não tinha visto a situação por esse lado. Fico pensativa e tenho vontade de retrucar alguma coisa, mas dizer o quê?

Ficamos calados, observando a paisagem. Percebo que Tajuba reduz a velocidade novamente. Logo em frente, avistamos outro trevo com duas setas, uma

aponta para a frente, indicando a cidade de Parelhas. A outra indica para a esquerda, mostrando o caminho para Carnaúba dos Dantas. Tajuba segue nessa última direção.

Pressinto que estamos chegando. Ele segue em uma estrada, um pouco mais estreita. Meus pensamentos são interrompidos por sua voz:

- Olhem essa árvore. Ela é a carnaúba, aquela que seu bisavô usou no enigma. Ela se desenvolve, principalmente, às margens de rios ou em lugares úmidos. Aqui tem bastante. Daí o nome da cidade, essa denominação acompanha esse lugar desde os primórdios, quando era distrito e vila do município de Acari.

Não consigo nem abrir a boca, pois Léo parece que adivinhou o que eu estava pensando, e lançou a pergunta antes de mim.

- Tio, e o Dantas vem de onde?

- Olha, Léo, de acordo com minha pesquisa, o Dantas é em homenagem ao fundador daqui, Caetano Dantas.

Nossa! Algo chama minha atenção. É uma construção em cima de uma espécie de serrote. Fico sem ar. Não consigo acreditar. Olho para Tajuba. Devo estar com cara de assustada, pois ele dá um riso singelo.

- Beli, você está assustada com aquela construção? É o Monte do Galo. Você esperava o quê?

Engulo em seco. Não posso acreditar. Eu tinha imaginado algo baixinho. Sinto um frio na barriga, mas não posso desistir. De longe, dá para ver uma cruz.

Desvio o olhar para ver se me acalmo, percebo que estamos passando pelo centro da cidade. À medida que nos aproximamos do monte, ele parece mais alto. Tajuba estaciona próximo a uma igreja. Ela tem uma torre central e duas menores. As portas são em formato de arcos. Na torre principal, está datado o ano de 1959, provavelmente, o ano de sua construção. Tajuba desliga o carro. Descemos e ficamos atentos às orientações dele.

- Vamos subir logo, enquanto está frio. Deixaremos para comer quando chegarmos lá em cima. No caminho, vamos hidratando com água.

Rapidamente, foco no monte. Noto que vamos subir bastante. Ao lado, vejo uma espécie de praça, toda murada.

-Tajuba, isso é uma praça?

- Ah! Isso aí é um espaço onde ocorre o espetáculo da Paixão de Cristo. Vamos deixar o papo de lado e vamos cuidar. Peguem as mochilas.

Ele sai na frente e nós o acompanhamos. Subimos a ladeira e chegamos próximo a vários degraus. Percebo que perto do acesso ao abismo foi construída uma espécie de muralha de proteção. Com certeza, para evitar que alguém perca o equilíbrio e caia. Subimos os degraus, passamos em um pequeno obelisco onde está escrito, “I Estação: Jesus é condenado à morte”. Mais abaixo está escrito o nome de uma família e a data. Continuamos a subida e percebo que vamos virar à esquerda. Dá a impressão de que estamos caminhando em *zig zag*. Olho para a frente e vejo que não vai ser mole não. Agora entendo quando meu pai fala: “Rapadura é doce, mas não é mole não”.

Subir tudo isso vai ser puxado. Respiro fundo e continuo. Cada vez subimos mais e mais. Começo a sentir as panturrilhas doerem. Impulsiono meu corpo para frente numa tentativa de aliviar as dores, mas não tenho muito êxito. Sinto que preciso parar um pouco. Escoro-me na muralha de proteção. Tomo um pouco de água. Respiro fundo. Depois de algum tempo, começo a observar a formação rochosa, que está na minha frente. Algumas rochas estão com aspecto preto, outras avermelhadas. O mais impressionante são as plantas que surgem de dentro das rochas. Algumas espécies não conheço. Só reconheço o xique-xique, pois já me machuquei em um na casa dos meus avós.

Olho mais acima e vejo Tajuba com ar de preocupado, e Léo com uma disposição de fazer inveja.

- Beli, você está bem? Você quer ficar? Nós continuamos.

Ele só pode estar louco em pensar que eu não vou até o final. Olho para ele e respondo:

- Vou, sim. Apenas parei para tomar água.

Eu estava quase caindo de tão cansada, mas depois de me hidratar sinto uma melhora e continuo a subir. Eles percebem que não vou desistir e continuam. Chegamos numa espécie de casinha azul. Tem uma imagem de uma santa no interior dela. No gradilho de proteção, há muitas fitinhas amarradas. Ouço Tajuba falar que as pessoas fazem pedidos e as amarram. Fico pensando que, se eu tivesse fitinhas, iria amarrar algumas pedindo para eu chegar viva lá no topo. Ao lado, observo uma fenda na formação rochosa. É belíssima.

Sentamos um pouco para tomar mais água e recuperar o fôlego. Mas não demora muito e temos de bater em retirada. Continuamos, estou tão focada em chegar lá em cima que mal desvio o olhar para observar a paisagem. O pior é que, quanto

mais eu subo, mais sinto as panturrilhas doerem. Parece que estão queimando. Agora dou razão à minha mãe, que me orienta a praticar atividade física regularmente.

Olho para o topo e começo a ver o galo mais nitidamente. Estou cansada e meu coração bate acelerado. Respiro profundamente e continuo. Depois de muito sofrimento, avisto as escadarias. Tajuba está parado com Léo à minha espera.

- Vamos por essa escada que dá acesso à igreja, lá repousaremos e comeremos o lanche. Orienta Tajuba.

Todos nós concordamos. Subimos as escadarias e chegamos a um espaço amplo e plano. Tem uma pequena igreja quase ao centro. Dirigimo-nos para a lateral dela, pois estava na sombra. Tiramos nossas mochilas. Eu, literalmente, deitei naquele chão frio. Que sensação boa! Em poucos instantes, sinto o cheiro da comida da minha vó. Olho de lado e vejo que Tajuba está organizando os alimentos sobre um pano. Dou-me conta de como eu estou com fome. Minha barriga está roncando. Olho rapidamente para Léo, com a sensação de que ele está ouvindo o barulho produzido por ela. Ele dá um sorriso misterioso. Reúno o resto das minhas forças e sento para comer. Coloco café em um copo, como bolo, cuscuz, tapioca. Enfim, encho o bucho²⁵, como diz vô Chico.

Quando terminamos, guardamos o que sobrou nas mochilas e descartamos o lixo em uma lixeira próxima à muralha de proteção.

²⁵Bucho: o estômago do ser humano.

Agora tenho energia para observar tudo à minha volta. Vejo que, além da pequena igreja, tem mais uma capelinha, e, próxima a ela, uma espécie de quarto, que chamou minha atenção devido à quantidade de objetos que tinha dentro dele: cabeça de madeira, muletas, casas em miniatura, fotos de pessoas doentes, fotos de casamentos, muita coisa. Olho para Tajuba, não preciso perguntar nada. Ele já reconhece a minha inquietação e revela:

- Isso é o quarto dos milagres. As pessoas pedem graça a Nossa Senhora das Vitórias, e, em pagamento, trazem algo. Essa foto aí desse casamento foi trazida por alguém que fez o pedido para casar; aquela casa foi trazida por alguém que fez o pedido para conseguir ter a casa própria; as réplicas dos membros do corpo foram trazidas por alguém que fez o pedido para se curar de alguma enfermidade.

Finalizamos a nossa investigação nesse espaço. Percebo que Tajuba aponta para outros degraus. Isso significa que vamos subir mais ainda, no entanto, eu já estou bem. A comida me deu um novo ânimo.

Subimos alguns degraus e chegamos a um espaço que tem uma cruz no centro. Era aquela que eu avistei de longe. Paralela a ela, fica o galo, e na outra extremidade, tem o Cristo crucificado. Para chegar mais próximo ao galo, temos agora de descer degraus. Mas resolvemos sentar próximo à cruz para examinarmos a pista novamente.

Início a leitura e, aos poucos, vamos tentando decifrar. A parte que fala que nem todo mundo aguenta subir, nós já compreendemos que é subir o Monte do Galo, pois a maioria sobe para pagar promessa ou por curiosidade. O relógio no topo já estamos cientes de que é o galo. Agora, esse ponteiro? Olho para Tajuba e Léo, e questiono:

- Como é que um galo tem ponteiro?

Léo arrisca:

- Precisamos ir mais próximo ao galo.

Deixamos as mochilas, descemos os degraus em direção a ele e começamos a observar. Olhamos, olhamos de novo, cerca de uns 20 minutos, já estávamos desanimados. De repente Léo grita:

- É o bico! O bico! O ponteiro aponta para o injustiçado. Olhem, é Cristo na cruz.

Eu e Tajuba nos olhamos rapidamente e chegamos à conclusão de que ele estava certo. Ele matou a charada. Tenho que reconhecer que ele é esperto. Leio o restante da pista e vejo que está indicando que temos que subir 19 degraus para chegar até o injustiçado. Saímos em disparada. Passamos pela cruz novamente, descemos degraus e subimos os 19 para chegar até o Cristo.

Leio o final da pista:

“A sua esquerda, em terras longínquas, além da rajada, está a mãe que carrega o filho no ventre. Já não é a primeira mãe, pois foi tirada da sua casa. Cansados de esperar o seu retorno trouxeram a segunda mãe que na verdade é a primeira”.

O que isso quer dizer? Olho para a paisagem, mas não consigo pensar em nada. Tajuba dá uma luz:

- Pelo que li, a rajada é essa serra aí. Veja, ela está à esquerda de Cristo. Ela recebe esse nome devido a um tipo de abelha encontrada nas rochas. Ela também foi palco de uma das mais sangrentas batalhas da Guerra dos Barbáros²⁶ aqui, no Seridó.

Léo complementa:

²⁶Guerra dos Bárbaros: conflito ocorrido, por volta dos anos de 1638, estendendo-se até 1697, no interior das capitanias do nordeste brasileiro. Envolvendo os colonizadores portugueses e os indígenas.

- Mas, aqui fala de uma terra além da rajada e dá para entender que é muito distante daqui.

Todos nós concordamos com ele. Ficamos ali, procurando respostas, observando a paisagem, a fim de encontrar a solução. Não entendíamos que mãe era essa que carregava o filho no ventre. Fico observando em volta, lá de cima dá para ver um visual lindo da cidade. Para todos os lados que olho, vejo serras. A vegetação está bem verdinha, parece um tapete envolvendo o relevo.

Olho para baixo e vejo que estamos em uma altitude considerável, 450 metros acima do nível do mar. Li isso em um dos livros que pegamos na biblioteca. Lá embaixo, tudo parece tão pequeno! A cidade, realmente, é bem pequena. É menor do que Caicó. Olho para as rochas e vejo uma planta que chama minha atenção. Ela possui um pêndulo que sai do centro dela. Resolvo perguntar a Tajuba:

- Que planta é essa?

- Isso é uma macambira²⁷. É muito bonita.

Aceno com a cabeça, afirmando que sim.

Ficamos um bom tempo contemplando aquele visual, até que Tajuba nos chama para uma reunião. Chegamos à conclusão de que não encontraríamos o restante do enigma assim do nada. Além do mais, estávamos cansados. Aderimos em voltar para casa e pesquisar mais no material que tínhamos. Juntamos nossa bagagem. Descemos. Já estava ficando quente. A descida é mais fácil, no entanto, tenho de ir devagar, pois, caso contrário, vou sair bolando ladeira a baixo. No decorrer do percurso, paramos em algumas barraquinhas para comprarmos lembrancinhas. Confesso que não tinha visto isso na subida. Adquirimos algumas coisas e continuamos a jornada.

²⁷Macambira: planta da família das bromeliáceas (Bromelialaciniosa), de folhas rígidas e espinhosas, muito espalhada nas regiões secas nordestinas.

Fico pensando como deu trabalho para construírem tudo isso, como o homem tem a capacidade de transformar o espaço geográfico²⁸. Ouço isso cotidianamente na minha casa, quando minha mãe planeja suas aulas. Continuamos em silêncio, e, em pouco tempo, chegamos onde tínhamos deixado o carro. Fizemos o procedimento de sempre, no entanto, quando Tajuba deu a partida, o carro não pegou. Parou e não deu mais sinal de vida. Olho para ele, que acaba dando a única ideia possível:

²⁸Espaço geográfico: espaço construído ou modificado ao longo do tempo pela ação humana.

- A única maneira de ele funcionar é empurrando para ele pegar velocidade.

Interrogo-o:

- Como assim?

Léo responde:

- Empurrar, Beli, lá atrás na carroceria, para o carro sair do lugar. Vamos, tio! Abra a porta! Vamos descer.

Olho para aquele garoto e tenho vontade de ficar sentada, mas sei que tenho de ajudar, caso contrário, ficamos ali.

Saímos do carro. Tajuba nos acompanha e dá as instruções. Ele volta para seu posto de motorista e grita:

- Comecem a empurrar!

Coloco tanta força que meus braços e pernas começam a tremer. É pesado demais para mim e Leonardo. Mas, nessa hora, surge uma alma bondosa! Um homem, que ia passando, para e oferece ajuda. Agora, sim, o carro começa a pegar velocidade. Finalmente, Tajuba dá a partida e eu escuto o ronco do motor, seguido de um bueiro de fumaça, que pega em cheio no meu rosto. Fico atordoada, mas, pelo menos, o carro está funcionando. Agradecemos ao homem, que se chama Dantas. Saímos em direção à cabine do carro. Para a minha surpresa, Tajuba explica que não tem como desligar o carro, ou sair e deixar funcionando, para nós entrarmos. Resultado, fomos sentados no lastro da carroceria. Para piorar o desconforto das tábuas, surge o vento, que bagunça todo o meu cabelo.

Não pronuncio uma só palavra durante o retorno. Leonardo também não é maluco de abrir sequer um riso, pois não sei do que seria capaz.

Chegamos à casa dos meus avós. Desço, pego minha mochila e vou direto para o quarto. Quando me olho no espelho, tenho vontade de gritar e chorar. Meus cabelos estão piores do que eu imaginava, parecendo uma vassoura de agave²⁹. Daqui a uns cem anos, eu consigo penteá-los.

Resolvo tomar logo um banho. Não consigo ajeitar os cabelos. Então, prendo e vou almoçar. Durante a refeição, não percebo nenhuma novidade, pelo menos, não observei, pois estava mal humorada. O resto do dia passa rápido, e, finalmente, chega o jantar. Logo depois, é a hora de cair nos braços de “Orfeu”. Eu estava precisando dormir.

²⁹Agave: gênero de plantas agaváceas. Da sua fibra extraída de suas folhas se faz corda, vassoura...

CAPÍTULO X

NOVOS RUMOS

Acordo ainda muito cansada e dolorida. Parece que passou um trator por cima de mim. Pego o relógio e vejo que já passou das 9h. Dormi bastante e, com certeza, a Vó não teve coragem de me acordar, devido ao meu estado deplorável de ontem. Sento na cama e passo a mão pelos meus cabelos. Preciso dar um jeito nisso. Tomo um banho e gasto quase um tubo de creme para pentear a cabeleira, mas, finalmente, venço essa batalha. Apronto-me e saio para a cozinha com o propósito de tomar um belo café. Observo que a Vó está cuidando do almoço e, quando me vê, abre um longo sorriso.

- Bom dia, Beli!

- Oi, Vó!

- Dormiu bem?

Sinalizo que sim.

- Sente-se aí que vou pôr o seu café.

Ela serve sem fazer muitas perguntas. No fundo, eu agradeço por essa gentileza, pois ainda estou cansada. Tomo café lentamente. Depois, averiguo onde está todo mundo.

- Vó, cadê o pessoal?

- Seu avô foi ao roçado, Tajuba e Léo estão lá embaixo do pé de juazeiro estudando.

Levo um susto. Aqueles traidores começaram sem mim.

Vou para o quarto, pego minha mochila, verifico se o material ainda está lá e vou fazer companhia a eles. Quando chego, todos olham para mim. Tajuba abre um sorriso:

- Olá, dorminhoca. Você está bem?

Faço um esforço para ser simpática.

- Estou, pronta para outra.

Nunca na galáxia que isso é verdade.

- Vocês descobriram alguma coisa? Pergunto.

Tajuba responde:

- Bem, estamos aqui fazendo algumas marcações no mapa. Precisamos descobrir que terras longínquas são essas e que mãe é essa. Olhe, já fizemos algumas. Escolhemos os municípios, que estão além da serra da rajada. Ele aponta para o mapa.

Observo que eles desenharam uma rosa dos ventos no centro do município de Carnaúba dos Dantas. Fizeram marcações nas localidades mais distantes, tomando como base o braço do ressuscitado que aponta para o oeste, além da Serra da Rajada. Eles marcaram:

A oeste: Caicó, Timbaúba dos Batistas, Serra Negra do Norte; Jardim de Piranhas e São Fernando.

Olho para eles e pergunto:

- Nossa! São muitos municípios. Como vamos descobrir qual é?

Tajuba dá uma dica.

- Pensei no seguinte: como no enigma fala do injustiçado, que já descobrimos que é Cristo, acredito que a mãe a quem se refere deve ser a de alguma santa, já que seu bisavô era católico. Temos que descobrir os(as) padroeiros(as) dessas cidades, pois só sabemos a de Caicó, que é Senhora Santana, mas ela é a avó de Jesus. Por isso, achamos que não é Caicó. Precisamos descobrir os das demais cidades, e, nos livros que temos, não falam sobre isso.

Paro um pouco e fico pensando. Acabo tendo uma ideia:

- Vamos até a cidade. Chegando lá, vamos até a catedral e falamos com o Padre João. Ele sabe de muita coisa.

Acho que tive uma boa ideia, pois todos olham para mim com um sorriso no rosto. Tajuba pede que Léo escreva os nomes dos municípios em uma tabela e deixe um espaço para escrever os nomes dos padroeiros.

- Vamos deixar para irmos depois do almoço.

Terminamos tudo e organizamos o material. Eu saio para casa e eles vão ajudar o Vô.

Depois do almoço, fomos até a cidade. Dessa vez, o carro funcionou. Tajuba explica o plano: ele vai falar ao padre que precisa dessas informações para uma pesquisa. No fundo, isso é verdade. Só não vamos revelar que pode existir um tesouro.

Chegamos à igreja às 14h. Ele estaciona o carro em um terreno com um declive³⁰. Saímos e fomos caminhando em direção à catedral. Chegando lá, Tajuba falou com o rapaz que estava limpando a igreja. Depois de alguns instantes, ele apontou algumas cadeiras e pediu que aguardássemos. Sentamos. Quando o rapaz some de nossas vistas, Tajuba fala:

³⁰Declive: inclinado, formando ladeira (no sentido da descida).

- Ele é o sacristão³¹, foi falar com o padre para ver se ele nos atende agora.

Ficamos aguardando a resposta em silêncio. Depois de algum tempo, o sacristão aparece sorrindo e avisa que Padre João vai nos receber. Ficamos felizes com a notícia. Tajuba acena para acompanharmos o rapaz. Saímos caminhando por um corredor estreito. Ele para em frente a uma porta e dá uma leve batida, e, gentilmente, abre para nós entrarmos. É uma espécie de escritório. Tem muitos livros e imagens religiosas. Sentado em uma ampla cadeira está o Padre João. Ele tem o aspecto alegre, recebe-nos com muito carinho, apertando a mão de cada um. Depois, convida-nos para, apontando para algumas cadeiras, sentarmos.

³¹Sacristão: aquele que se emprega habitualmente nos arranjos duma igreja, em ajudar à missa.

- Em que posso ajudá-los, meus jovens? Pergunta, gentilmente.

Deixamos Tajuba explicar, pois já havíamos combinado isso:

- Padre João, estamos fazendo uma pesquisa sobre os padroeiros de alguns municípios da região do Seridó Potiguar. Precisamos saber quais são os nomes e algumas curiosidades ou informações sobre esse assunto.

Tajuba faz aceno para eu entregar a lista que tínhamos organizado ao padre. Entrego rapidamente e ele olha em silêncio. A lista estava organizada da seguinte maneira:

Município	Padroeiro/curiosidades
Caicó	
Timbaúba dos Batistas	
Jardim de Piranhas	
São Fernando	
Serra Negra do Norte	

Padre João fala:

- Vou poder ajudá-los. Já realizei celebrações nesses municípios, além de gostar bastante de estudar a origem do nosso povo. Dessa lista, vocês devem saber que Caicó tem uma padroeira: Senhora Santana. Para a religião católica ela é a avô de Jesus.

Ele continua:

- A curiosidade da construção da Igreja se dá em torno da Lenda do Vaqueiro, que, embrenhado no mofumbal³² e diante de um grande perigo, fez uma prece à Senhora Santana, prometendo que, se o livrasse da morte, ergueria uma capela em sua devoção. Ele alcançou a graça e começou a construir a capela, no entanto, veio um período de estiagem e a água começou a ficar escassa. Ele, novamente, fez uma prece para a água não acabar. Ele utilizava a água de um poço, que ficou conhecido como Poço de Santana. A água desse reservatório nunca secou. Ele fica aqui, próximo da Catedral, vizinho à casa de pedra, que foi a primeira casa de Caicó. Isso é a lenda, mas a parte histórica se dá em torno da criação da Ribeira do Seridó. Cada ribeira se distingue uma das outras pelo nome do rio que a banhava. No caso, o Rio Seridó deu nome à ribeira do Seridó, que incluía terras potiguares e paraibanas. Já a freguesia da Gloriosa Senhora Santana do Seridó é uma divisão eclesiástica, ela foi desmembrada da Freguesia de Nossa Senhora do Bom Sucesso do Piancó (PB), em

³²Mofumbal: quantidade mais ou menos considerável de mofumbos organizados próximos entre si. (árvore brasileira nativa da caatinga).

1748. Essa divisão foi motivada pela vastidão do território, dificuldades de locomoção, crescimento populacional e a necessidade por serviços religiosos. As explicações para a origem do nome são variadas. Alguns pesquisadores apontam para ligação com os primeiros moradores, os índios Caicós, mas essa é uma das muitas especulações. O fato é que o tempo passa e Caicó se torna o polo central da freguesia. Todos os municípios do Seridó Potiguar se desmembraram direta ou indiretamente dessa cidade.

Padre João dá uma pausa e olha para a lista novamente. Continua sua oratória:

- Bem, em relação a Timbaúba dos Batistas, o padroeiro é Severino Mártir. Sei que foi uma promessa feita por uma senhora chamada Izabel Izaura que, alcançando o milagre da cura de uma doença, construiu uma capela em homenagem ao santo. E é em função dessa construção, no ano de 1929, que casas foram sendo erguidas, dando origem ao povoamento. O nome do referido lugar é originário de uma árvore que tinha na região, a Timbaúba. Essa árvore histórica existiu até os anos de 1978, na propriedade rural de Salustino Salustiano de Araújo. Esse povoamento da Timbaúba foi desmembrado de Caicó no ano de 1962, passando a ser denominado de município de Timbaúba dos Batistas. Este último nome se deu em homenagem a uma importante família que contribuiu para o desenvolvimento dessa localidade.

Logo após, continua:

- No tocante a Jardim de Piranhas, conta-se que três vaqueiros iam tangendo uma boiada e, quando chegaram às margens do Rio Piranhas, depararam-se com um volume de água corrente muito grande. Um dos vaqueiros sugeriu que era melhor fazer pouso ali, próximo ao rio, até que as águas ficassem mais tranquilas. Além do mais, ele sabia que as águas tinham cardumes de piranhas, mas os outros companheiros não aceitaram a sugestão e resolveram realizar a travessia. Juntaram o gado e entraram no rio, mas no meio da travessia a força das águas começou a arrastá-los para as profundezas. O vaqueiro que tinha dado o conselho percebeu que iam morrer, então fez uma prece a Nossa Senhora que valesse a ele e seus amigos naquela hora de aflição, prometendo construir uma capela em sua homenagem. Assim, conseguiram se salvar das águas do Rio Piranhas. Ele contou aos outros o que tinha prometido e resolveram tanger a boiada, na expectativa de que, onde quer que eles parassem, ergueriam a capela. O fato é que os animais pararam onde hoje se encontra a atual Igreja Matriz da cidade. Na época as terras foram doadas por Margarida Cardoso, primeira proprietária de terras naquela localidade, que muito

ajudou aos vaqueiros na construção. A imagem recebeu o título de Nossa Senhora dos Aflitos, devido ao milagre ter ocorrido em um momento de aflição. Esse povoado também pertenceu a Caicó.

Padre João dá uma pausa e bebe água. Oferece e eu aceito, pois já estou cansada com tantas informações. Ele retoma o assunto:

- Em relação a São Fernando, sei que no ano de 1872, o padre Francisco Rafael Fernandes fundou uma povoação às margens do Rio Seridó. O povoado recebeu o nome inicial de Pascoal numa referência à serra com o mesmo nome, localizada nas redondezas. Era um pequeno povoado e a maioria das pessoas eram carentes. O referido padre, além de fundador, tornou-se o grande incentivador do seu crescimento, atuou como capelão, mudando o nome da povoação para São Fernando. Mais tarde, as terras passaram à família Fernandes. Um dos filhos dessa família ordenou-se padre e acabou recebendo de sua mãe uma quadra de terras para construção de uma capela em homenagem a Nossa Senhora do Patrocínio, santa de sua devoção e padroeira da localidade. São Fernando foi desmembrado de Caicó em 1958.

Ele acrescenta:

- Pela lista que vocês fizeram, só falta Serra Negra do Norte. Bem, esse lugar teve o início de sua formação como muitas outras localidades do Seridó, a partir de uma fazenda de criar gado. Esta, por sua vez, estava situada na ribeira do rio Espinhara. Desta grande Sesmaria, houve uma divisão de terra: uma parte chegou às mãos de Manoel Pereira Monteiro, que se estabeleceu com sua fazenda de gado em Serra Negra, no ano de 1728. A referida localidade era conhecida como “Os Currais do Espinhara”, sua primeira alcunha. Anos depois é que passa a se chamar Serra Negra. Assim como Caicó, existe uma explicação histórica e lendária. A primeira está relacionada ao aspecto sombrio que as plantas da caatinga assumem no período de estiagem, cobrindo toda a serra que margeia a cidade. Mas, de acordo com a lenda, conta-se que uma escrava de Manoel Pereira teria ido pegar lenha no pé da serra e a onça a teria devorado, daí a denominação de Serra Negra. No entanto, a primeira versão é a mais aceita. O tempo passa e é erguida uma igreja em homenagem a Nossa Senhora do Ó. Essa construção foi demolida para ser construída uma outra, com mais segurança e destaque. Manoel Pereira, juntamente com seus filhos, mandou virem de Portugal artistas com a finalidade de traçar o plano da nova igreja, além de mestres de pinturas, que edificaram a arquitetura em estilo barroco. Sua construção foi concluída em 1858. O fato que abalou a cidade foi o roubo da imagem

que ocorreu no ano de 1974. Essa imagem foi trazida de Portugal, ela ficara no altar por mais de cem anos até que, no dia 22 de julho de 1974, ela sumiu misteriosamente do altar. Os devotos ficaram arrasados com o sumiço da imagem, houve investigações, mas nada foi descoberto de concreto. O altar ficou vazio, sendo colocado um quadro com uma foto da imagem original. Até que, em 1986, trouxeram uma réplica feita por um artesão de Recife/PE e foi muita comemoração. Eu estava lá, muitas pessoas choravam, passando mal, dizendo que era a imagem roubada que tinha retornado. Em algum momento eu também achei que fosse. Mas, quando terminou a celebração, fui comparar com o quadro da imagem original e são diferentes. Nossa Senhora do Ó é uma invocação à Virgem Maria, é inspirada nos últimos dias de gravidez da mãe do Salvador. A imagem original dava para perceber o ventre mais proeminente, já a réplica não se percebe tanto.

Subitamente levanto da cadeira. Todos olham para mim. Padre João arregala os olhos e pergunta:

- Você está bem, menina?

Fico atordoada e balbucio a primeira coisa que vem a minha mente:

- Banheiro, banheiro.

Padre João indica que o mesmo fica no final do corredor. Eu saí rapidamente. Entro e fecho a porta. Na verdade, eu não queria ir ao banheiro, mas na hora foi a desculpa que encontrei para justificar o meu levantar repentino. Na realidade, eu descobri o enigma e acredito que os demais também, pois ficaram olhando para mim com cara de “paisagem”. Dou um tempo dentro do banheiro, aproveito e lavo o rosto. Espero uns minutos e resolvo retornar para a sala. No entanto, dou de cara com Tajuba e Léo no corredor. Acompanho-os e saímos rapidamente da igreja.

Chegando no lado de fora, procuramos alguns bancos próximo ao Arco do Triunfo. Leonardo puxa a conversa:

- Cheguei a pensar que não íamos descobrir nada.

Balanço a cabeça concordando com ele.

Tajuba complementa:

-Mas acredito que a ficha caiu para todos vocês. Pelo pulo que Beli deu.

Todos olham para mim. Desatamos a rir, acredito que quem ia passando pela praça pensava que éramos loucos. Tajuba conseguiu se recompor e anuncia nossa partida. Estamos chamando muita atenção.

- Vamos para casa. Lá olhamos a pista com calma.

Entramos na nossa “Ferrari”. Esta pegou sem nenhum problema. No caminho, conversamos mais sobre o que o padre havia falado. Chegamos no sítio por volta das 17h e fomos direto para o nosso escritório: a árvore. Retirei o mapa com as pistas.

Coloquei no centro da mesa e Léo leu novamente o final do enigma que não tínhamos entendido:

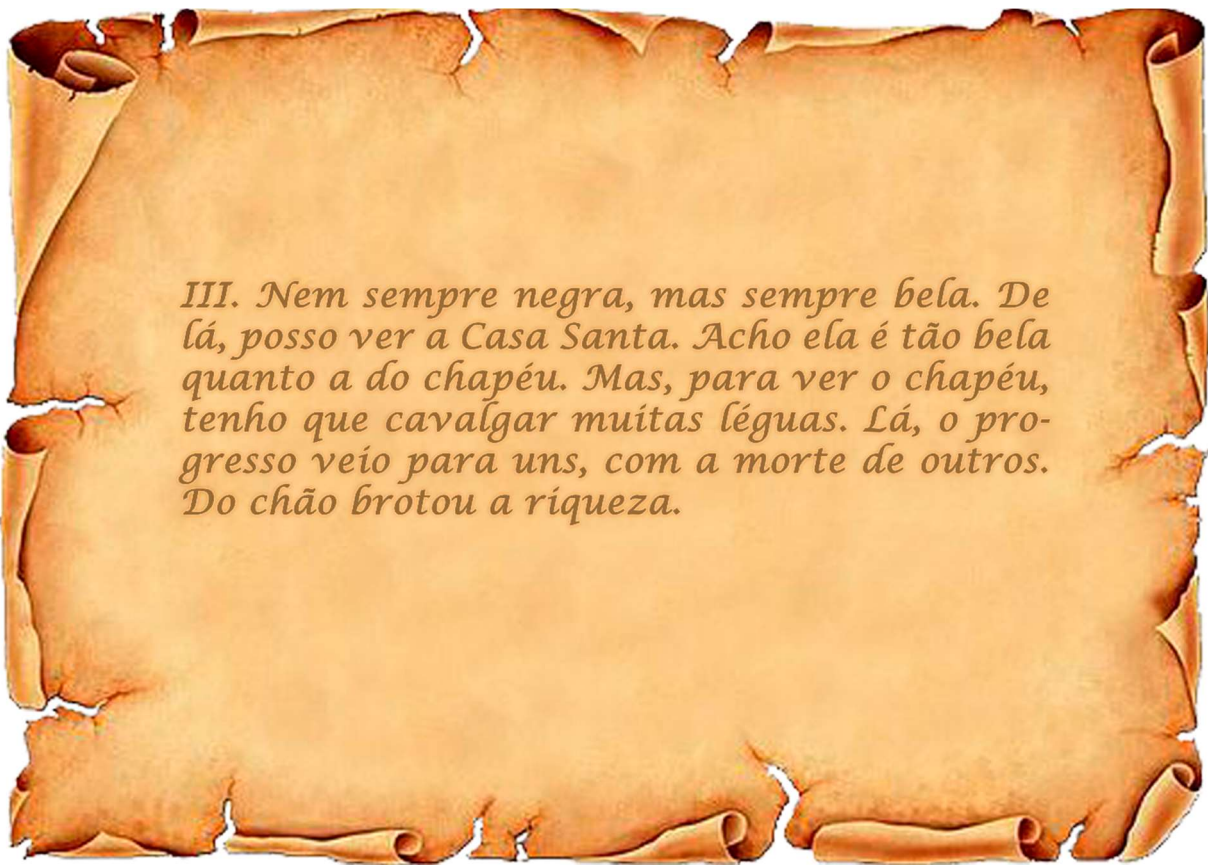
“A sua esquerda em terras longínquas, além da rajada, está a mãe que carrega o filho no ventre. Já não é a primeira mãe, pois foi tirada da sua casa. Cansados de esperar o seu retorno, trouxeram a segunda mãe que na verdade é a primeira”.

Mal deixo ele terminar de ler e começo a falar:

- A mãe que carrega o filho e que foi substituída é a padroeira de Serra Negra do Norte. O padre João não falou que ela foi roubada? Léo examina novamente o mapa e conclui:

- Só pode ser. Mantamos a charada.

Meu coração acelera de tanta emoção. Tajuba pega uma caneta e faz uma marcação no mapa do município. Conferimos mais uma vez a pista e não temos dúvida. É lá mesmo. Tento decifrar a próxima pista.



III. Nem sempre negra, mas sempre bela. De lá, posso ver a Casa Santa. Acho ela é tão bela quanto a do chapéu. Mas, para ver o chapéu, tenho que cavalgar muitas léguas. Lá, o progresso veio para uns, com a morte de outros. Do chão brotou a riqueza.

Terminei de ler e fiquei arrasada. Não entendi nada. Pela cara de Tajuba e Léo, eles também não. Para piorar, eu fiquei muito desconfiada do meu bisavô:

- Acho que ele tinha duas amantes, conforme o que estava escrito no mapa, uma negra e outra que usa chapéu.

Léo e Tajuba caem na risada. Tenho vontade de pegar a pista e sair dali. Eles percebem que não estou para brincadeiras.

- Beli, que maluquice é essa, menina? Isso não se trata de mulher. Deve ser outra coisa. Não tire conclusões precipitadas. Temos que ir até Serra Negra do Norte para averiguar. Vamos guardar o material. Amanhã, sairemos bem cedo, pois a viagem é mais longa. Às 4h30min, todo mundo na cozinha - fala o mestre Tajuba.

Guardamos o material e fomos jantar. A hora da refeição foi tranquila. As mesmas conversas de sempre, tirando os questionamentos do Vô Chico sobre como anda a pesquisa. Nada mais de novo aconteceu.

Durante a noite, resolvo estudar alguns materiais que pegamos na biblioteca, e que não tinha terminado de ler. Acabo dormindo em meio aos livros.

Na manhã seguinte, encontramos-nos no horário marcado na cozinha da vó. Tomamos café e guardamos a comida que ela preparou para a viagem. Saímos no carro que anda muito comportado. Em pouco tempo, estávamos já na estrada asfaltada. Ninguém conversa. É cedo demais e todos nós estamos com cara de sono. Passamos pelo centro de Caicó, e depois de uns 20 minutos chegamos a um trevo. Tajuba segue à esquerda, rumo ao nosso destino. Observo que a paisagem é composta de muitas serras e pequenos morros, com alguns formatos que parecem animais. Vez por outra, aparece uma casa.

Ao contrário de Carnaúba dos Dantas, não observo nenhuma cerâmica. Continuamos a viajar em silêncio e passamos em frente à entrada que dá acesso à cidade de Timbaúba dos Batistas. Como sei? Uma placa de sinalização. Viajamos cerca de 50 minutos, tendo em vista que a velocidade do carro é uma constância, quase parado.

Depois de uma leve curva, avisto a cidade. Ela fica à margem da estrada. Tajuba coloca o braço para fora do carro e dá sinal de que vai entrar. Esse detalhe eu me esqueci de falar. Às vezes, as sinaleiras do carro não funcionam. Na entrada da cidade tem uma grande placa com o nome: Seja Bem-Vindo a Serra Negra do Norte. Observo que o cemitério fica próximo da entrada. Tajuba aponta para a torre da igreja:

- Vejam! Vamos seguir naquela direção. Deve ser o centro da cidade.

Começamos a ficar mais animados. Tajuba para próximo a uma grande praça. Todos nós descemos com nossas mochilas. Observo que a igreja é imponente, possui duas torres, uma em cada lateral. Tem cinco portas na fachada da frente e cinco janelas na parte superior. Ela é ornada com detalhes na cor azul marinho, suas portas são pintadas dessa mesma cor. Retorno à realidade quando percebo que Tajuba está dando as instruções:

- Peguem as bolsas. Vamos aproveitar que a igreja está aberta e tentarmos descobrir mais alguma coisa.

Pegamos as mochilas e fomos direto para lá. Entramos pela porta central, sentamos em um banco próximo ao altar para observarmos melhor. A arquitetura interna é belíssima, observo o altar e lá se encontra a imagem de Nossa Senhora do Ó. Tajuba levanta-se e vai em direção a um senhor, que está fazendo a limpeza. Olho para Léo e sou surpreendida por aqueles olhos profundos olhando para mim. Desvio o olhar rapidamente. Será que ele está pensando em casar comigo aqui, nessa igreja, ou será que meu rosto está sujo com creme dental? Fico apavorada com a última possibilidade e esfrego a manga do moletom que estou vestindo no meu rosto. Observo ele rir e comprovo minha última hipótese.

Ouçoo vozes e vejo que Tajuba já vem acompanhado. Ele nos apresenta ao senhor. Trata-se do zelador da igreja, o Sr. José. Conversamos mais um pouco e ele nos confirma a história do roubo da imagem e nos conduz até a sacristia para nos mostrar o quadro da imagem original. Realmente, Padre João está correto, existe diferença mesmo. Infelizmente, o Sr. José não tem informação sobre a negra bela. Observamos mais a igreja, mas lá não encontramos mais respostas para o final do enigma.

Resolvemos sair, agradecemos ao zelador pela ajuda. Saímos caminhando em direção ao centro da praça. Lá tem um belo coreto³³. Sentamos e começamos a observar o espaço geográfico. Léo pede a pista. Eu entrego-o. Ele olha, olha e fala:

- Acho que a casa santa é a igreja, mas não compreendo como ele está olhando de cima.

³³Coreto: espécie de quiosque construído ao ar livre.

Fico intrigada também e começo a procurar uma resposta. Olho em volta, procuro prédios, mas a cidade só tem um prédio que, por sua vez, é uma construção nova. Na época que o meu bisavô veio aqui não deveria ter essa edificação. Chego a

pensar que ele poderia estar em cima de uma árvore, mas não dava para ver tudo. Vejo que Léo aponta para algo:

- Só se ele estivesse em cima daquela serra. De lá, dá para visualizar a casa santa.

Olho e percebo que ele pode ter razão.

Tajuba intervém:

- Vamos até a biblioteca. Talvez tenha algo que nos interesse.

Saímos em direção à biblioteca. Atravessamos a rua e chegamos em frente a uma construção recente. Atravessamos uma porta que dá acesso a uma pequena sala repleta de livros, muito bem organizada. Quem nos atende é uma simpática senhora de nome Doralice. Tajuba nos apresenta e fala da sua pesquisa. Ele acrescenta que já tem informações sobre o roubo da santa, mas gostaria de saber mais informações sobre o município. Observo que os olhos da bibliotecária brilharam. Acho que ela não tem muita oportunidade de falar o que sabe, e, pela cara, é tipo enciclopédia. Ela sorri e se dispõe a ajudar. Coloca cadeiras para todos nós e inicia sua narração:

- Bem, esse município foi desmembrado de Caicó. A povoação daqui começou com as fazendas de criar gado, mas foi com a construção da capela em homenagem a Nossa Senhora do Ó que acelerou o processo de povoamento.

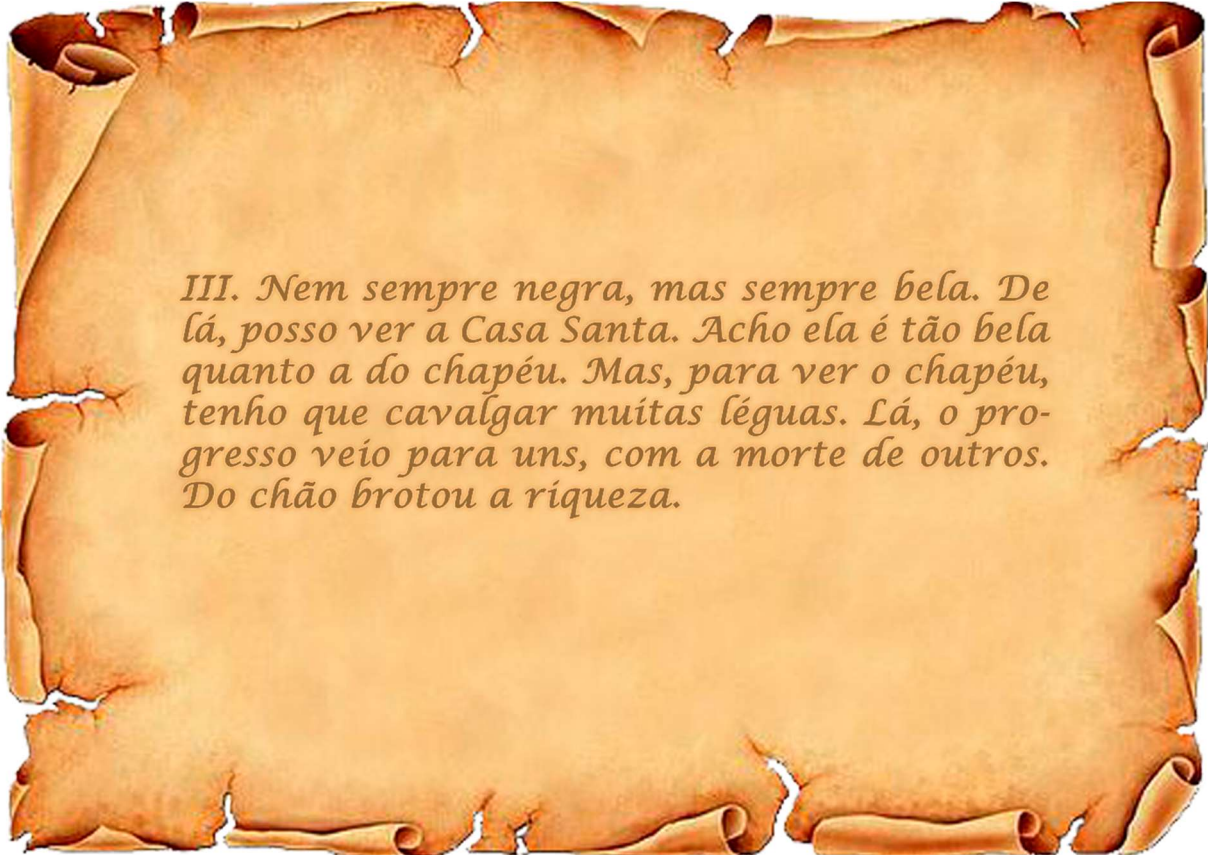
Começo a ficar cansada, Doralice não dá uma pausa. Tenho a sensação que ela não está nem respirando. Ela continua explicando o porquê do nome Serra Negra:

- A lenda fala de uma negra que foi devorada pela onça, mas na verdade, o nome é devido a serra que é coberta pelas plantas da caatinga que, no período de estiagem, adquirem um aspecto negro. Vocês não conseguem ver agora, pois está no período chuvoso e as plantas já ganharam uma folhagem verde. Vejam esta foto.

Ela pega uma foto de dentro de uma gaveta e nos mostra. Esta foto foi tirada por um morador que tinha subido a serra. Ficamos sem saber o que fazer, lá de cima dá para ver a igreja e o centro da cidade. O bisavô fez essa escalada.

Somos capturados novamente pela voz de Doralice. Nossa! Eu não consigo mais me concentrar no que ela diz. Finalmente, ela conclui que a festa da padroeira é no mês de setembro e que recebe muitos visitantes.

Respiramos fundo e agradecemos a explicação. Saímos rapidamente em direção ao coreto. Sentamos novamente e começo a ler a pista:



III. Nem sempre negra, mas sempre bela. De lá, posso ver a Casa Santa. Acho ela é tão bela quanto a do chapéu. Mas, para ver o chapéu, tenho que cavalgar muitas léguas. Lá, o progresso veio para uns, com a morte de outros. Do chão brotou a riqueza.

Dou uma pausa:

- Essa primeira parte é sobre a serra, pois ela pode estar com a vegetação com aspecto seco ou verde, e, de qualquer forma, é bela. Agora, o que é esse chapéu?

- Beli, é outra serra. Ele faz uma comparação. Explica Léo.

Olho ao redor, mas não vejo nenhuma serra com formato de chapéu.

Tajuba acrescenta:

- Não adianta procurar aqui. Ele fala que cavalga muitas léguas. Essa serra não é aqui. Precisamos descobrir, mas para isso, é imprescindível um mapa físico do RN, pois conseguiremos observar o relevo. Serra Negra do Norte faz divisa com o Estado da Paraíba. Temos que voltar. Seu bisavô deixou claro, nas pistas, que o tesouro estava no Seridó Potiguar. Vamos para casa. Acho que tenho um atlas com o mapa físico do RN, mas vamos comer logo o lanche que a vó Rita preparou.

Comemos rapidamente e cuidamos em retornar para casa. No caminho de volta, fico sonolenta. Acordo com uma mão tocando de leve no meu ombro. Quando abro os olhos, levo um susto. Eu estava dormindo escorada no ombro, no ombro... Não consigo respirar.

- Beli, você está bem?

É a voz de Tajuba, que vem em meu socorro.

Estou. Já chegamos? Que horas são?

- Já passa das 13h. Você dormiu o caminho todo. Vamos, já passou da hora do almoço.

Esfrego os olhos com a palma da mão. Faço um esforço e desço do carro. Léo desce atrás de mim. Estou tão envergonhada, que não consigo encará-lo.

Fico aterrorizada ao pensar que eu posso ter babado o ombro dele. Não! Estou sendo dramática.

Entramos em casa e Vó vem ao nosso encontro:

- Vocês demoraram hoje.

- A viagem foi mais longa. Responde, prontamente, Tajuba.

- Pois vamos almoçar. Só faltam vocês.

Lavamos as mãos e fomos comer. Estava faminta. Jogamos conversa fora e combinamos de nos reunir às 17h no nosso escritório. Vó dispensa minha ajuda hoje. Manda eu ir repousar. Eu adoro essa parte.

Vou para o quarto. Dou uma olhada no espelho e percebo que estou só o pó. Resolvo tomar banho. Depois caio literalmente na rede e adormeço. Acordo com uma batida na porta. Abro os olhos e ouço a voz de Léo:

-Beli, Beli!

Respondo, com dificuldade.

- Oi?

- Você não vai? Estamos precisando do material.

Não vou para onde? Olho para o relógio e já passa das 17h. Poxa! Perdi o horário.

- Já estou indo. Pode aguardar lá.

Pulo da rede, visto qualquer roupa, prendo meu cabelo, pego a mochila e saio apressada.

Observo que eles estão olhando vários mapas. Chego de fininho e peço desculpas pelo atraso. Tajuba ri e pede o material.

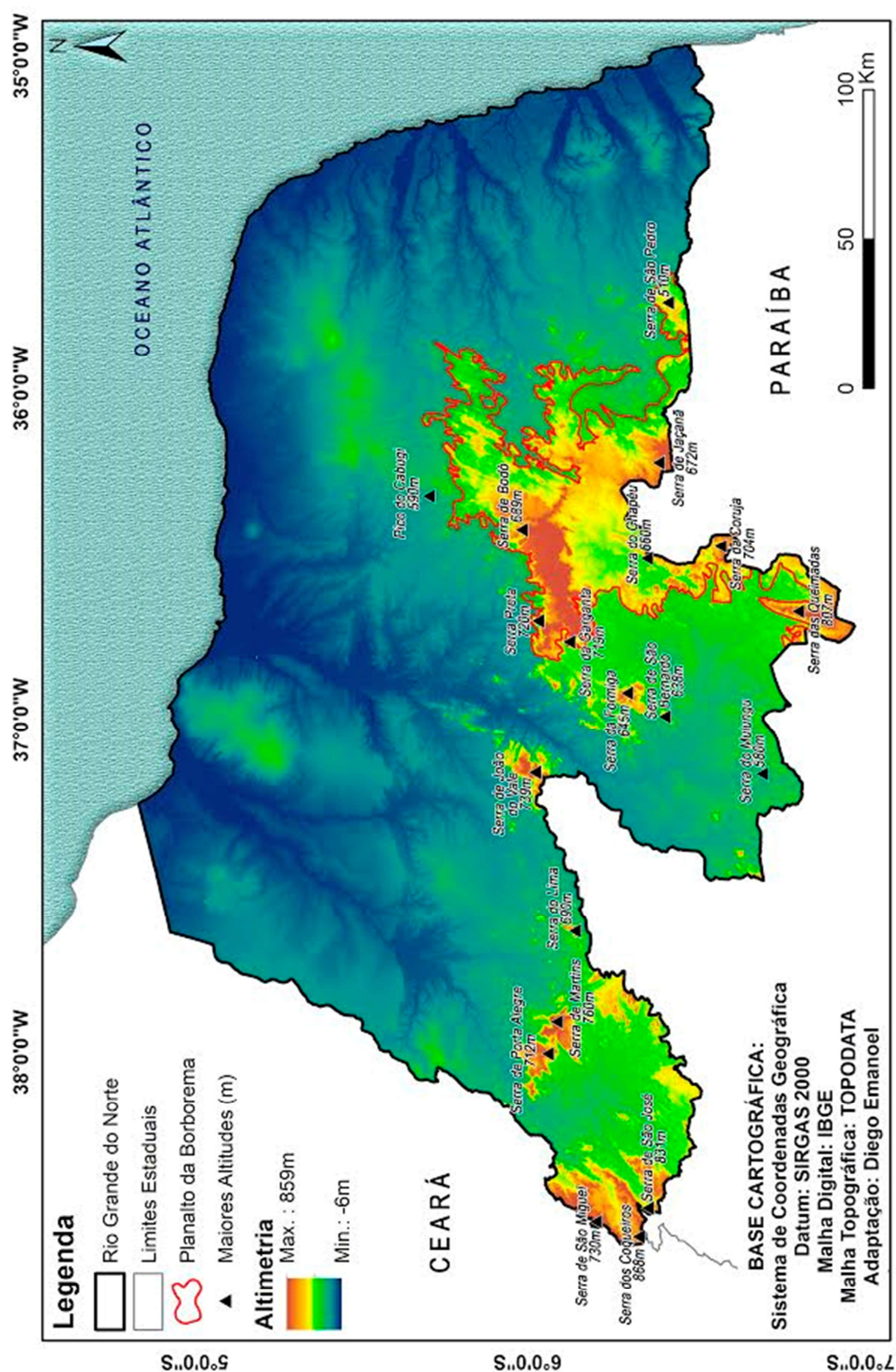
Eu obedeço, prontamente. Coloco o mapa e as pistas sobre a mesa, e ele começa a observar. Depois, pega o mapa do relevo e coloca ao lado.

- Veja, pessoal. Estão vendo esse relevo? É o Planalto da Borborema. Ele abrange os Estados do Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte. Observem os nomes dessas serras. Estão vendo?

Eu e Léo falamos igual:

- Serra do Chapéu.

MAPA DO RELEVO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE



Nossa! Ele é bom com esse mapa. Eu só consigo ver cores: verde, amarelo, vermelho, azul. Tajuba continua:

- Vejam, se a gente colocar o mapa da divisão política do RN sobre esse dá para perceber que essa serra fica no município de Currais Novos.

- O Bisa está de brincadeira. Ir nesse fim de mundo, nesse carro, que pula mais do que anda.

Acabo falando sem perceber. Todos olham para mim e percebo que estou alterada.

-Beli, tenha calma. Foi você que insistiu nisso. Já estamos chegando ao final das pistas. Você quer desistir?

- Não, Tajuba. Estou só cansada de tanto viajar.

Léo se aproxima:

- Tenha mais um pouco de paciência. Só restam mais duas pistas.

A voz dele me acalma, mas o meu coração acelera.

Tajuba me chama para a realidade:

- Olhem, o prazo para o leilão do sítio está chegando. Então temos que nos apressar. Vamos amanhã para Currais Novos. Vou falar com seus avós, pois vamos ter que almoçar por lá, mas dá para vir dormir em casa. Vamos sair o mais cedo possível.

CAPÍTULO XI

A VACA VAI PRO BREJO

Observo a paisagem através do vidro do carro. Estou bem animada. Tajuba anuncia que estamos perto. Mas, ando desconfiada que ele perdeu a noção de distância, pois desde que passamos em São José do Seridó, que ele fala isso. Já passamos por Cruzeta, Acari, e nada ainda. Depois de algum tempo, vejo uma sequência de serras. A estrada começa a ficar com curvas mais acentuadas e surgem alguns abismos. Chegamos numa subida e tenho a sensação de que o carro vai parar, mas, por sorte, ele consegue subir. Olho para Tajuba e ele é uma tranquilidade em pessoa. Parece que está dirigindo uma Ferrari. De repente, ele aponta para uma formação rochosa.

- Olhem, isso aí faz parte do Planalto da Borborema e ali ao centro está...

Eu grito:

- A Serra do Chapéu.

Todos riem, inclusive eu.

Tajuba dirige mais um pouco e entra em uma estrada de barro. Estaciona e todos nós descemos. Caminhamos em direção a um cercado³⁴ que fica mais próximo da serra. No seu interior, avistamos um serrote bem alto. Tenho a brilhante ideia de ir até lá para subir e visualizar se existe alguma coisa no chão, pois a pista falava de algo que brota da terra. Tajuba não gosta muito da ideia, mas como existe uma cerca com arame farpado, e eu sou a magrinha, ele resolve deixar, advertindo que não é para sair do campo de visão dele. Léo e Tajuba conseguem suspender um pouco o arame e eu passo meio que fazendo malabarismo.

³⁴Cercado: terreno rodeado de muro, estacaria.

Passei tranquilamente e vou caminhando em direção ao serrote. Quando estou quase lá vejo um lindo bezerrinho deitado embaixo de uma árvore. Não resisto e resolvo ir até lá para acariciá-lo. Aproximo-me, quando de repente, ouço um barulho. Quando olho, vejo uma vaca se aproximando velozmente, e ela não está com cara de boa amiga. Minhas pernas querem paralisar, mas sei que não é o momento. Ouço os gritos de Tajuba e Léo, mandando-me correr. Eu saio em disparada, grito por socorro.

Mas como eles vão passar naquele arame? Sinto o bafo quente da vaca nas minhas costas e começo a correr em *zig zag*. Tinha visto essa cena somente em filme.

Até que percebo que Tajuba está apontando para uma árvore. Ele quer que eu suba ali? Não dá para pensar muito. Subo na árvore. Como fiz isso? Não sei. Quando vi, já estava lá em cima agarrada a um galho. Olho para baixo e a vaca está bufando. Ela balança a cabeça e cava um buraco no chão com sua pata. Fico imóvel. Tajuba manda eu ficar onde estou, pois vaca não sobe em árvore. Ele avisa que vai procurar ajuda, e que Léo vai ficar para me auxiliar. Resolvo sentar no galho da árvore. Já estou cansada, Léo puxa conversa e eu o mando ficar calado, pois acho que a vaca não está gostando.

Resolvo cantar uma musiquinha para ver se ela se acalma. “Boi, boi, boi, boi da cara preta, pega essa ...Nesse ponto da música resolvo parar, não é uma boa opção de música. Para minha felicidade avisto um vulto se aproximando. Penso que estou até delirando. Parece com o vaqueiro da história de Padre João. Esfrego os olhos, mas realmente é um vaqueiro.

- Bom dia, moça! É você que está precisando de ajuda? Parece que Mimosa andou assustando você!

Balanço com a cabeça que sim.

- Eu sou Vicente. Seu amigo foi pedir socorro lá na fazenda. Mimosa só estava protegendo sua cria³⁵. Ela achou que você ia machucá-lo.

³⁵Cria: animal que ainda mama.

Observo que a vaca o reconhece, e, lentamente, volta para perto da sua cria. Vicente estira a mão para me ajudar a descer. Olho para a vaca e ele percebe que ainda estou com medo.

- Pode descer. Ela não vai perturbar mais.

Eu, finalmente, desço da árvore e caminho em direção à cerca. Vejo que Tajuba já voltou. Ele e Léo suspendem o arrame para eu passar. Quando chego do outro lado, sou recebida com abraços. Vicente se aproxima e começa a conversar com Tajuba. Eu começo a observar a roupa que ele usa e ele acaba dando uma aula.

- Nunca tinha visto essa roupa, moça? Nós vaqueiros gostamos de usá-la, principalmente, quando vamos andar no meio da caatinga atrás do gado. Como essa roupa é feita de couro, protege dos espinhos da caatinga. Essa parte aqui da frente é o peitoral, este é o gibão, as perneiras, luvas, as botas e o chapéu de couro.

Abro um riso de agradecimento e resolvo dar uma de detetive:

- Vicente, você sabe dizer se aqui, perto da Serra do Chapéu, tem alguma riqueza que brotou do chão?

Ele tira o chapéu e responde:

- Olha, aqui já se produziu muito minério, mais à frente tem a Mina Brejuí. Possa ser que vocês descubram alguma coisa lá.

Fico animada. Ainda bem que a corrida da vaca serviu para alguma coisa. Agradecemos ao vaqueiro e saímos em direção ao carro.

Retornamos para a estrada asfaltada. Não demora muito e avistamos a sinalização da entrada para a mineração. Tajuba diminui a velocidade e seguimos, novamente, por uma estrada carroçável³⁶.

Chegamos em frente a um grande portão que dá acesso a algumas construções. Tajuba estaciona o carro em um terreno com declive. Descemos e fomos em direção ao museu. Lá, fomos recebidos por uma moça chamada Adriana, que se apresenta como a responsável pelo lugar. Tajuba fala que está realizando uma pesquisa e que gostaria de visitar alguns espaços da mineração. Ela explica que pagando uma pequena taxa é possível visitar o museu e um túnel da mina. Tajuba prontamente, paga nossas entradas e Adriana pede para segui-la.

³⁶Estrada carroçável: apropriado ao tráfego de carros, carroças e outros veículos. Geralmente não é asfaltada.

Passamos em uma porta larga, que dá acesso a uma primeira sala. Lá, ela explica a árvore genealógica da família Salustino. Ela continua dando informações. Existem fotos, peças de roupas, objetos antigos pertencentes a essa família. Adriana explica que a descoberta da sheelita em Currais Novos se deu em 1943 e o desembargador Tomás Salustino, proprietário da mina, fez grandes obras em torno da mineração e na cidade de Currais Novos, que ficou conhecida como terra da sheelita³⁷.

Fico pasma com o primeiro computador usado na mina, era muito maior que uma geladeira. Passamos para a última sala, esta é bem maior. Lá estão expostos vários tipos de minerais. Fico encantada com tanta riqueza que pode ser retirada do solo. Ainda não tinha certeza se estávamos no lugar certo, até que Adriana fala do auge da produção do minério, que foi no período da Segunda Guerra Mundial. Matei a charada: as mortes de uns dão riqueza a outros.

³⁷Sheelita: é um mineral de tungstato de cálcio, sendo explorado como minério com vista à obtenção do metal tungstênio.

O meu Bisa era muito esperto. Ouço ela explicar que o minério era utilizado na fabricação de material bélico. Ela também fala que o nome da cidade se deve ao fato da existência dos novos currais de gado que foram construídos ali. O município foi desmembrado de Acari.

Terminamos a visita e a guia pergunta se gostaríamos de visitar um dos túneis da mina. Tajuba fala para ela que antes precisa fazer algumas anotações para sua pesquisa e se tem um espaço onde pudéssemos sentar. Ela aponta para uma mesa reservada com cadeiras, e avisa que vai ficar na recepção. Caso precisássemos de alguma ajuda, era só chamar.

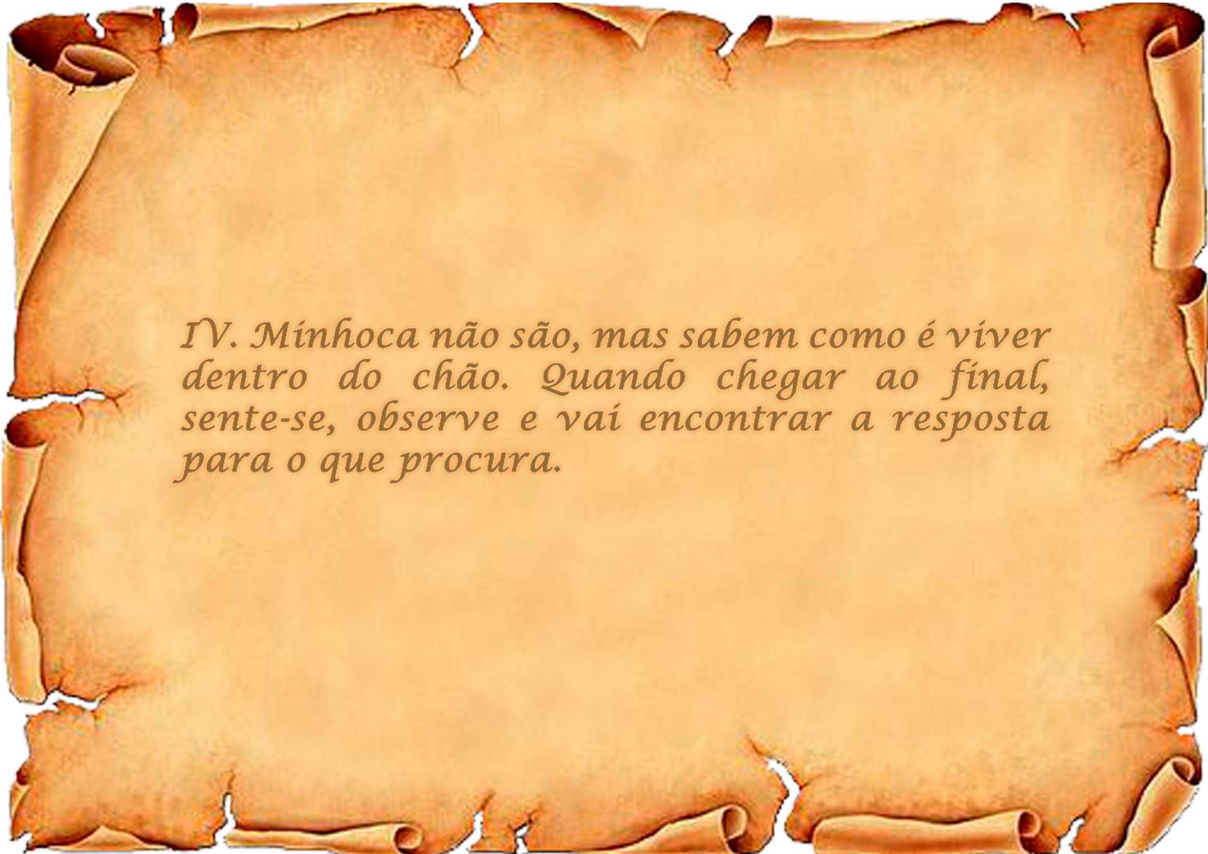
Agradecemos e fomos para a mesa. Tajuba, com muita cautela, pede para eu pegar o material. Ele continua a falar:

-Todos entenderam que a riqueza que brota da terra é a sheelita e que os mortos são os que faleceram na guerra?

Fizemos sinal de confirmação para ele.

- Beli, veja aí a próxima pista. Se vai ser necessário entrar na mina.

Imediatamente, começo a ler:



IV. Minhoca não são, mas sabem como é viver dentro do chão. Quando chegar ao final, sente-se, observe e vai encontrar a resposta para o que procura.

Léo completa:

- Vamos ter que entrar na mina. Está claro.

- Eu vou entrar. Vocês só vão se a guia me garantir que é seguro. Já basta a aflição que passamos com Beli hoje.

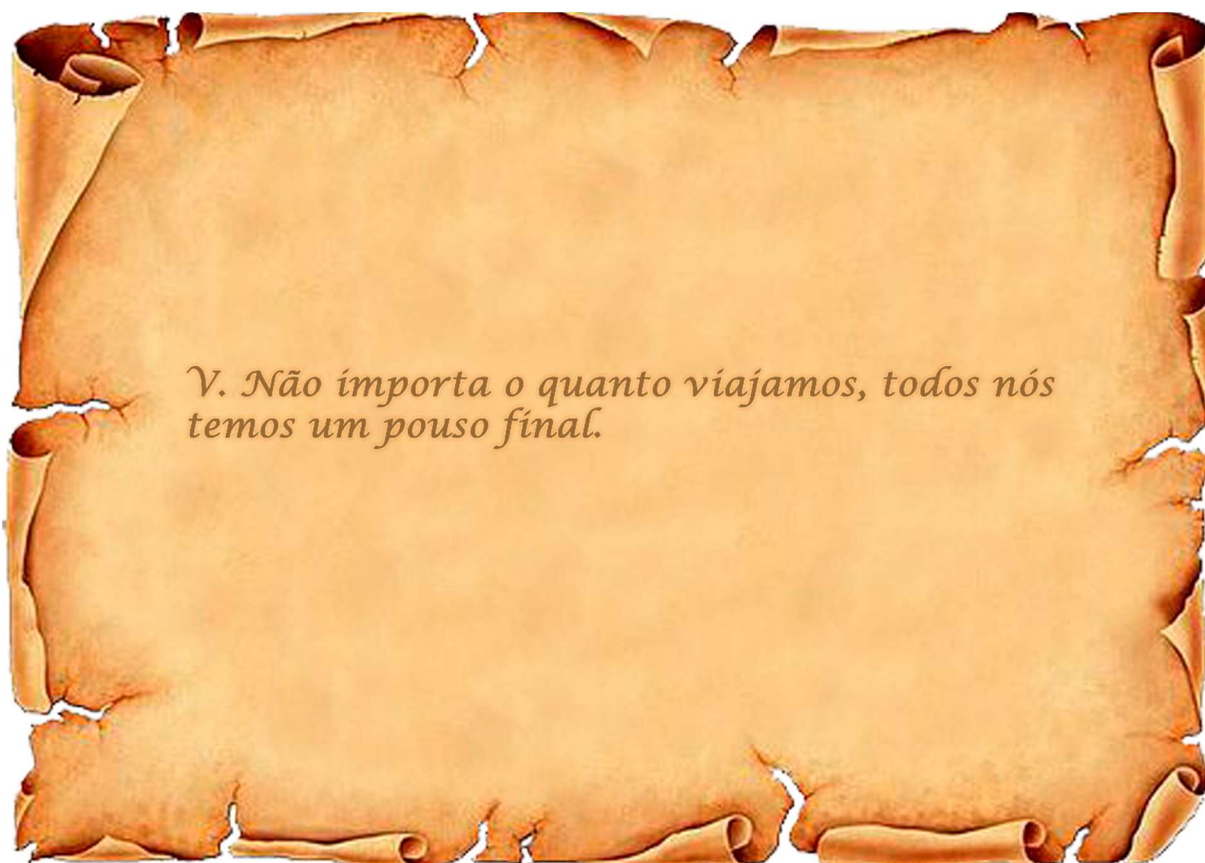
Tento advogar ao nosso favor, mas sou interrompida por Tajuba:

- Sem mais.

Ele sai e vai falar com Adriana. Ouço ela explicar que o túnel é só para visita. Os mineradores não estão realizando explosões. Ela acrescenta que todos usam equipamentos de segurança e que um guia nos acompanhará. Tajuba olha para nós e consente que a gente o acompanhe. Adriana avisa que um pequeno trem puxado por um trator irá nos levar até a abertura do túnel da mina. Nosso guia agora será João, um antigo minerador. Ele nos entrega os capacetes de proteção e dá as orientações. O trenzinho chega e todos nós nos acomodamos. O motorista dá a partida e seguimos em direção à mina. Em pouco tempo, chegamos à entrada do túnel.

João pede que façamos fila indiana atrás dele. Começamos a caminhar em silêncio. Observo que, em alguns pontos, tem pequenos buracos, mas ele explica que é onde coloca as dinamites para provocar explosões. Começo a sentir o ambiente ficando mais frio. Olho para trás e já não vejo mais a abertura da mina. Continuamos a caminhada e, depois de algum tempo, chegamos a um grande salão. É muito lindo. João explica que as explosões e escavações fizeram aquele trabalho, que parece mais uma escultura.

O guia pediu que ficássemos em círculo, pois ele ia desligar a lanterna por alguns instantes. Fiquei confusa, mas depois compreendi. Quando ficamos no escuro dá para visualizar uma variedade de cores refletidas pelos minérios que estão nas rochas. É maravilhoso. A magia é quebrada quando ele acende a lanterna. Passamos cerca de 20 minutos. Fizemos perguntas e ouvimos explicações. Sentamos em algumas pedras e ficamos tentando encontrar a resposta para o enigma. Não encontramos nada. Nesse instante, João avisa que está na hora de irmos, pois o trem tem hora marcada para nos pegar. Caminhamos de volta. Entramos no trem e retornamos ao museu. Chegando lá, agradecemos aos guias e fomos direto para o carro, já desanimados. Lá, Tajuba pede que eu leia a próxima pista.



Fecho o papel com força. Não pode ser! Ele só pode estar maluco. Fizemos esse esforço todinho para voltar para casa, e, ainda mais, ele colocou o tesouro no cemitério. Que eu saiba o repouso final é coisa de quem morre. Mexer com defunto, estou fora. Todos ficam calados. Eu estou alterada demais. Tajuba dá a partida no carro e saímos em direção à estrada. No caminho ele fala:

- Vamos almoçar em Acari. Lá tem um restaurante muito bom, próximo ao açude Gargalheiras.

Tajuba chega ao centro da cidade e segue em direção ao açude. Ele estaciona e descemos para ir para o restaurante. Antes paramos para observar a paisagem. Realmente, é um belo açude com uma sangria³⁸ linda. Parece um véu de noiva.

Entramos no restaurante, lá estava exposta uma variedade de alimentos: batata-doce, arroz de leite, farofa, pirão, xerém, verduras, carne assada, melancia, feijão, macaxeira e uma abundância de peixes. Percebo nesse instante o quanto eu estou com fome; pego um prato e me sirvo, principalmente de peixe, que eu adoro.

³⁸Sangria: esvaziar, esgotar

Almoçamos. Depois, como uma sobremesa de chocolate; faz dias que não comia, minha mãe não deixou eu levar nenhum tipo de “gostosuras” para o sítio. Bem que eu estava precisando, nada melhor para aliviar minha tensão do que chocolate.

Terminamos de almoçar sem muito bate-papo, cada um perdido em seus pensamentos. Finalmente, Tajuba pede a conta ao garçom. Depois de algum tempo, o rapaz retorna com um papel e entrega a ele, que paga gentilmente a quantia. Saímos lentamente, depois do almoço bate aquele sono misturado com preguiça. Caminhamos mais um pouco e entramos no carro. Voltamos a pegar estrada.

Quando vamos passando no centro da cidade de Acari, Tajuba mostra onde fica o Museu do Sertanejo e pergunta se gostaríamos de fazer uma visita. Eu aceno que sim, já estamos aqui mesmo! Leonardo também concorda.

Paramos em frente ao museu, todos descemos. Ficamos um tempinho parados observando a estrutura do prédio. Parece uma construção antiga, a espessura das paredes parece a da casa da Vó Rita. Observo que ele tem dois andares, o de baixo tem três portas e o de cima tem cinco. Elas estão pintadas de um azul claro e as paredes de branco.

Meus pensamentos são interrompidos pela voz de Tajuba.

- Leonardo, está vendo como eles usam cores claras para pintar as paredes? É devido ao clima daqui que faz as temperaturas serem muito elevadas, essas cores refletem o calor. Ao contrário da sua cidade que as pessoas procuram pintar as casas com cores escuras, pois absorve mais a luz solar, retendo mais calor. É uma forma de aliviar o frio, que é muito intenso no Rio Grande do Sul.

-É, tio, ninguém aqui é louco de pintar paredes de preto.

Arregalo os olhos, pois nesse momento lembro que rolou o maior estresse com minha mãe quando eu resolvi pintar meu quarto de preto. Ela usou o mesmo argumento de Tajuba, teimei e ela resolveu mandar pintar. Nos primeiros dias foi bacana, não podia acreditar que eu estava na moda, tinha um quarto preto com enfeites cor de rosa, no entanto, quando chegou o período do verão, em que as temperaturas ficam ainda mais elevadas e, para completar a tragédia, foi um período que praticamente não choveu, o bicho pegou. Não adiantava abrir a janela, ligar ventilador. Havia momentos em que tinha a sensação que estava sendo “assada”. Quando não suportei mais, resolvi apelar para meu pai, pois pedir a minha mãe era muito arriscado. Ele se comoveu com meu sofrimento, mas proferiu as belas palavras:

- Olhe, Beli, sei que está muito quente, mas você sabe que sua mãe advertiu que sua ideia não era boa. Eu não posso mandar pintar seu quarto, isso é algo que você tem que resolver com Lú.

Como meu pai pode fazer isso comigo? Não tenho escolha. Preparei-me psicologicamente e resolvi enfrentar. Esperei chegar a noite, horário em que ela já estava mais tranquila dos trabalhos diários. Ela estava sentada em sua cadeira de balanço lendo algum livro, eu fui chegando de fininho. Ela me olha com aquele radar que já captou tudo, mas finge que não sabe de nada. Sentei ao seu lado e falei do meu tormento.

Ela profere as seguintes palavras:

-Eu avisei, não foi? Mas se conselho fosse bom era vendido. Vou pintar, Beli, seu quarto.

Nossa! Não acredito nisso. Estou radiante de felicidade, mas não dura nem um minuto, pois minha mãe termina sua frase:

-Vou comprar uma tinta branca não tóxica e você vai pintar, e tem mais, só vai para sua viagem de férias se tiver terminado tudo.

A coisa ficou literalmente preta para o meu lado, mas não tenho opção, se eu reclamar o castigo pode piorar e eu sei que tenho culpa. Ela gastou um dinheiro para mandar pintar tudo de preto.

Não gosto de lembrar como foram meus dias de pintora. O resultado da minha arte? Um quarto branco com rajadas de preto. Ainda tive que limpar toda a bagunça que ficou quando terminei. Isso foi minha travessura das férias do ano passado. Retorno à realidade quando sinto Léo tocar no meu ombro.

-Está sonhando acordada, Beli?

Dou um leve riso. Nesse instante Tajuba acena para entrarmos no museu. Lá dentro quem nos recebe é uma senhora chamada Fátima. Ela explica que aquele prédio é uma construção antiga e que servia de casa de cadeia e câmara. Tipo assim: na parte térrea era onde ficavam as pessoas presas e o andar superior servia para os políticos se reunirem. Achei o espaço tão pequeno! Mas ela acrescenta que antigamente o número de crimes era bem inferior aos de hoje.

Ela começa a caminhar e nos convida para acompanhá-la. No primeiro espaço, ela mostra a estrutura de uma queijaria, algo comum na nossa região, principalmente pela criação de vacas. Ela mostra um tipo de ferro que era usado no período em que energia elétrica e geladeira eram raridades nessas terras. O queijeiro colocava o

queijo quente em uma espécie de forma e depois esquentava o ferro e passava em cima. Ela falou que isso se chama engomar. Esse processo faz com que crie uma casca dura em cima do produto, assim ele durava muito tempo, porém, ele ficava tão duro que só dava para cortar serrando com um serrote e comer só se levasse ao fogo novamente. Fátima também mostrou outro espaço dedicado ao algodão, que ficou conhecido como o “ouro branco”; apresentou um local dedicado à pesca.

Depois nos convidou para visitar o andar superior do museu. Nele se encontram peças da arte sacra, mobílias de antigas casas e objetos variados pertencentes a famílias seridoenses. O mais interessante é que o piso é de madeira e faz um barulho engraçado. Olhamos tudo com atenção, depois agradecemos à guia e partimos rumo à casa do Vó, mas antes Tajuba passou em frente a uma igreja bem antiga. Segundo ele, ela preserva características barrocas, além de possuir um altar-mor considerado a mais bela peça de arte sacra do RN. Eu olho a fachada e tenho a impressão de que ela parece um rosto com uma boca enorme e dois olhos arregalados. Aceno para ela e todos riem da minha astúcia. Até eu relaxo e me divirto um pouco.

O retorno para casa é tranquilo, observo que próximo à Cruzeta tem algumas olarias, como as que vi em Carnaúba dos Dantas. Percebo que existem muitos espaços onde já não se veem mais as plantas da caatinga. O homem desmatou bastante. Fico perdida em meus pensamentos, ora acho que estou acordada, ora acho que estou dormindo. Quando menos espero, avisto a porteira que dá acesso ao sítio.

Chegamos por volta das 16h. Vó pergunta se tudo ocorreu bem. Falo que sim e acrescento que estou cansada. Vou para o quarto, mais tarde venho jantar e conto como foi a viagem.

Caminho para o quarto, não sei se tomo logo um banho ou durmo, mas me vejo no espelho e resolvo ir ao banheiro. Tomo um bom banho de “cuia”, visto meu pijama, que é a roupa mais leve que tenho na minha bagagem e caio literalmente na rede. Adormeço profundamente.

Acordo com um barulho. Na verdade, era o som de um trovão, abro os olhos e percebo que está chovendo. Levanto e caminho rapidamente para fechar as janelas, pois estava entrando água.

Observo que já está escuro, resolvo trocar de roupa e verificar onde está todo mundo. Vou até a cozinha, mas, por algum milagre, eles não estão lá, nem Vó Rita. Chego ao alpendre, vejo que estão todos lá.

Vó puxa uma cadeira para eu sentar e pergunta:

- Beli, você está sentindo esse cheiro bom de terra molhada?

Eu respiro fundo, realmente tem um cheiro diferente, mas não sabia que era da terra. Olho para Vó e aceno que sim. Ficamos bastante tempo olhando e curtindo o barulhinho que a chuva faz nas telhas da casa. Observo que Vó e Tajuba estão mexendo na biqueira que não está jogando água para dentro do tanque. Depois de muita peleja, eles consertam.

Ficamos lá por um bom tempo. Até que Vô Chico chama para irmos jantar. Entramos todos. Vó Rita anuncia que o cardápio de hoje é especial para dia de chuva. Destampa a panela e o que temos: sopa, para acompanhar ela preparou cuscuz e batata-doce.

Durante a refeição, resolvo dar uma de detetive, não me conformo de ter andado tanto e não encontrar o tesouro, se é realmente que existe, pois já estava desconfiando que poderia ser uma peça que o bisavô quis pregar, deixando aquele mapa. No entanto, resolvo fazer a última tentativa.

- Vó, onde está enterrado meu bisavô?

- Que pergunta estranha, Beli!

- Ah! Vó, andei sonhando com eles. Fiquei curiosa.

-Deixe eu lembrar. O seu bisavô foi cremado³⁹. Foi um pedido dele, suas cinzas foram jogadas nessa serra.

Nossa! Agora azedou tudo mesmo. Não temos mais o que fazer. Olho para Tajuba e Léo, e eles também estão desanimados. Termino de engolir a comida e vou para o meu quarto. Choro muito. Não sei o que fazer para salvar a fazenda do Vô. Eu me enrosco no cobertor, ando sentido falta dos meus pais, mas não sei o que fazer nessa situação. Acabo adormecendo em meio às lágrimas.

³⁹Cremado: processo ou efeito de queimar um cadáver, reduzindo-o a cinzas.

CAPÍTULO XII

ENQUANTO O JUIZ NÃO APITA O FINAL, AINDA HÁ JOGO

Acordo no dia seguinte toda dolorida. Só pode ter sido da fuga da vaca. Levanto desanimada, tomo banho e vou tomar café, apesar de não estar com fome.

Chego na cozinha e descubro que todo mundo já comeu e saiu. Eu como qualquer coisa e vou ver para onde foi o pessoal. Do alpendre, avisto Léo e Tajuba embaixo da árvore, o velho juazeiro. Léo acena e dá uma piscadela em minha direção, eu estou de mal humor. Eis que, finalmente, chegamos ao início da nossa história. Caminho em direção a eles. Pergunto pelos meus avós e acabo descobrindo que o Vô foi até a cidade pedir mais um prazo ao banco. Quando ele chegar, vai abrir o jogo para Vó Rita, pois ela não sabe da dívida. Fico de coração partido com essa notícia. Olho em direção ao alpendre e vejo Vó chegando com uma melancia. De repente, ela tropeça na pedra, que serve como degrau para entrar no alpendre, e cai. Corremos em direção a ela para socorrê-la. Mas, quando chegamos, ela já estava em pé, lamentando que quebrara a melancia do almoço.

- Vó, a senhora está bem? Pergunto aflita.

Estou, Beli! Sempre tropeço nessa pedra. Seu avô vive ameaçando que vai arrancar, mas eu não deixo, pois era a pedra que seu bisavô gostava de sentar para repousar quando chegava de uma longa viagem, é por causa dela que ele colocou o nome do sítio: Pedra do Sino. Se você bater nela com uma pedra ela emite um som parecido com a do sino.

Eu fico perplexa, esquento e esfrio, ao mesmo tempo. O tesouro está embaixo da pedra. Quando estávamos na mina nós sentamos nas pedras. Relembro os dizeres da pista: “Quando estiver no final sente-se e vai encontrar a resposta para o que procura”. Começo a gritar. Todos me olham assustados.

- O tesouro está aqui embaixo. Peguem as ferramentas. Vamos retirar a pedra.

-Beli, que tesouro? Vó fala assustada.

- Vó, depois explico. Sente aí nessa cadeira.

Tajuba corre mais Léo e pegam as ferramentas. Mas o problema é remover a pedra, é muito grande e pesada. Mexemos para um lado e para o outro, até que finalmente conseguimos deslocar. Tajuba começa a cavar, eu não estou me aguentando de curiosidade. De repente, Tajuba para:

- Bati em alguma coisa!

Eu e Léo ficamos de joelhos e começamos a tirar a terra do burraco com as mãos. Vejo algo. Mal posso acreditar.

Peço ajuda a Tajuba para ele cavar mais nas laterais, e, finalmente, conseguimos puxar...

- É um baú! Exclamo.

Observo que ele tem um cadeado. Aponto para ele e Tajuba menciona que tem que quebrar. Rapidamente Léo consegue um martelo do Vô e dá para Tajuba.

- Beli, coloque o baú no chão, para evitar que eu machuque você.

Eu deposito com cuidado o baú no chão e me afasto. Ele consegue quebrar o cadeado de um só golpe. Depois olha para mim fazendo menção para que eu abra. Eu fico paralisada, primeiro penso que as moedas estão ali, depois fico apavorada pensando se não tiver nada ali dentro.

- Beli, você deve abrir. Foi você quem descobriu o mapa. Tajuba fala insistentemente.

Sinto uma emoção tamanha, mas, ao mesmo tempo, sinto medo. Deixo de lado o medo e abro. Não acredito no que vejo. Perco a voz, mas ouço gritos e dessa vez não sou eu. Para minha surpresa é a Vó Rita:

- Vocês encontraram a botija deixada por meu pai.

Começo a chorar, nunca vi tantas moedas de ouro. De repente percebo que Vó Rita está mudando de cor. Tajuba corre e senta ela numa cadeira. Eu vou buscar uma água com açúcar; minha mãe sempre dava garapa de açúcar para eu tomar quando era dia de prova e eu ficava aflita.

Volto rapidamente e faço Vó beber toda a garapa. Ela bebe e, aos poucos, vai voltando ao normal. De longe, avistamos a caminhonete do vô. Ele para e vem ao nosso encontro com cara de assustado.

- O que houve com Rita?

Tajuba pede para ele sentar e conta toda a história. Eu vou pegar o baú, que tínhamos deixado largado no chão. Trago e mostro a ele. Agora é o Vô que começa a mudar de cor. Depois de duas horas, eles conseguem voltar ao normal, mas quando Vó Rita descobre que iam perder o sítio e o Vô não tinha falado nada, ela fica uma fera, mais acabam fazendo as pazes.

Depois de tudo calmo, choramos, abraçamo-nos e comemoramos. Tajuba entrega o baú para a Vó Rita guardar e convida Vô Chico para amanhã cedo ir à

cidade para entrar em contato com algum comprador; além disso, tinha que ligar para meus pais. Observo que Léo está enchendo o buraco com areia e chama Tajuba para tentarem recolocar a pedra, dessa vez foi mais fácil graças à ajuda do Vô.

Já estava escurecendo, Vó foi para o quarto guardar o tesouro e Vô acompanhou, eles não se aguentavam de felicidade. Nós três ficamos ali sentados, olhando para o céu que, com o cair da noite, ficara repleto de estrelas. Nunca tinha observado como é linda uma noite estrelada, na cidade não dá para curtir assim. Sinto uma felicidade tremenda por poder ajudar meus avós e sinto lágrimas escorrerem novamente em meu rosto.

Não sei quanto tempo ficamos ali, parados, sem sequer pronunciar uma palavra. Cada um envolto nos seus pensamentos. Até que Tajuba quebra toda a magia do momento:

-Tenho que confessar, eu não acreditava que realmente existisse esse baú, embarquei nessa para poder passear com vocês e mostrar um pouco da região, mas agora sinto uma paz tão grande em saber que meu grande amigo não vai perder seu sítio. Quando a vaca perseguiu Beli, eu pensei em desistir, fiquei com medo de alguém se machucar.

Nesse instante me vejo correndo em disparada assustada com a vaca e rapidamente subindo na árvore. Acho que Léo lembrou a mesma coisa, pois caímos na risada, Tajuba também não se aguentou. Choramos de tanto rir.

Vó aparece no alpendre:

-Ei, vocês deram mal de rir, foi? Ela cai na risada. Tá bom, vão entrando para tomar banho, que vocês estão cheios de terra. Ninguém vai jantar assim não. Ouviram?

Balançamos com a cabeça que sim e ela sai rindo. Nossa! Estávamos muito sujos. Resolvemos seguir o conselho da Vó. Depois de um bom tempo, nós nos reunimos na cozinha para jantar, o papo foi animado, Tajuba explica aos meus avós que as moedas vão dar para pagar a dívida e ainda vai sobrar um bom dinheiro. Naquela noite, a alegria tomou conta de todos nós.

CAPÍTULO XIII

A DESPEDIDA

No dia seguinte, acordo tarde, estava cansada da aventura, foram dias consecutivos de viagens. Nem o canto de Sebastião foi capaz de me tirar da cama. Resolvo ir até a cozinha para verificar como anda tudo, lá encontro Vó Rita cantarolando alguma música que estava tocando no rádio à pilha que ela tinha sobre o armário. Pergunto onde estão todos e acabo descobrindo que Léo está dormindo e os demais foram à cidade realizar o planejado na noite anterior.

- Beli, você vai tomar café agora ou vai esperar o menino Leonardo?

Fico pensando um pouco. Mas e se ele demorar a acordar? Eu estou com fome, já passa das 9h.

-Vou comer logo, Vó, ele pode demorar a acordar.

Quando estou terminando de comer, ele aparece sorrateiramente na cozinha, dá bom dia e se junta a mim para tomar seu café. A conversa flui naturalmente, fomos contar a vó toda a história, cada detalhe. Nós nos divertimos um bocado. Quando nos demos conta, já era quase hora do almoço. Ouvimos um barulho familiar, era Tajuba e Vô que iam chegando na caminhonete.

Eles descem e todos nós nos acomodamos nas cadeiras do alpendre para ouvir as novidades. Tajuba conta que telefonou para um colecionador de moedas e que ele vai pagar uma quantia muito maior do que ele pensava em cobrar. Aproveitaram e ligaram para meus pais, que anteciparam a volta das férias, pois Tajuba solicitou que eles estivessem presentes na negociação do tesouro. Assim, eles chegam no dia seguinte e vão fazer logo negócio na cidade, pois o colecionador vem de Natal para ver as moedas e realizar o pagamento.

Ficamos todos eufóricos, Vô ia conseguir pagar a dívida. O resto do dia foi de muita descontração, conversamos, olhamos o bezerrinho que tinha nascido. A noite chega abrilhantada com uma bela lua cheia, a mais bonita que já vi. Meu avô e Tajuba resolvem fazer uma fogueira para assarmos milho e ouvir as histórias do Vô. Fazia muito tempo que eu não me divertia tanto assim e de uma maneira tão simples.

Nessa noite fomos dormir tarde, a felicidade tomou conta de todos nós. Lembro que tive que tomar um banho, era quase meia-noite, pois a fumaça que saía da fogueira deixou os meus cabelos com cheiro de churrasco queimado. Sei que dormi

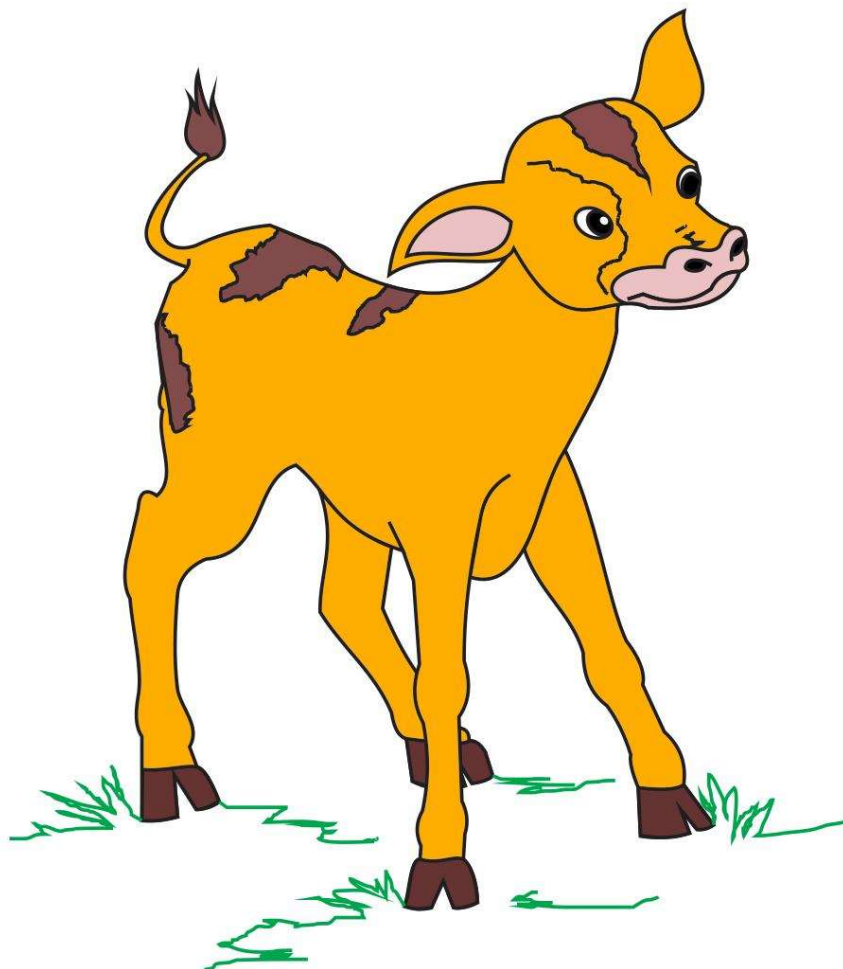
muito, não lembro nem o que sonhei. Acordo no dia seguinte e uma lembrança paira na minha cabeça: lembro que eu fiz uma promessa para que o Vô conseguisse pagar a dívida. E não é que eu prometi passar um ano sem comer chocolate? Mas não posso reclamar, compromisso é compromisso.

Levanto, resolvo tomar um bom banho e vou me deliciar com o café da Vó Rita; minha mãe vai ficar feliz em saber que eu já não reclamo em comer cedo, pelo contrário, ando comendo muito bem. Mas acho que ela precisa fazer um curso intensivo de culinária com a Vó. Saí rindo para a cozinha e encontro a Vó ouvindo seu rádio.

Ela fala que o Vô e Tajuba já foram ao encontro dos meus pais na cidade. Eles tinham pegado um voo para Natal e de lá vinham no carro deles que estava guardado no aeroporto. Pelo que Tajuba falou, eles chegavam de madrugada na nossa casa.

Pergunto à Vó por Léo e ela fala que ele está no curral. Termino o café e vou olhar se ele ainda está por lá. Ele está observando o bezerro da vaca Estrela, quando me aproximo ele fala que o Vô pediu que nós escolhêssemos um nome para ele. Nossa! Aquilo foi uma diversão, mas deu trabalho, cada um tinha uma ideia diferente. Eu pensei em Alfredo, Estrelado, Zangado, enfim, em muitas possibilidades que foram recusadas por Léo, que ria das minhas sugestões. Ele também não teve lá essas ideias mirabolantes, sugeriu: Gaúcho, Boiadeiro, Chimarrão, também recusei todas, falei para ele que o animal não era gaúcho e sim nordestino. Pensamos, pensamos, até que começamos a observar que ele era bem amarelinho. Cogitamos chamá-lo de Amarelado, Amarelinho. Nada a ver, não ficaram legais esses nomes, desistimos.

Nesse instante, um pássaro pousou na cerca e começou a cantar. Léo olhou e falou que era um canário, Tajuba tinha mostrado um a ele na descida da serra. Olhamos para o bezerro e gritamos: Canário, o nome dele vai ser esse. Acho que ele gostou, pois balançou a cabeça em nossa direção.



“Caímos” na risada. Resolvemos retornar para o alpendre e avistamos o carro dos meus pais e mais à frente o do Vô. Corremos para a porteira para abri-la.

Papai para bem perto do alpendre. A mamãe desce. Eu corro em direção a ela, que me enche de beijos e abraços. Depois, corro para os braços do papai, que também faz o mesmo, mas ele dá um abraço me suspendendo do chão. Minha avó chega e é aquele abraço. Todos entram e sentam nas cadeiras que estão no alpendre.

Meus pais já sabiam de tudo, mas desconfio que Tajuba não contara do episódio da vaca. Minha mãe puxa a conversa:

- Foi lindo o seu gesto, filha, mas não pense que está livre do seu castigo.

Todos nós caímos na risada. Ficar o resto das férias aqui não era mais problema.

Nesse instante, o vô puxa um saquinho de dentro do bolso da calça. Abre e para minha surpresa são algumas moedas.

-Olhe, pessoal, eu deixei essas moedas para distribuir com vocês. O dinheiro que apurei com as outras deu para pagar o banco e ainda abri uma poupança para guardar o restante para o período de aperto. Separei um pouco do dinheiro para doar

para o abrigo dos idosos, é como se fosse a parte da família de Vicente, que já faleceram.

Vô entrega duas moedas a cada um de nós, Tajuba reluta em receber, mas o Vô insiste e ele acaba recebendo.

Tudo estava perfeito, mas eis que Tajuba faz um anúncio: ele precisa voltar para sua cidade na segunda-feira, pois houve algum problema no setor em que ele trabalha e só ele resolve, ou seja, eu só tinha mais um final de semana com Léo e com Tajuba também. Esse pensamento me deixa um pouco desanimada, tenho ainda um restante de férias e passar sem amigos não era legal. Mas resolvo aproveitar e viver dia após dia.

Passamos o final de semana na maior animação. Acabo descobrindo que tenho muita coisa em comum com Léo. Fizemos amizade com Canário e ele parece gostar do seu nome. No entanto, o inevitável aconteceu. É chegada a segunda-feira, o dia amanhece triste. Começo a sentir um aperto no peito e sei bem o que é: Léo vai embora e eu, que não fui com a cara dele, acabei gostando dele demais. Meus avós choram ao se despedirem deles e convidam para retornarem brevemente.

Meus pais e eu fomos deixá-los no aeroporto, que fica na capital do Estado, Natal. No caminho, não consegui conversar muito com Léo. Estávamos tristes. Depois de algumas horas, avisto o aeroporto. Sei o que isso significa e começo a ficar gelada.

A despedida foi dolorosa. Tajuba me abraça e depois vai falar com meus pais. Léo se aproxima e me dá um longo abraço, ele não fala quase nada, apenas me entrega um embrulho e pede que eu só abra na volta para casa. Sinto os olhos encherem de lágrimas, mas me contenho. Eles saem em direção ao embarque e eu os vejo sumirem no saguão do aeroporto. Meus pais sabem que estou triste e respeitam esse momento.

No caminho de volta, eu abro o embrulho e lá dentro vejo uma escultura de um coração com as letras iniciais dos nossos nomes. As lágrimas escorrem pelo meu rosto; ele gosta de mim, eu também não posso negar que a recíproca é verdadeira.



Deito no banco do carro e choro em silêncio. Acabo adormecendo em meio às lágrimas. Acordo ao som de uma música. Ainda estou dentro do veículo, meu pai dirige e minha mãe ouve uma canção, que desafinadamente tenta acompanhar o refrão que diz:

“Amigo é coisa para se guardar
No lado esquerdo do peito
Mesmo que o tempo e a distância digam "não"
Mesmo esquecendo a canção
O que importa é ouvir
A voz que vem do coração”

Olho e vejo o papai implorando para que eu a ajude a cantar. Isso me faz sorrir. Começo a cantar juntamente com a mamãe. Isso acaba me deixando feliz, mas meu coração está com saudade de Léo...

Fim

Proposta Metodológica

Caro(a) professor(a), o livro paradidático *O Castigo Veio a Cavallo* foi elaborado com o intuito de contribuir com o seu trabalho na disciplina de Geografia, além de oferecer a possibilidade de um trabalho interdisciplinar. Ele é um dos muitos recursos que você pode utilizar para incentivar a leitura, ao mesmo tempo que trabalha os conteúdos sugeridos nos PCNs de Geografia, além de oferecer a possibilidade de desenvolver um trabalho partindo da perspectiva regional, pois o enredo do livro se passa na Região do Seridó Potiguar. Essa abordagem se dá, principalmente, pelo fato de ter sido constatado, no diagnóstico realizado nas escolas municipais do município de Caicó/RN, que os alunos têm pouco conhecimento sobre essa região e que muitos professores alegam a falta de material com uma linguagem adequada para alunos do Ensino Fundamental, mais precisamente para o 6º ano.

As atividades que serão propostas a partir da leitura do livro paradidático são apenas sugestões. Não é nosso objetivo transformar em um receituário, o que fugiria da proposta de trabalho, haja vista que a sala de aula é heterogênea e a dinâmica que melhor se adéqua ao perfil dos alunos perpassa por você, professor, que está em sala de aula e que conhece a realidade vivida.

A proposta de trabalho que se dá a partir desse livro se ancora em uma leitura lúdica, no sentido de que não ocorram a obrigatoriedade e as cobranças através de avaliações fechadas e rígidas, uma vez que trabalhamos no sentido de sensibilizar o gosto pela leitura. Por essa razão, alertamos para o fato de que se deve sempre dar oportunidade aos alunos para terem contato com outros livros paradidáticos. Ressaltamos ainda a sua importância, educador, como mediador nesse processo. Nessa perspectiva, Ramos (1987, p. 31) expõe:

A emancipação do leitor inclui, necessariamente, a participação do professor, enquanto mediador: primeiramente é necessário, no âmbito da própria instituição, abrir espaço para que a criança e o jovem reflitam sobre sua condição pessoal, mediados pelo texto.

Dessa maneira, é importante que você desenvolva, nas suas aulas de Geografia, leituras e atividades que levem o aluno a refletir sobre o espaço geográfico onde está inserido e sobre qual o seu papel nesse espaço. A partir da leitura de *O Castigo Veio a Cavallo*, você poderá trabalhar os conceitos da Geografia, lugar e

paisagem, além dos conteúdos que os alunos pesquisados apontaram que têm mais dificuldade: mapas, orientação espacial e relevo. No entanto, não nos limitamos apenas a esses temas; inserimos, também, outros para enriquecer o trabalho: vegetação nativa (caatinga); desmatamento; poluição ambiental e aspectos culturais e econômicos da Região do Seridó/RN. Parte de uma perspectiva regional, tendo em vista que o livro didático, material comumente utilizado em sala de aula, retrata na maioria das vezes uma realidade distante dos alunos, pois é um recurso produzido para um território com uma diversidade muito grande⁷.

Ressaltamos, ainda, que a narrativa se passa no ano de 1990, no interior da Região do Seridó Potiguar, o que justifica a retomada de uma vivência baseada em moldes que hoje podem ser vistos como arcaicos, mas que na época eram típicos do interior do estado do Rio Grande do Norte, a exemplo da energia elétrica e da água encanada, que eram mais comuns na área urbana, assim como a TV e o telefone. Corroboramos o que a pesquisadora Amarilha (1997, p. 91) discorre, quando salienta que, “[...] através da viagem no tempo proposta pelo texto, o leitor conhece o coletivo passado e o coletivo presente. De posse desse material, ele pode construir referências para o momento que vive e para o seu futuro”.

Esperamos, assim, que essa literatura, com funcionalidade paradidática, contribua com sua prática docente, tornando o trabalho com leitura mais lúdico e interessante, incentivando os alunos a serem agentes mais ativos de sua aprendizagem, colaborando no processo de ensino-aprendizagem, além de oportunizar uma disciplina escolar mais significativa na reflexão dos alunos, mostrando-lhes que o que é ensinado e aprendido faz sentido para sua vida.

Resenha

A obra é narrada do ponto de vista de Beli, uma inquieta adolescente que se mete numa travessura e, de quebra, perde a tão sonhada viagem de férias com suas amigas. Por isso, ela tem que passar suas férias na casa de seus avós, que residem na zona rural. Beli é filha de Lú, uma professora de pulso forte; já seu pai é um homem

⁷ Nesta pesquisa, trabalhamos com os conceitos de paisagem e lugar na perspectiva de Santos e Tuan. Mesmo tendo ciência de que ambos se fundamentam em correntes do pensamento distintas, reportamo-nos a esses autores devido a utilizarmos como parâmetro os PCNs de Geografia, que utiliza os conceitos dos referidos autores para fundamentação dos conceitos de paisagem e lugar.

calmo, que trabalha com contabilidade. Beli acaba indo passar suas férias no sítio de seus avós maternos, com uma companhia que nada lhe agrada: o garoto Leonardo, que viera acompanhado do tio Tajuba, um ávido pesquisador da vegetação nativa da Região Seridó Potiguar.

O que para Beli parecia ser as piores e mais entediadas férias de sua vida acaba se transformando em uma grande aventura, que se inicia a partir do momento em que ela encontra um suposto mapa do tesouro. Assim, o que poderia ser uma simples brincadeira torna-se uma grande aventura por municípios do Seridó, onde eles buscam desvendar pistas para encontrar o tesouro e salvar a fazenda do vô Chico.

Quadro-Síntese

Gênero: Narrativa (novela)

Palavras-chave: paisagem, lugar, viagem, mapa, aventura, tesouro

Áreas envolvidas: Geografia, História, Ciências, Língua Portuguesa

Temas transversais: ética, meio ambiente, pluralidade cultural

Público-alvo: 6º ano do Ensino Fundamental

Sugestões de Atividades

1- Caro professor, antes de sugerir aos alunos a leitura do livro paradidático *O Castigo Veio a Cavallo*, realize uma roda de conversa com eles. Peça para cada aluno citar o nome de um livro de que eles gostaram de ler, de qualquer gênero. Se houver resistência, comece por você, falando de uma obra que você gostou. Utilize uma cartolina ou outro papel e escreva com letras grandes os títulos dos livros e o nome do aluno que indicou. Não se esqueça de se incluir nessa atividade.

(No momento do seu planejamento, organize um slide com imagens da capa dos livros sugeridos pelos alunos. Caso não seja possível, utilize o próprio cartaz confeccionado em sala. A dinâmica da próxima aula é despertar a curiosidade para a leitura do paradidático, para tanto, você pode utilizar a estratégia a seguir).

2- Em sala, organize outra roda de conversa e, dessa vez, apresente os títulos dos livros sugeridos pelos alunos na aula anterior. Leia em voz alta e peça para a turma falar, a partir do título, do que trata o enredo da história. O aluno que indicou não pode dar pistas. No momento de revelar o enredo de cada livro, peça para o próprio estudante que indicou para realizar essa atividade. Concluída essa tarefa, apresente um *slide* ou cartaz com o nome do livro que você irá trabalhar nas aulas de Geografia.

O castigo veio a cavalo

(Construa um novo cartaz com sugestões do que os alunos acham que esse livro vai tratar. Guarde esse cartaz para uma atividade posterior à leitura do paradidático).

- 3-** Planeje com a turma como será realizada a leitura. Vale destacar que o trabalho com o livro paradidático pode ser realizado paralelamente ao livro didático, de forma que você trabalhe os conteúdos referentes à Geografia e aborde com os alunos a partir do enredo da história, trabalhando em uma perspectiva local.
- 4-** No capítulo IV, os personagens sobem a Serra de São Bernardo e de lá visualizam a paisagem transformada. Aproveite esse momento e leve seus alunos para uma aula ao ar livre, na própria localidade onde eles estudam. Peça para eles observarem e anotarem as transformações sofridas. Nessa oportunidade, você pode trabalhar paisagem natural e paisagem cultural, conteúdo abordado na maioria dos livros didáticos do 6º ano. Aproveite para questionar os alunos sobre as construções antigas e novas, abordando a funcionalidade de cada uma em momentos distintos. Instigue os educandos para

eles perceberem que, à medida que o homem transforma o espaço, provoca também alterações na natureza. Use o exemplo do livro paradidático, quando os personagens estão na serra, além de usar exemplos da própria localidade onde os alunos residem.

- 5- No capítulo II, Beli descreve o sítio dos seus avós no plano horizontal, mas, quando ela sobe a serra, no capítulo IV, ela faz uma descrição diferente do mesmo espaço. Como tarefa de casa, solicite que os alunos façam uma descrição do lugar onde moram, tanto em um plano horizontal quanto vertical. É uma oportunidade para revisar lateralidade, assunto abordado no 5º ano. Marque o dia para receber a tarefa.

(Durante o seu planejamento, enumere as descrições que os alunos entregaram e anote no seu caderno um número e o respectivo nome do aluno. Depois, apague os nomes dos alunos dos textos, de forma que eles não identifiquem quem escreveu).

- 6- Na próxima aula, desenvolva a seguinte atividade: entregue uma descrição para cada aluno, tendo cuidado para o aluno não receber a mesma que ele fez. Entregue uma folha em branco e peça para os alunos desenharem o que está descrito. Em seguida, peça para cada um apresentar seu desenho à turma, falando as características que estejam expressas no desenho do colega que está apresentando. A partir dessa atividade, você pode introduzir o conteúdo “paisagem e seus elementos”, pois os alunos retrataram paisagens diversas do seu cotidiano. É importante, também, abordar paisagens que não são do cotidiano dos alunos, como as que são apresentadas no livro didático ou em outro recurso didático.
- 7- No capítulo VI, Beli está muito triste, pois sabe da real possibilidade de os avós perderem o sítio. Ela expõe a importância que aquele lugar tem para seus avós, o que é enfatizado também na fala de vô Chico. Nessa oportunidade, você pode trabalhar o conceito de lugar a partir da seguinte atividade (pode ser em grupo ou individual, depende do perfil da sua turma): Solicite que os alunos entrevistem duas pessoas, uma que sempre residiu na localidade onde vive e outra que morou em outra cidade. A atividade que eles devem fazer é a seguinte: cite o nome de um lugar preferido e descreva-o. Os alunos devem trazer esse registro para a classe. Em sala, peça para que comparem as respostas com as dos

colegas e juntos formulem um conceito de lugar. Você pode trabalhar a alimentação que a vó Rita serve, uma vez que os alimentos têm forte ligação com o lugar, o cheiro, o paladar.

- 8- Beli acaba quebrando o quadro de estimação da sua avó, mas, por arte do destino, encontra um velho mapa. Nessa narrativa no capítulo VII, você poderá trabalhar com orientação, através da rosa dos ventos utilizada no mapa. É interessante que você já tenha iniciado esse conteúdo com os alunos. Após a leitura do texto, combine com os alunos uma caça ao tesouro. Divida a turma em grupos, de modo que cada grupo tenha um outro grupo para realizar a atividade. Registre no seu caderno os nomes dos participantes de cada grupo. Explique aos alunos que, na próxima aula, cada grupo deve trazer um objeto (ênfatize que não deve ser de valor, pois há o risco de perdas e avarias). Oriente os alunos a não trazerem nada muito grande, já que eles irão esconder, nem muito pequeno, pois dificulta a visualização. Na aula marcada, explique que cada grupo vai esconder o objeto em um espaço na escola – ou em outro lugar disponível – depois voltarão para sala e elaborarão (desenhar) um mapa, contendo pistas, legenda, título, rosa dos ventos, que servirá de orientação para o outro grupo encontrar o “tesouro”. Defina os grupos assim: grupo 1 vai elaborar um mapa para o grupo 2 e vice-versa, grupo 3 vai elaborar para o grupo 4. Na hora de liberar os alunos para esconderem o tesouro (objeto), lembre-se de liberar os grupos que não estão “duelando”. Exemplo: vão sair grupo 1 e 3, quando eles voltarem é que vão os grupos 2 e 4. Quando esconderem seus tesouros, inicie o trabalho de confecção dos mapas. Determine um tempo. Concluída essa etapa, os grupos irão trocar os mapas e você deve dar a largada de caça ao tesouro. À medida que forem encontrando o tesouro, eles devem retornar para a sala. É importante determinar um tempo, tendo em vista que alguns grupos podem não encontrar o tesouro, devido à dificuldade de interpretação do mapa. Você deve deixar um tempo para discutir o sucesso e o insucesso dos grupos; dê oportunidade para que cada grupo relate o que aconteceu. Observe que os alunos podem dar sugestões do que deveria ter no mapa. Trata-se de um momento para explorar a percepção dos alunos. É importante levar esses mapas para casa e fazer a correção, depois devolver para os grupos observarem o que foi legal e o que é necessário modificar.

- 9-** No capítulo XI, a narrativa se passa em torno do planalto da Borborema e da Serra do Chapéu. Aproveite esse momento para desenvolver com os alunos um trabalho sobre mapa, destacando o mapa físico do Rio Grande do Norte. Explore os elementos de um mapa, aguace os alunos para as cores utilizadas e os pontos mais elevados do estado. Atente para a altitude. Aproveite para pedir que os alunos comparem com relevos de outras localidades.
- 10-** O capítulo III traz a descrição de uma típica casa da Região do Seridó Potiguar. Aproveite essa oportunidade para trabalhar os espaços dessa estrutura e como se organizava uma família. Peça para os alunos desenharem uma planta baixa (representação gráfica de uma construção, em escala, onde cada ambiente é visto de cima, sem telhado) da sua própria casa e trazerem para a sala de aula. Nessa oportunidade, aproveite para trabalhar a dinâmica da família seridoense no século XIX e nos dias atuais. Você estará trabalhando também noções de escala.
- 11-** O capítulo IX retrata a chegada dos personagens ao município de Carnaúba dos Dantas e todo o drama que foi para Beli conseguir subir o Monte do Galo. Aproveite essa leitura e organize uma aula de campo com sua turma. A seguir, sugerimos uma proposta que você pode adequar à realidade da sua turma: você pode trabalhar conteúdos como relevo, extrativismo vegetal, paisagem e lugar. Vale lembrar que Carnaúba dos Dantas possui outros espaços que podem ser visitados, como o Castelo de Bivar, o sítio arqueológico, o museu, entre outros.

Aula de Campo

A aula de campo é uma ótima oportunidade de diversificar a aula. De acordo com os PCNs de Geografia (2001, p. 34), “é relevante lembrar que grande parte da compreensão da Geografia passa pelo olhar. Saídas com os alunos em excursões ou passeios didáticos são fundamentais para ensiná-los a observar a paisagem. A observação permite explicações sem necessidade de longos discursos”.

A aula de campo deve ser iniciada com um trabalho em sala de aula: o chamado “pré-campo”. Realize uma reunião com a turma para ser apresentada a proposta do roteiro da viagem e ouvir as sugestões dos alunos, procurando adequar ao planejamento da aula. Concluída essa fase, serão iniciados o trabalho de pesquisa e os estudos de textos sobre o lugar a ser visitado. Os discentes serão divididos em

grupos para realizarem essas pesquisas, de modo que cada grupo fique com uma das seguintes temáticas:

- Dados do município (população, hidrografia etc.)
- Relevo, clima e vegetação
- Atividades econômicas

Coletados os dados, os grupos apresentarão a pesquisa para a turma, promovendo assim um reconhecimento do município que será visitado. O próximo passo se dará em torno dos trabalhos que os alunos irão realizar durante a aula e o pós-campo. As atividades sugeridas são as seguintes:

- Registro fotográfico
- Esboço da paisagem
- Entrevista
- Registro escrito

A turma será dividida em quatro grupos, de acordo com as habilidades para os temas acima propostos. Cada um receberá as orientações sobre o seu trabalho.

O grupo da fotografia receberá máquinas fotográficas (ou os próprios celulares dos alunos) para realizar registros dos momentos da aula. O grupo do desenho receberá pranchetas com folhas brancas para fazer desenhos da paisagem. O grupo da entrevista deve aplicar a seguinte entrevista: qual o seu lugar preferido em Carnaúba dos Dantas? Por quê? Oriente o grupo a pedir que o entrevistado descreva o lugar (uma sugestão é solicitar que os alunos escolham um morador mais idoso e uma pessoa mais jovem, haja vista que as percepções são diferentes). O grupo do registro escrito irá realizar anotações no decorrer das falas do guia local (que acompanhará a visita) e outros aspectos que considerar pertinente. No retorno para a sala, haverá uma aula para ouvir os relatos dos alunos e explicar como serão feitas as atividades pós-campo de cada grupo.

- O grupo da fotografia irá selecionar as fotos, a fim de realizar uma exposição fotográfica. Após a seleção, as fotos serão impressas para serem coladas em cartolinas (de preferência, preta) para expor em uma sala de aula. Os alunos deverão escolher o nome da exposição fotográfica e organizar sua fala para acompanhar os visitantes durante a exposição.

- O grupo do esboço irá ampliar seus desenhos para um tecido de algodão natural; irão pintar e expor no corredor da escola; e organizarão suas alocações para apresentarem sua obra aos visitantes.
- O grupo das entrevistas deverá construir materiais com sucatas que reproduzam um lugar citado pelos entrevistados.
- O grupo do registro escrito organizará panfletos com informações sobre o município visitado para serem entregues aos visitantes.

Todos esses trabalhos serão apresentados como uma feira do conhecimento, sendo aberta às escolas do município e às turmas da própria escola. Espera-se dessa forma que se desenvolva um trabalho que tenha significado para os alunos, mostrando para a comunidade escolar a importância de se realizarem aulas de campo como instrumento de ensino-aprendizagem.

Outra sugestão de aula de campo

No capítulo XI, os personagens se deparam com a Mina Brejuí. É uma ótima oportunidade de realizar outra aula de campo, tendo em vista que conhecer uma mina desperta muito a curiosidade dos alunos. Nessa oportunidade, você vai poder trabalhar a questão do planalto da Borborema, que funciona como uma barreira física para a passagem das chuvas, além de trabalhar o extrativismo mineral. Como na proposta anterior de aula de campo, faz-se necessário realizar algum estudo antes da aula. Aproveite para discutir com os alunos o auge da produção mineira em Currais Novos, bem como a estrutura que foi construída a partir do lucro dessa produção. Na aula de campo, os alunos terão oportunidade de visitar o Museu Salustiano, visitar a mina e visualizar a Serra do Chapéu – que faz parte do planalto da Borborema. Em sala, você pode confeccionar maquete do relevo, a partir do que os alunos visualizaram e do mapa que está disponível no paradiático. Outra sugestão é visitar o Museu do Sertanejo, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário e o açude Gargalheiras em Acari.

12- Faça cópias de mapa do RN e peça para os alunos irem identificando os lugares onde os personagens estão passando. Você pode sugerir que eles realizem pesquisas sobre esses municípios.

13- No decorrer do enredo, a cozinha é um espaço bastante visitado pelos personagens, além da presença de farta alimentação. Desenvolva, em conjunto com o professor de Ciências, uma aula sobre comidas típicas seridoenses e faça um paralelo com a alimentação dos próprios alunos. Se possível, organize uma aula com degustação desses alimentos.

14- Aborde com seus alunos a questão das pistas que foram deixadas no mapa que se dão em torno de eventos religiosos. Enfatize que a formação da região de Seridó Potiguar se forjou a partir de uma “cartografia religiosa”, herança dos colonizadores portugueses. Você pode consultar o livro da professora Ione Moraes, *Seridó Norte-rio-grandense: uma Geografia da resistência*, que aborda esse aspecto.

15- No capítulo XI, Beli é salva pelo vaqueiro Vicente, personagem que teve um papel importante na região durante o auge da criação de gado. Organize os alunos em grupo e solicite que eles imaginem que são repórteres e que precisam entrevistar um típico vaqueiro do século XIX, bem como o vaqueiro Vicente que vive no final do século XX. Fica a cargo dos alunos elaborar as perguntas e realizar a pesquisa para responderem suas questões. O trabalho deve ser apresentado em sala. Se houver algum vaqueiro no município, convide-o para uma roda de conversa e peça para ele cantar o “aboio”. Se não for possível, leve algum vídeo ou gravação (disponível em *sites*).

16- Incentive os alunos a criarem novos textos a partir da leitura de *O Castigo Veio a Cavalô*. Sugira que eles mudem o enredo de algum capítulo, criando outros.

17- Se na escola houver acesso à internet, desenvolva com os alunos uma pesquisa no *site* do IBGE sobre os municípios do Seridó, abordando aspectos que você está trabalhando em sala de aula.

18- Você pode realizar com os alunos um “Soletrando Geográfico”, utilizando palavras dos verbetes contidas no decorrer do livro paradidático. Eles poderão, de uma forma lúdica, agregar novas palavras ao seu vocabulário.

19- Durante a leitura do capítulo IV, Vô Chico fala sobre algumas plantas frutíferas da caatinga. É uma ótima oportunidade de trabalhar com os alunos matas nativas da região. Pode ser organizada uma “feira” na escola com amostras de frutas para que as demais turmas conheçam.

20- Beli observa um homem montado em um jumento tangendo o gado (capítulo IV). Aborde com os alunos se, hoje, isso é uma característica da vida no campo. Você pode trabalhar a modernidade que está presente em muitas áreas rurais.

21- Beli descreve como Vó Rita lava louça e como é o banho de cuia. Aproveite esse momento para trabalhar a importância do racionamento de água, usando esses dois métodos utilizados pelos personagens. Aborde a questão do desperdício de água que existe na atualidade, principalmente na Região do Seridó.

22- Durante a história, os personagens sempre têm uma mesa farta. Alerta os alunos a respeito de que essa não é uma característica de todas as famílias seridoenses, principalmente em período de estiagem.

23- Caro professor, você pode trabalhar a questão de gênero a partir do aspecto de que Vó Rita sempre fica na cozinha realizando trabalhos domésticos. Destaque para os alunos que isso já foi uma característica muito forte nos lares seridoenses, assim como no Brasil, mas que vem mudando com o passar do tempo. Ressalte que esse tipo de trabalho independe de gênero, pois todos podem ajudar com tarefas domésticas.

Essas atividades são apenas sugestões para você, professor, desenvolver com seus alunos. No entanto, você tem autonomia para criar outras metodologias e adequar as que sugerimos.

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA DO 6º ANO



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES – CCHLA
CENTRO SUPERIOR DO SERIDÓ – CERES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – MESTRADO
PROFISSIONAL**

Prezado(a) professor(a), gostaria que você respondesse este questionário que será utilizado em uma pesquisa que visa à elaboração de um livro paradidático, com o intuito de melhorar o processo de ensino-aprendizagem dos conteúdos da Geografia trabalhados no 6º ano. No sentido de garantir o anonimato das informações, não solicito sua identificação nominal.

Agradeço, desde já, a sua colaboração.

Nome da escola: _____

Turma que leciona: 6º ____, Número de alunos: _____

1) Quais os maiores desafios em trabalhar com Geografia no 6º ano do Ensino Fundamental?

2) Os alunos apresentam dificuldade em compreender quais conteúdos? Essas dificuldades você atribui a quê?

3) Você realiza atividades que incentiva a leitura? Se a resposta for afirmativa, cite-as; caso contrário, explique o fato de não desenvolver esse tipo de atividade.

Sim () Não ()

4) Seus alunos gostam de ler?

Sim () Não ()

5) Você sabe o que é um livro paradidático?

Sim () Não ()

6) Na sua opinião, qual o objetivo dos livros paradidáticos?

7) Você já tentou trabalhar com livros paradidáticos no ensino de Geografia? Se a resposta for afirmativa, relate sua experiência; caso contrário, justifique o porquê de não ter tentado.

Sim () Não ()

8) Você, como professor de Geografia, sente falta nos livros didáticos de assuntos que abordem questões da Região do Seridó-RN, aproximando mais o aluno da realidade local? Deixe seu comentário.

9) Você trabalha os conteúdos da Geografia relacionando com a Região do Seridó-RN? Justifique.

10) O que você acha de trabalhar com um livro paradidático, atrelado ao livro didático, que abordasse características da Região do Seridó-RN?

Muito Obrigada!

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS DO 6º ANO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES – CCHLA
CENTRO SUPERIOR DO SERIDÓ – CERES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – MESTRADO
PROFISSIONAL

Prezado(a) aluno(a), gostaria que você respondesse este questionário que será utilizado em uma pesquisa que visa à elaboração de um livro paradidático, com o intuito de melhorar o ensino de Geografia no 6º ano. No sentido de garantir o anonimato das informações, não solicito sua identificação.

Agradeço, desde já, a sua colaboração.

Nome da escola: _____ Turma: 6º _____

1) Dos itens abaixo, marque **duas** atividades preferidas.

- a) (☐) Assistir TV
- b) (☐) Ficar jogando no celular
- c) (☐) Conversar com amigos na calçada, pracinha
- d) (☐) Ficar conectado ao Facebook
- e) (☐) Ler um livro
- f) (☐) Outra opção. Qual?

2) Você gosta de ler?

Sim (☐) ou Não (☐). Por quê?

3) Você acha que a leitura é importante para o processo de ensino-aprendizagem?

Sim (☐) ou Não (☐). Por quê?

4) Você gosta de ler livros que contenham histórias de?

Escolha **uma ou duas** opções. Caso queira, pode sugerir outra.

a) Aventura

e) Comédia (engraçado)

b) Romance

f) Outra opção.

c) Religioso

Qual? _____

d) Suspense

5) Escreva os nomes de dois livros que você leu que mais lhe encantaram.

6) Por que você gostou tanto desses livros? O que eles tinham de especial?

7) Quando você olha para um livro, o que mais chama a sua atenção? Pode escrever até duas opções.

8) Você gosta de?

Ler sozinho () ou Ouvir alguém lendo ()

9) Quais os conteúdos de Geografia estudados no 6º ano que você tem mais dificuldade?

a) () Paisagem

b) () Lugar

c) () Orientação

d) () Leituras de mapa

e) () Relevo

f) () Clima

g) () Vegetação

h) () Nenhum

i) () Outra sugestão

10) O professor de Geografia costuma realizar leitura?

a) () Utilizando o livro didático

b) () Usa outros livros para trabalhar a leitura

c) () Não trabalha leitura

11) Você gosta de realizar leitura utilizando o livro didático?

Sim () ou Não ()

12) O que você sabe sobre a Região do Seridó-RN?

Muito obrigada pela sua participação!

APÊNDICE D – LISTA DE LIVROS PREFERIDOS PELOS ALUNOS DO 6º ANO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES – CCHLA
CENTRO SUPERIOR DO SERIDÓ – CERES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – MESTRADO
PROFISSIONAL

LIVROS PREFERIDOS DOS ALUNOS

TÍTULOS DOS LIVROS⁸	QUANTIDADES DE ALUNOS
A Turma da Mônica	26 alunos
O Pequeno Príncipe	18 alunos
Diário de um Banana	13 alunos
A Culpa é das Estrelas	13 alunos
Branca de Neve	08 alunos
Os Três Porquinhos	08 alunos
Harry Potter	06 alunos
Alice no País das Maravilhas	06 alunos
Cinderela	06 alunos
Chapeuzinho Vermelho	05 alunos
O Menino Maluquinho	05 alunos
A Pequena Sereia	05 alunos
Pinóquio	05 alunos
A Bela Adormecida	05 alunos
Otolina e a Gata Amarela	04 alunos
Aventuras de Tim Tim	03 alunos
Peter Pan	03 alunos
Romeu e Julieta	03 alunos
A Lenda dos Guardiões	03 alunos
A Bela e a Fera	03 alunos
As Reinações de Narizinho	03 alunos
Cadê meu Travesseiro	02 alunos
Cinquenta Tons de Cinza	02 alunos

⁸ Os títulos com grifos são filmes, não encontramos nenhum livro com esses títulos.

<u>Velozes e Furiosos</u>	02 alunos
A Menina que Roubava Livros	02 alunos
O Hobbit	02 alunos
Menina Bonita do Laço de Fita	02 alunos
O Pássaro de Fogo	02 alunos
Oi, sou Ronaldinho Gaúcho	02 alunos
Fala Sêrio	01 aluno
A Bíblia	01 aluno
O Guarda-Chuva do Vovô	01 aluno
Nunca Desista dos seus Sonhos	01 aluno
Pedrao o Campeão	01 aluno
Simba	01 aluno
A Arte da Felicidade	01 aluno
O Ladrão de Raios	01 aluno
A Moreninha	01 aluno
Diário de uma Garota nada Popular	01 aluno
Irmãs Vampiras	01 aluno
Um Dia de Princesa	01 aluno
Tarzan	01 aluno
Quem Conta é um Conto	01 aluno
O Mágico de Oz	01 aluno
As Estrelas e as Moedas de Ouro	01 aluno
Viúva Negra	01 aluno
Aventura nos Sete Mares	01 aluno
Coelho Mau	01 aluno
Livro de Português	01 aluno
Livro de Matemática	01 aluno
Naruto	01 aluno
Rota Fantasma	01 aluno
Max Mosca. Um Detetive Particular	01 aluno
Até as Princesas Soltam Puns	01 aluno
A Maldição do Tigre	01 aluno
O Fantasma da Torre	01 aluno
TMJ (Turma da Mônica Jovem)	01 aluno
O Vestido Azul	01 aluno
Amor e Coração	01 aluno
Beije-me antes de Morrer	01 aluno
Quem é Você Alasca	01 aluno
O Guardião e a Esperança	01 aluno

As Crônicas de Nárnia	01 aluno
Aladim	01 aluno
O Lobo e o Carneiro	01 aluno
O Corvo e a Raposa	01 aluno
O Patinho Feio	01 aluno
João e Maria	01 aluno
Adão e Eva	01 aluno
Turma do Pererê	01 aluno
Uma Aventura na Floresta	01 aluno
Uma Aventura na Ilha	01 aluno
O Macaco	01 aluno
A Fantástica Fábrica de Chocolate	01 aluno
Chapeuzinho Amarelo	01 aluno
Rosa Flor e Moura Torta	01 aluno
Só um Minutinho	01 aluno
Chaves	01 aluno
A Viagem de Carolina	01 aluno
Zebra Engraçada	01 aluno
A Mãe e o Filho da Mãe	01 aluno
Mafalda	01 aluno
O Príncipe é Meu	01 aluno
Súria, a Garota do Circo	01 aluno
A Árvore de Dinheiro	01 aluno
Gatos Guerreiros na Floresta	01 aluno
O Cangaceiro	01 aluno
João e o Pé de Feijão	01 aluno
O Caçador de Pipas	01 aluno
Charles na Escola de Dragão	01 aluno
Era uma vez Meia-Noite	01 aluno
O Homem da Lua	01 aluno
A Mula sem Cabeça	01 aluno
O Lobisomem	01 aluno
Sua Gata Amarela	01 aluno
Cobras e Lagartos	01 aluno
Sete Histórias para Remexer o Esqueleto	01 aluno
Batman	01 aluno
Mineiro Mável	01 aluno
Coach	01 aluno
P.S Eu Te Amo	01 aluno

Bruxa, Bruxa Vamos a Minha Festa	01 aluno
Deus Grego	01 aluno
Poemas de Amor	01 aluno
Sete Patinhos na Lagoa	01 aluno
Saci Pererê	01 aluno
O Homem que Escuta os Mortos	01 aluno
Do Outro Lado do Moro	01 aluno
Soldadinho de Chumbo	01 aluno
A Seleção	01 aluno
Pato Donald	01 aluno
Uma Aventura Animal	01 aluno
O Monstro	01 aluno
O Leão do Norte	01 aluno
O Mistério na Ilha	01 aluno
<u>Kung Fu Panda</u>	01 aluno
As Aventuras de Pi	01 aluno
A Semana do Meu Ex	01 aluno
O Diário do Tecelão	01 aluno
A Princesa que Perdeu o Azul dos Olhos	01 aluno
Caroline	01 aluno
Lua Nova	01 aluno
Amanda no País das Vitaminas	01 aluno
Querido Diário Otário	01 aluno
Coração na Bolsa	01 aluno
Felipe na Casa Mal Assombrada	01 aluno
Jonas e o Grande Peixe	01 aluno
O Velho, o Menino e o Burro	01 aluno
Não se Iluda Não	01 aluno
A Menina que não Sabia Ler	01 aluno
A Escola Amigável	01 aluno
O cara	01 aluno
O Menino Travesso	01 aluno
O Homem que Roubava as Horas	01 aluno
O Lagarto que tinha Medo de Voar	01 aluno
Sussurros do Luar	01 aluno
A Família da Gente é Diferente	01 aluno
Floresta Negra	01 aluno
Vinte Mil Léguas Submarinas	01 aluno
O Príncipe Téio	01 aluno

APÊNDICE E – LOCALIDADES POR ONDE OS PERSONAGENS PASSARAM

Fotografia 1 – Serra de São Bernardo/Caicó/RN⁹



Fonte: Arquivo da autora, 2017.

⁹ Próxima a essa serra, fica localizada a casa do Vô Chico e da Vô Rita, personagens do livro paradidático.

Fotografia 2 – Trilha na Serra de São Bernardo/Caicó/RN¹⁰



Fonte: Arquivo da autora, 2017.

Fotografia 3 – Curral construído na parte superior da Serra de São Bernardo/Caicó/RN¹¹



¹⁰ Trajeto realizado pelos personagens Beli, Tajuba e Vô Chico, para chegar ao topo da serra.

¹¹ Um dos locais descritos por Beli.

Fonte: Arquivo da autora, 2017.

Fotografia 4 – Carnaúba dos Dantas¹²



Fonte: Arquivo da autora, 2016.

Fotografia 5 – Carnaúba dos Dantas/Acesso ao Monte do Galo¹³



Fonte: Arquivo da autora, 2016.

¹² Uma das paisagens descritas por Beli quando se encontra no topo do Monte do Galo.

¹³ Subida realizada pelos personagens, onde Beli reclama de dores nas pernas.

Fotografia 6 – Carnaúba dos Dantas/Monte do Galo¹⁴



Fonte: Arquivo da autora, 2016.

Fotografia 7 – Carnaúba dos Dantas/Topo do Monte do Galo¹⁵



Fonte: Arquivo da autora, 2016.

¹⁴ Casinha azul descrita por Beli, onde ela pensa em amarrar várias fitinhas.

¹⁵ Visual descrito por Beli, após tomarem café no topo do Monte do Galo.

Fotografia 8 – Coreto de Serra Negra do Norte¹⁶



Fonte: Arquivo da autora, 2017.

Fotografia 9 – Igreja Matriz de Nossa Senhora do Ó; ao fundo, uma das serras que margeiam a cidade de Serra Negra do Norte¹⁷



Fonte: Arquivo da autora, 2017.

¹⁶ Local onde Tajuba, Beli e Léo sentam para observar a igreja.

¹⁷ Cenário descrito por Beli, ao chegar em frente à igreja.

Fotografia 10 – Altar da Igreja de Nossa Senhora do Ó: Serra Negra do Norte¹⁸



Fonte: Arquivo da autora, 2017.

¹⁸ Local onde os personagens tentam desvendar o mistério do roubo da santa.

Fotografia 11 – Foto do quadro da Imagem Original que foi roubada: Serra Negra do Norte¹⁹



Fonte: Arquivo da autora, 2017.

Fotografia 12 – Entrada do complexo da Mina Brejuf²⁰



Fonte: Arquivo da autora, 2017.

¹⁹ Momento em que eles percebem que a imagem tem uma barriga mais proeminente, confirmando, assim, a história contada por Padre João.

²⁰ Estrada indicada pelo vaqueiro Vicente para os personagens chegarem até a mina.

Fotografia 13 – Portão de acesso ao complexo da Mina Brejuí



Fonte: Arquivo da autora, 2017.

Fotografia 14 – Pátio interno do complexo da Mina Brejuí



Fonte: Arquivo da autora, 2017.

Fotografia 15 – Tratamento do minério: Mina Brejuí



Fonte: Arquivo da autora, 2017.

Fotografia 16 – Entrada de um dos túneis da Mina Brejuí²¹



Fonte: Arquivo da autora, 2017.

²¹ Túnel em que Beli, Tajuba e Léo entraram acompanhados do guia João.

Fotografia 17 – Vista da Serra do Chapéu/Município de Currais Novos²²



Fonte: Arquivo da autora, 2017.

²² Passagem onde Beli e Léo gritam pelo nome da Serra do Chapéu.

Fotografia 18 – Igreja de Nossa Senhora do Rosário/Município de Acari²³



Fonte: Arquivo da autora, 2017.

²³ Igreja que Beli achou parecida com um rosto de uma pessoa sorrindo.

Fotografia 19 – Museu do Sertanejo/Município de Acari²⁴



Fonte: Arquivo da autora, 2017.

Fotografia 20 – Açude Gargalheiras/Município de Acari²⁵



Fonte: Arquivo da autora, 2017.

²⁴ Local que Tajuba fala para Léo da importância de pintar as construções com cores claras.

²⁵ Visual descrito por Beli ao chegar na pousada.

Fotografia 21 – Pousada Gargalheiras/Município de Acari²⁶



Fonte: Arquivo da autora, 2017.

²⁶ Local onde os personagens almoçaram.